

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**RELAÇÕES E TENSÕES EM CAMPO: TIPIFICAÇÕES E CULTURA VIVIDA  
NA SÉRIE ESPECIAL DO JORNAL NACIONAL COM OS JOGADORES DA  
SELEÇÃO BRASILEIRA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Lauren Santos Steffen**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2016**

**RELAÇÕES E TENSÕES EM CAMPO: TIPIIFICAÇÕES E CULTURA VIVIDA  
NA SÉRIE ESPECIAL DO JORNAL NACIONAL COM OS JOGADORES DA  
SELEÇÃO BRASILEIRA**

**Lauren Santos Steffen**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação.**

**Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2016**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado  
**RELAÇÕES E TENSÕES EM CAMPO: TIPIFICAÇÕES E CULTURA VIVIDA  
NA SÉRIE ESPECIAL DO JORNAL NACIONAL COM OS JOGADORES DA  
SELEÇÃO BRASILEIRA**

elaborada por

**Lauren Santos Steffen**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
**Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

  
**Ana Luiza Coiro Moraes, Dr<sup>a</sup>. (Faculdade Cásper Líbero) – por videoconferência**

  
**Marli Hatje Hammes, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

Santa Maria, 2016

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por iluminar sempre o meu caminho e por colocar pessoas muito especiais ao meu redor.

À minha família, pelo apoio e pelo amor incondicional. Vocês são a grande inspiração da minha vida. Obrigada por reconhecerem a importância da educação e por me incentivarem a voar cada vez mais alto.

Ao meu namorado, por me propor novos desafios e por me mostrar diferentes perspectivas, sempre com muito amor e carinho.

Aos meus amigos, de perto e de longe, que me incentivaram ao longo do percurso, compartilhando as angústias e dividindo as descobertas.

Aos meus colegas do mestrado, pela companhia, amizade e motivação. Poder contar com vocês fez toda a diferença.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho, pela escuta atenciosa e pela capacidade de contagiar a todos com seu conhecimento e sua paixão pela pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, pela compreensão e pelas palavras de incentivo.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, que contribuíram para o meu desenvolvimento como pessoa e como pesquisadora.

Por fim, agradeço a todos os professores que já passaram pela minha vida, que ajudaram a formar e a transformar a minha visão de mundo.

## **O Jogador**

“O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar nem a se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar. Os empresários podem comprá-lo, vendê-lo, emprestá-lo; e ele se deixa levar pela promessa de mais lama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso faz, e mais dinheiro ganha, mais está preso. Submetido a uma disciplina militar, sofre todo dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submete aos bombardeios de analgésicos e às infiltrações de cortisona que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera das partidas importantes, ele, preso num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, come comidas sem graça, se embebeda com água e dorme sozinho. Nas outras profissões humanas, o ocaso chega com a velhice, mas o jogador de futebol pode ser velho aos trinta anos”.

*(Eduardo Galeano – Futebol ao Sol e à Sombra)*

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **RELAÇÕES E TENSÕES EM CAMPO: TIPIFICAÇÕES E CULTURA VIVIDA NA SÉRIE ESPECIAL DO JORNAL NACIONAL COM OS JOGADORES DA SELEÇÃO BRASILEIRA**

AUTORA: LAUREN SANTOS STEFFEN

ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO

**Local e Data da Defesa: Santa Maria, 24 de agosto 2016.**

A presente pesquisa problematiza as tensões e relações entre as tipificações dos jogadores de futebol, construídas pela série especial com os jogadores da Seleção no Jornal Nacional, e os elementos presentes na cultura vivida, a partir do contexto político, econômico e social. O conceito de cultura vivida terá como base o conceito de consciência prática desenvolvido por Williams (1979), que se relaciona com aquilo que está sendo realmente vivido, ou seja, as experiências sociais que estão sendo definidas e sentidas ativamente pelos sujeitos em determinado contexto. O objetivo principal deste estudo é analisar as tipificações construídas pela série especial, em contraposição com os elementos da cultura vivida. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca: estudar as tipificações de jogadores de futebol no telejornalismo esportivo; compreender as relações do futebol com os desdobramentos político-econômicos do Brasil; verificar os temas reforçados e silenciados nas representações do telejornalismo esportivo e mapear os elementos da cultura vivida, a partir do contexto político, econômico e social, presentes durante a exibição da série especial no Jornal Nacional. Para isso, através da elaboração de uma proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo, com base na perspectiva dos Estudos Culturais, desenvolvemos um diagrama próprio para observar nosso objeto através de esferas dinâmicas e interdependentes: a economia, a política, a sociedade e o telejornalismo esportivo, todas inseridas no meio social enquanto práticas materiais. Para mapear as tipificações construídas nas histórias de vida de Maxwell, Victor e Daniel Alves na série, utilizamos a metodologia de análise textual (CASETTI; CHIO, 1999), a partir da utilização das categorias de a) sujeitos e interações e de b) história. Através da análise, chegamos a três tipificações de jogadores representadas na série: o tipo pobre, caracterizado como hegemônico e representativo da maioria desses atletas, o qual é destacado na série; o tipo graduado, representado na série unicamente pelo caso do jogador Victor, ao qual é feita uma concessão na série, e, por fim, o tipo rico, representado pelo exemplo único do jogador Maxwell na série, o qual é representado de forma atenuada. Os tipos graduado e rico, por se tratarem de casos raros no esporte, são tidos como representações contra-hegemônicas por desafiarem o padrão narrativo de tais histórias. Ao buscar evidenciar o protagonismo dos jogadores de futebol, colocando-os como personagens principais da série, a emissora e o telejornal cumprem apenas com uma tarefa mercadológica, na tentativa de ganhar audiência e gerar identificação através de uma representação ilusória e homogênea. Por outro lado, esse falso protagonismo encobre inúmeras situações problemáticas, transmitindo a ideia de que se valoriza e representa todos os jogadores de futebol, sem levar em conta a diversidade e a pluralidade de suas histórias de vida. Assim, a série não coloca em discussão novas representações, que poderiam levar a construções diferentes sobre a identidade do jogador de futebol no Brasil.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; tipificação; cultura vivida; telejornalismo esportivo; jogador de futebol.

## ABSTRACT

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **RELATIONS AND TENSIONS IN THE FIELD: TYPIFICATIONS AND LIVED CULTURE ON THE SPECIAL SERIES OF JORNAL NACIONAL WITH THE BRAZILIAN NATIONAL TEAM PLAYERS**

AUTORA: LAUREN SANTOS STEFFEN  
ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO  
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 24 de agosto de 2016.

This research discusses the tensions and relations between the typifications of soccer players, built by the special series with the Brazilian national team players on Jornal Nacional, and the elements present in the lived culture, from the political, economic and social context. The concept of lived culture will be based on the concept of practical consciousness developed by Williams (1979), that relates to what is actually being experienced, or the social experiences being defined and actively experienced by subjects in a given context. The aim of this study is to analyze the typifications built by the special series, in contrast with the elements of the lived culture. As specific objectives, this research aims: to study the typifications of soccer players in the sports television journalism; understand the relations between soccer and the political and economic developments of Brazil; check reinforced and silenced themes in the representations of sports television journalism and map the elements of the lived culture, from the political, economic and social context, present during the display of the special series on the TV news. For this, by drawing up a proposal for cultural-media analysis of the sports television journalism, from the perspective of the Cultural Studies, we developed an own diagram to observe our object through dynamic and interdependent spheres: the economy, the politics, the society and the sports television journalism, all inserted in the social environment as material practices. To map the typifications built in Maxwell's, Victor's and Daniel Alves' life stories in the series, we use the methodology of textual analysis (CASETTI; CHIO, 1999), from the use of the categories of a) subjects and interactions and b) history. Through the analysis, we came to three typifications of the soccer players represented in the series: the poor type, characterized as hegemonic and representative of most of these athletes, which is highlighted in the series; the graduated type, represented in the series only by the case of the player Victor, for whom is made a concession in the series, and finally, the rich type, represented by the single example of the player Maxwell in the series, which is represented by an attenuated form. The graduated and the rich types, since they are rare cases in the sport, are regarded as counter-hegemonic representations because they challenge the narrative pattern of such life stories. In seeking to highlight the role of the soccer players, placing them as main characters, the TV channel and the TV news comply only with a marketing task, trying to gain audience and generate identification through an illusory and homogeneous representation. On the other hand, this false role covers many problematic situations, conveying the idea that the soccer players are valued and represented in the series, without taking into account the diversity and the plurality of their life stories. Thus, the series does not put at issue new representations that could lead to different identity constructions of the soccer player in Brazil.

**Keywords:** Cultural Studies; typification; lived culture; sports television journalism; soccer player.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo.....	96
--	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Perfil dos Jogadores Convocados para Copa 2014.....	99
Tabela 2 – Tipos de Jogadores de Futebol Representados na Série.....	154

## **LISTA DE SIGLAS**

AFC – Confederação Asiática de Futebol

CBF- Confederação Brasileira de Futebol

COL- Comitê Organizador Local da Copa do Mundo da FIFA

CONCACAF - Confederação de Futebol da América do Norte, América Central e Caribe

CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol

DFB – Confederação Alemã de Futebol

FIFA – Federação Internacional de Futebol

UEFA – União das Federações Europeias de Futebol

## SUMÁRIO

<b>ENTRANDO EM CAMPO: UMA INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>PRIMEIRO TEMPO</b>	
<b>1 ESTUDOS CULTURAIS E TIPIFICAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
1.1 Estudos Culturais e hegemonia.....	23
1.2 Materialismo cultural e televisão.....	30
1.3 Cultura, identidade e tipificação.....	33
1.4 As tipificações no futebol construídas pelo telejornalismo esportivo.....	40
<b>2 FUTEBOL, BRASILIDADE E TELEJORNALISMO ESPORTIVO.....</b>	<b>49</b>
2.1 O futebol e os desdobramentos político-econômicos do Brasil.....	49
2.1.1 A Seleção Brasileira em Copas do Mundo.....	58
2.1.2 Futebol, globalização e interculturalidade.....	67
2.2 A cobertura telejornalística além das quatro linhas.....	71
2.3 O telejornalismo esportivo na Rede Globo.....	77
<b>3 INTERVALO: A BUSCA DE UM PERCURSO METODOLÓGICO PRÓPRIO.....</b>	<b>85</b>
3.1 Análise cultural-midiática.....	86
3.2 Uma proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo.....	92
3.3 A série especial com os jogadores da Seleção no Jornal Nacional.....	98
<b>SEGUNDO TEMPO</b>	
<b>4 ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA DO TELEJORNALISMO ESPORTIVO.....</b>	<b>103</b>
4.1 Economia.....	103
4.2 Política.....	111
4.3 Sociedade.....	125
4.4 Telejornalismo esportivo.....	134
4.5 Análise textual da série especial.....	141
4.5.1 Sujeitos e interações.....	142
4.5.2 História.....	146
4.5.3 Tipificações dos jogadores na série especial.....	148
<b>PRORROGAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>Apêndice – Transcrição das reportagens analisadas.....</b>	<b>165</b>

## ENTRANDO EM CAMPO: UMA INTRODUÇÃO

Grande parte das questões que envolvem o futebol não fica restrita a um público específico, pois o futebol só pode ser abordado na sua diversidade se o estudarmos como um fenômeno social e historicamente produzido. Geralmente, a compreensão sobre o futebol é tratada de forma simplificada, o que acaba reduzindo a complexidade do tema, suas diversas facetas e desdobramentos. O futebol não se restringe às quatro linhas do campo, ele extrapola o gramado e se insere na dinâmica cultural.

O futebol tem uma trajetória marcada pela marginalidade científica e literária, sendo visto frequentemente como um elemento alienante presente na cultura de massa. Por essa perspectiva, ao invés de se perceber a relevância do objeto em um determinado contexto, assumiu-se uma postura de distanciamento e negação, que tem levado ao entendimento de que o futebol é uma prática demasiado empírica e, dessa maneira, não é assunto habitual de pesquisas acadêmicas. Por sua vez, a irracionalidade atribuída às massas, representadas pelas torcidas que se reúnem em torno do futebol, é resultado do apego elitista dos intelectuais aos seus paradigmas, produzindo um preconceito científico e político em relação às manifestações populares, não raras vezes, reforçado pelas mídias. Isso se reflete nos reduzidos grupos de discussão específicos sobre o assunto em eventos científicos do país ou até mesmo na ausência de espaços de trocas entre os estudiosos sobre esse fenômeno, o que dificulta o crescimento desse nicho de pesquisa.

A pesquisa do estado da arte feita em bancos de dados<sup>1</sup> evidenciou a existência de um grupo restrito de pesquisadores, em sua maioria do sexo masculino, que se preocupam em estudar o fenômeno do futebol no país, buscando suas relações com o meio social. Pela complexidade do assunto, percebemos uma grande quantidade de estudos interdisciplinares sobre o tema, nas áreas da Educação Física, Ciências Sociais, História e Letras. Autores<sup>2</sup> como DaMatta (1982), Gastaldo (2003), Helal (1998), Antunes (2004) e Pecenin (2007) voltam-se, respectivamente, para os estudos das relações entre a formação da identidade brasileira e o futebol, as relações entre futebol, mídia e sociedade, a construção do mito do herói pela mídia, a influência das narrativas

---

<sup>1</sup>Os bancos de dados pesquisados foram a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - Ibict, Banco de Teses da CAPES, Biblioteca online da Compós, Portal de Periódicos CAPES e o Portal de Revistas Eletrônicas de Ciências da Comunicação da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

<sup>2</sup>Neste trabalho, faremos uso de autores que estudam o futebol a partir de sua dimensão social e cultural, dentre eles DaMatta (1982), Gastaldo (2003) e Helal (1998), uma vez que o foco desta pesquisa não está voltado para outras áreas do conhecimento, como a história e a literatura.

literárias sobre futebol para a construção da brasilidade e a regulação das identidades pelos discursos midiáticos sobre futebol.

A fim de investigar o que já foi pesquisado sobre o tema no país, encontramos uma série de estudos sobre o assunto a partir de palavras-chave como representação, telejornalismo, identidade e futebol, concentrados principalmente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Selecionamos apenas os que possuem relevância para a nossa pesquisa, seja pelos objetivos ou pela metodologia. Dentre estes, está a dissertação de Fernanda Mauricio da Silva, de 2005, intitulada “Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento”, que visa compreender as estratégias de construção de dois subgêneros televisivos: os telejornais e os programas esportivos. Através da análise comparativa, o trabalho busca reconhecer os limites e tensões dentro de cada subgênero e as articulações sofridas pelo jornalismo para se adaptar a eles. Uma das principais contribuições desse trabalho é a construção de uma proposta metodológica para análise de programas jornalísticos televisivos desenvolvida a partir do conceito de modos de endereçamento<sup>3</sup>. O trabalho foi orientado pela Professora Dra. Itania Maria Gomes da Universidade Federal da Bahia.

Encontramos ainda a dissertação de Marcelo Fila Pecenin, de 2007, intitulada “Discurso do e sobre o futebol brasileiro: o poder midiático na regulação das identidades”, orientada pela Professora Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini da Universidade Federal de São Carlos. O objetivo principal dessa pesquisa é avaliar como o discurso da crônica futebolística exerce um poder regulador na construção discursiva da identidade do futebol brasileiro e da identidade nacional brasileira durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998. Através do arcabouço teórico-metodológico da análise de discurso, foi analisado um arquivo de crônicas futebolísticas publicadas no jornal Folha de São Paulo por ocasião das Copas destacadas. Para compor a parte teórica que sustenta a pesquisa, o autor lançou mão de algumas categorias-chave da análise de discurso francesa – tais como formação discursiva, processo discursivo e memória discursiva –, dos conceitos de poder, saber, subjetividade, arquivo e acontecimento, das reflexões teóricas sobre o conceito de identidade produzidas no interior da Sociologia e da Antropologia e também da noção-conceito de trajeto temático. A partir da leitura sustentada pelo conceito de trajeto temático, o autor verificou, nas crônicas, como os

---

<sup>3</sup> O conceito de modos de endereçamento, na perspectiva da análise televisiva, tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e o diferencia dos demais. Tal conceito é trabalhado pelo grupo de pesquisa Análise de Telejornalismo, liderado pela Prof. Dra. Itania Gomes, da Universidade Federal da Bahia.

sintagmas “Brasil”, “Seleção Brasileira”, “futebol brasileiro” e outras expressões com significados semelhantes foram preenchidos de modo a construir, no e pelo discurso da crônica futebolística da Folha, uma identidade nacional para o futebol brasileiro e para o Brasil.

Mencionamos ainda a dissertação de Rafael de Oliveira Lourenço intitulada “Esporte, entretenimento e espetáculo: as narrativas do futebol na cobertura da Copa do Mundo de 2010”, de 2012, orientada pelo Professor Dr. Luís Mauro de Sá Martino da Faculdade Cásper Líbero. O objetivo da pesquisa é realizar uma análise das narrativas textuais produzidas pelo Jornal Nacional e Jornal da Record que foram ao ar nos dias 15, 25 e 28 de junho e 2 de julho de 2010, no intuito de verificar sobre o que falaram as coberturas do futebol e quais as suas intersecções com temas além do esporte no contexto da sociedade do espetáculo. Para verificar as dimensões do futebol no Brasil, foram usados textos de autores como Ronaldo Helal, Hilário Franco Jr. e Hugo Lovisoló. Para a fundamentação teórica sobre a sociedade e meios de comunicação onde as narrativas são produzidas, essa pesquisa se baseou em textos de Guy Debord, Cláudio N. P. Coelho, Jorge Pedro Sousa e Michael Kunzlik. Para estudar as narrativas textuais dos telejornais, o conteúdo dos programas foi dividido em três grupos: “sobre o jogo” (narrativas que falaram sobre as partidas), “extra campo” (matérias feitas com as torcidas e textos que vincularam o futebol a outros temas) e “editorial” (demais matérias dos telejornais). A partir da análise dessas narrativas textuais, foi possível verificar sobre o que falou a cobertura da Copa do Mundo 2010, que se assemelhou muito a uma festa da nação e do comércio e mostrou a dimensão comercial e de pertencimento fortemente presentes na representação do futebol na contemporaneidade.

Destacamos ainda a dissertação de Luisa Prochnik, de 2011, intitulada “Práticas profissionais e estratégias narrativas no jornalismo esportivo: uma análise de notícias sobre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010 em sites jornalísticos”. O trabalho foi orientado pelo Professor Dr. Leonel Azevedo de Aguiar da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Apesar de o objeto empírico ser digital, esse trabalho traz contribuições relevantes ao mapear as peculiaridades referentes ao jornalismo esportivo, identificando as práticas adotadas pelos jornalistas dessa editoria e também as estratégias narrativas utilizadas na construção de seus textos. A análise tem como corpus as notícias sobre a Seleção Brasileira publicadas em três sites jornalísticos durante a sua participação na Copa do Mundo de 2010. O trabalho foi constituído em três etapas: contextualização, estudo das teorias do jornalismo e análise das notícias

para mapear os valores-notícia que guiam os jornalistas na construção de seus textos e as estratégias narrativas adotadas por esses profissionais para escrever sobre a Seleção Brasileira.

A dissertação de Bianca Alvin de Andrade Silveira, intitulada “A materialização midiática da brasilidade: a cobertura do Jornal Nacional sobre a seleção de futebol e a narrativa da identidade brasileira”, de 2010, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal da Universidade Federal de Juiz de Fora, assemelha-se aos objetivos desta pesquisa pela temática e pelo aporte teórico escolhidos. A proposta do trabalho é analisar de que maneira o Jornal Nacional representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de futebol e aportar evidências para avaliar a pertinência da hipótese de que esse telejornal se utiliza de narrativas essencializadas e naturalizantes sobre a brasilidade. O trabalho tem como recorte empírico as edições do telejornal durante a semana dos jogos da Seleção Brasileira, no período entre junho e novembro de 2008. Partindo do pressuposto teórico de que as identidades são fenômenos simbólicos e narrativos, em consonância com os autores dos Estudos Culturais, a autora buscou identificar quais discursos são acionados pelo telejornal e, por meio das metodologias de análise de conteúdo e de análise de discurso, apontou as ênfases nas supostas qualidades típicas do futebol brasileiro, tratado como materialização das dimensões associadas narrativamente à identidade nacional.

O presente trabalho se propõe a expandir a visão sobre o fenômeno do futebol na área do telejornalismo esportivo, compreendendo-o não só como um esporte, mas como parte da economia, da política, da sociedade, com seus valores, costumes, preconceitos e estereótipos, e principalmente da mídia, que constrói narrativas hegemônicas, contribuindo para a disseminação da ideologia dominante. Além disso, futebol também é paixão, é fanatismo, é irracionalidade, é sofrimento, é acompanhar diariamente os jogos do “time do coração”, é “torcer enlouquecidamente” por um time e torcer desesperadamente contra o time rival. Desse modo, esta pesquisa visa contribuir no sentido de ampliar o nível de conhecimento sobre as tipificações construídas pelo telejornalismo esportivo em torno dos jogadores de futebol no Brasil, pontuando como esses sujeitos são representados e que possíveis impactos sociais estas construções podem acarretar, culminando em novas discussões sobre o tema e motivando mudanças nos modos de representação desses jogadores e, possivelmente, em sua realidade social.

Neste trabalho, entendemos que o telejornalismo esportivo não está apenas presente em programas exclusivamente esportivos, mas também em telejornais. Neste

último caso, o telejornalismo esportivo divide espaço com outras áreas, como o telejornalismo político, o telejornalismo econômico, o telejornalismo cultural, entre outros. Se considerarmos telejornalismo esportivo apenas a modalidade desenvolvida em programas de esportes, estaremos simplesmente excluindo a possibilidade de sua existência em telejornais. Para esta pesquisa, a linha divisória que separa programas exclusivamente esportivos e telejornais não é foco principal de discussão, uma vez que nos interessa analisar as tipificações dos jogadores de futebol construídas pelo telejornalismo esportivo, sendo este praticado em programas de esporte ou em telejornais diários, já que tais tipificações apresentam construções similares em ambos os casos, reforçando e ocultando frequentemente os mesmos elementos. Assim, ao analisarmos o telejornalismo esportivo, iremos nos referir a diversos programas televisivos que têm como pauta o esporte, os quais podem englobar programas de esportes, como o Esporte Espetacular, mas também telejornais diários, como o Jornal Nacional.

O futebol faz parte da nossa cultura vivida, da nossa percepção de mundo, diz muito sobre o que somos, o que defendemos, o que vestimos e o que sentimos. Ser brasileiro não é necessariamente ser apaixonado por futebol, mas pressupomos que passa inevitavelmente por reconhecer que a constituição de nossa brasilidade é atravessada por esse esporte, que transformou e foi transformado pela história do Brasil. Assim, esta pesquisa busca se diferenciar das demais a partir da construção de uma proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo, a qual permite analisar os elementos presentes no contexto de produção da série especial com os jogadores da Seleção Brasileira no Jornal Nacional, dando ênfase para a tensão existente entre as tipificações dos jogadores de futebol construídas pelo telejornalismo esportivo e a cultura vivida, que abrange o contexto social, político e econômico. O conceito de cultura vivida acionado neste trabalho tem relação com o conceito de consciência prática desenvolvido por Williams (1979), que se relaciona com aquilo que está sendo realmente vivido, ou seja, as experiências sociais que estão sendo definidas e sentidas ativamente pelos sujeitos em determinado contexto.

O futebol coloca em perspectiva valores e problemas da própria sociedade, como a malandragem, o racismo, o machismo, a desigualdade econômica, a corrupção, o que pode ser uma explicação para a dificuldade de percebermos e discutirmos nossas próprias mazelas ao estudarmos esse esporte. O futebol é um meio privilegiado para observar uma série de problemas significativos da sociedade brasileira. Nesse sentido,

os objetivos de pesquisa precisam avançar para extrapolar a questão da função técnica do esporte e passar a serem fundamentados na sua implicação e consequência social, uma vez que, enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria sociedade, sendo expressa através de seus atores, regras, objetos e ideologias. Dessa forma, interessa-nos o recorte sobre o tratamento dado pelo telejornalismo esportivo sobre esta questão.

Para DaMatta (1982), no Brasil, o futebol está associado à individualidade, à personificação de craques, a lances brilhantes, à força física e psicológica, além de estar atrelado a fatores como sorte e destino devido à improvisação e criatividade características. Desse modo, o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais do que expressão de coletividade. É através desta dialética entre individualização e coletividade que o futebol brasileiro permite exprimir o conflito presente entre destino impessoal e vontade individual. Em certa medida, este é um dilema da própria sociedade brasileira que o jogo de futebol focaliza e dramatiza, pois, mesmo apresentando vontades individuais, este esporte é regido por leis impessoais, apresentando fatores imprevisíveis que podem dar a vitória para uma equipe considerada menos apta para ser a vencedora, ou seja, não há um modo de prever com segurança uma relação direta e racional entre os meios e os fins, mesmo com os investimentos feitos no preparo técnico, de saúde e tático dos times que investem milhões na escolha de seus treinadores e preparadores.

O desenvolvimento do futebol no Brasil tornou possível a sublimação de vários elementos de nossa formação social - por exemplo, o samba e a capoeira, estão presentes no estilo de jogo do brasileiro, o que, talvez, possibilitou que o futebol brasileiro saísse do estilo original britânico e se tornasse uma “dança” cheia de surpresas e variações. A sublimação do futebol contribuiu ainda para a diminuição da rejeição do negro na cultura brasileira, que passou a ter seu talento reconhecido pelo menos dentro de campo, embora tenha sofrido com a segregação dos primórdios elitistas do futebol, que o excluía do jogo e da torcida.

DaMatta (1982) aborda a questão do futebol a partir da ideia de dramatização, como parte fundamental do ritual. Dessa forma, sem o drama não há rito e o traço distintivo do dramatizar é chamar a atenção para as relações, valores ou ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que formam o conjunto da vida diária, ou seja, o ritual e o drama seriam um determinado ângulo através do qual uma dada população conta a sua história. Neste sentido, não se trata de

discutir a verossimilhança dos fatos, mas de perceber como o brasileiro expressa-se, apresenta-se e revela-se em um dos momentos de manifestação de sua brasilidade.

Além de focalizar o fenômeno do futebol para a formação de nossa identidade, esta pesquisa também se volta ao estudo do meio televisivo, já que a televisão está presente na maioria dos lares brasileiros, sendo responsável por levar as principais informações do Brasil e do mundo a milhões de telespectadores. Segundo pesquisa divulgada em 2014<sup>4</sup>, 65% dos brasileiros assistem à televisão aberta todos os dias da semana. De acordo com dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada em 2015 pelo IBGE, 97,2% dos lares brasileiros estão equipados com ao menos um aparelho de TV. A televisão é um meio rico para análise, uma vez que conjuga imagem, som e texto, construindo uma narrativa permeada de estratégias discursivas que revelam determinados sentidos e ocultam outros. Os telejornais ensinam modos de ser e estar no mundo, fazendo a mediação dos temas que ganham visibilidade pública.

Dos dias 7 de maio a 2 de junho de 2014, o Jornal Nacional exibiu uma série de reportagens especiais sobre as histórias de vida dos jogadores da Seleção Brasileira convocados para a Copa do Mundo. Produzido pelo canal de televisão aberta de maior audiência do país - a Rede Globo<sup>5</sup>, o telejornal buscou representar a trajetória desses jogadores desde a infância até a consagração profissional. A escolha da série foi motivada, em primeiro lugar, pelo espaço diário que as reportagens receberam no telejornal, tendo, em média, seis minutos de duração, o que, para a televisão, é um tempo significativo. Além disso, a série permite revelar estratégias políticas, culturais e mercadológicas, próprias da mídia televisiva, que influencia comportamentos e pode despertar sentimentos de orgulho e pertencimento em uma comunidade.

No Brasil, o futebol é um componente cultural capaz de despertar paixões e unificar milhões de brasileiros em torno da mesma torcida e dos mesmos valores. Como um elemento constitutivo da cultura do país, a Seleção Brasileira estimula o sentimento de pertencimento, fazendo com que os torcedores se reconheçam enquanto membros da mesma nação. Por sua vez, os telejornais são responsáveis por construir representações da realidade, ressaltando determinados fatos e excluindo outros da arena de visibilidade

---

<sup>4</sup> Pesquisa Brasileira de Mídia 2014. Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>. Acessado em 04/04/2016.

<sup>5</sup> Segundo o site Observatório da Imprensa, a Rede Globo é o único grupo latino-americano entre os 20 maiores conglomerados de mídia do mundo. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/grupo-globo-e-o-17o-maior-conglomerado-de-midia-do-mundo/>. Acessado em 04/04/2016.

pública. Nestes espaços midiáticos, circulam sentidos sobre cultura e identidade, reforçando o reconhecimento coletivo das características identitárias. Dessa forma, podemos enunciar o propósito desta investigação na seguinte questão: “Quais são as relações e tensões entre as tipificações construídas pelo telejornalismo esportivo, a partir da série especial com os jogadores da Seleção no Jornal Nacional, e os elementos presentes na cultura vivida, a partir do contexto político, econômico e social?”.

Ainda há, para justificar esta pesquisa, o gosto pessoal da autora pelos estudos televisivos, que já foi tema do Trabalho de Conclusão do Curso de graduação. Por ser parte da cultura e se reconhecer como brasileira, interessa à autora compreender as interligações entre o discurso telejornalístico sobre a Seleção Brasileira e a cultura vivida, identificando, por meio do discurso, o reforço e, por vezes, o silenciamento de determinados sentidos presentes nos contextos político, social e econômico. Além disso, o futebol sempre foi um tema intrigante para a autora, que, através do aprofundamento desta investigação, busca compreender a centralidade do esporte para a constituição da identidade brasileira, sua representação no telejornalismo esportivo e as tensões existentes com a realidade social.

O objetivo principal deste estudo é analisar as tipificações dos jogadores de futebol construídas pela série especial, em contraposição com os elementos da cultura vivida. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca: estudar as tipificações de jogadores de futebol no telejornalismo esportivo; compreender as relações do futebol com os desdobramentos político-econômicos do Brasil; verificar os temas reforçados e silenciados no discurso do telejornalismo esportivo e mapear os elementos da cultura vivida, a partir do contexto político, econômico e social, presentes durante a exibição da série especial com os jogadores da Seleção Brasileira no Jornal Nacional.

Com relação à estruturação do trabalho, no primeiro capítulo, abordaremos os aspectos teóricos dos Estudos Culturais e o conceito de tipificação. No primeiro tópico, exploraremos o conceito de hegemonia sob o viés dos Estudos Culturais. Em seguida, trabalharemos a noção de materialismo cultural, cunhada por Raymond Williams (1979), associada ao meio televisivo. No terceiro tópico, nosso foco de estudos será o desenvolvimento dos conceitos de cultura, identidade e tipificação. Ao final deste capítulo, analisaremos as tipificações no futebol construídas pelo telejornalismo esportivo, identificando suas estratégias e modos de operação.

No segundo capítulo, relacionaremos os conceitos de futebol, brasilidade e telejornalismo esportivo. No primeiro tópico, iremos fazer um relato histórico do

futebol a partir dos desdobramentos políticos e econômicos do Brasil, mostrando como esse esporte influenciou e foi influenciado pelas mudanças ao longo do tempo. Faremos ainda um resumo da participação da Seleção Brasileira em Copas do Mundo e uma problematização dos conceitos de globalização e interculturalidade no terreno do futebol. No segundo tópico, iremos abordar a cobertura telejornalística para além das quatro linhas do campo, ou seja, como os fatos ligados aos bastidores do futebol são retratados ou silenciados pelo telejornalismo esportivo. Em seguida, iremos nos aproximar de nosso objeto empírico a partir de uma análise do desenvolvimento do telejornalismo esportivo na Rede Globo para entender que percurso tais programas percorreram dentro da emissora. O foco principal recairá sobre o lugar ocupado pela editoria de esportes dentro do Jornal Nacional, desde a sua criação, para evidenciar como essa editoria é rotineiramente representada no telejornal e em que momentos ela recebe um destaque maior dentro do programa.

No terceiro capítulo, demonstraremos o percurso metodológico desta pesquisa, ancorado na análise cultural-midiática, evidenciando as possibilidades metodológicas da proposta de análise cultural de Raymond Williams (1979) adaptadas ao campo da comunicação. No segundo tópico deste capítulo, desenvolveremos uma proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo, que pretende mostrar como o contexto (político, social, econômico) se relaciona e tensiona com as tipificações no futebol construídas pelo telejornalismo esportivo, evidenciando seu papel na conformação das identidades, na construção de estereótipos, no reforço de ideologias e na propagação de determinados valores. Para mapearmos os tipos representados nas reportagens da série, utilizaremos a metodologia de análise textual, a partir da qual construiremos categorias que revelem as tipificações dos jogadores veiculadas pelo Jornal Nacional. No último tópico do capítulo, traremos uma descrição da série especial, evidenciando seus objetivos, suas características e os detalhes de sua produção e execução.

No quarto capítulo, partiremos para o desenvolvimento da proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo através da análise das esferas da economia, política e sociedade presentes na cultura vivida e, em seguida, das tipificações no futebol disseminadas pela esfera do telejornalismo esportivo. Através das categorias de a) sujeitos e interações e b) história, ancoradas na metodologia de análise textual, apresentaremos os tipos construídos a partir da análise de três

reportagens da série especial e seus modos de representação. Por fim, traremos as considerações finais desta pesquisa, seguidas pelas referências e pelo apêndice.

## PRIMEIRO TEMPO

### 1 ESTUDOS CULTURAIS E TIPIFICAÇÃO

Neste capítulo, abordaremos os aspectos teóricos dos Estudos Culturais e o conceito de tipificação. No primeiro tópico, exploraremos o conceito de hegemonia sob o viés dos Estudos Culturais. Em seguida, trabalharemos a noção de materialismo cultural, cunhada por Raymond Williams (1979), associada ao meio televisivo. No terceiro tópico, nosso foco de estudos será o desenvolvimento dos conceitos de cultura, identidade e tipificação. Ao final deste capítulo, analisaremos as tipificações no futebol construídas pelo telejornalismo esportivo, identificando suas estratégias e modos de operação.

#### 1.1. Estudos Culturais e hegemonia

Os Estudos Culturais são considerados uma perspectiva teórica que analisa as relações entre sociedade e práticas culturais, com vertentes voltadas para os meios de comunicação de massa, a literatura e a história. O campo de estudos iniciou na Inglaterra, de forma organizada, a partir da criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* - CCCS em 1964. O Centro surge ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, constituindo-se em um centro de pesquisa de pós-graduação (ESCOSTEGUY, 2010).

Os principais autores do campo estudam a alteração dos valores tradicionais da classe operária britânica no contexto do pós-guerra. A história do campo está entrelaçada com a trajetória da Nova Esquerda, de movimentos sociais voltados para a educação de jovens e adultos e de publicações alinhadas com a questão da militância e do compromisso com mudanças sociais radicais. Segundo Escosteguy (2010), o eixo principal de pesquisa estava centrado nas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade com enfoque nas instituições, formas e práticas culturais. Para a autora, o ponto de partida dos estudos recai sobre as estruturas sociais e o contexto histórico como elementos essenciais para compreender a ação dos meios massivos e o deslocamento da ideia elitista de cultura em direção a suas práticas cotidianas.

As origens dos Estudos Culturais remontam a três textos publicados no final da década de 1950: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English working-class* (1963). Esses textos tinham em comum a preocupação com a condição

social e cultural da classe operária, com a redefinição de concepções elitistas de educação e com a definição de uma cultura comum, que fosse ampla o bastante para englobar a cultura popular. Segundo Escosteguy (2010, p. 137), tal campo de estudo surge tanto sob o ponto de vista político quanto sob o ponto de vista teórico, já que pode ser identificado como “a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento”.

Os primeiros encontros nos Estudos Culturais se deram com a crítica literária, que sofreu um deslocamento da literatura para a vida cotidiana. O espírito reflexivo e a importância da crítica são fundamentais para a compreensão deste campo de estudos, que busca, através da abertura e da versatilidade teórica, estudar a cultura popular, especialmente sob suas formas políticas. Nesse sentido, o campo se coloca contra qualquer tipo de institucionalização ou codificação, visto que suas reações poderiam ser paralisadas diante de estruturas rígidas e pré-definidas (ESCOSTEGUY, 2010).

A interlocução com o marxismo também foi marcante no processo de constituição dos Estudos Culturais, levando à crítica do materialismo econômico desenvolvido por Marx a partir da defesa de que a cultura não era uma superestrutura determinada pelas bases econômicas. A Nova Esquerda, movimento político desenvolvido na Inglaterra nos anos 1950, foi responsável por criticar de forma contínua o economicismo proposto por Marx, que via a cultura como uma superestrutura determinada pelas relações econômicas. Segundo Escosteguy (2010), a ideia de determinação pressupunha a impotência dos participantes da ação, já que, para os marxistas, o controle do processo era tido como independente da vontade e do desejo dos sujeitos. O movimento compartilhava as preocupações com a cultura popular, com a análise dos efeitos da nova sociedade de mídias e com as maneiras de se combater as formas de dominação cultural.

A revista *New Left Review*, cujo primeiro editor foi Stuart Hall, assumiu um importante papel ao argumentar em favor de uma análise crítica da cultura operária e ao publicar os trabalhos de Williams e Thompson, entre outros. Diante da afirmação do canal de televisão britânico BBC que via a arte popular como um simples escapismo, a revista se posicionou a favor da inclusão de programas de esporte, comédia, jazz, música popular e jogos na grade da programação televisiva. Dentre os trabalhos empíricos publicados, estavam incluídos um estudo da cobertura de esporte pela televisão, escrita por Ray Petters, um estudo dos hippies por Janice Winship, entre outras inovações temáticas (ESCOSTEGUY, 2010).

Em uma revolução do marxismo clássico, os Estudos Culturais passam a defender que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais. Para contrapor o materialismo econômico de Marx, Williams (1982) influencia de modo significativo o projeto dos Estudos Culturais ao cunhar o termo materialismo cultural. Para o autor, as práticas culturais devem ser entendidas como práticas reais, elementos de um processo social material, com intenções e condições específicas. Para Escosteguy (2001, p.4),

[...] a perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Existem várias forças determinantes - econômica, política e cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade.

Williams (1992) conseguiu perceber, a partir de seus avanços teóricos, que a dominação em uma sociedade não se dá apenas a partir da propriedade e do poder. A cultura do vivido também exerce influência na nossa forma de pensar e sentir através de suas pressões e limites que promovem a reprodução de uma ordem social profundamente arraigada. Dessa percepção, decorre a necessidade de se estudar a cultura não só como produto, mas também como produção material que articula de forma concreta a dinâmica da totalidade social.

Aos três principais fundadores se junta Stuart Hall, que substituiu Hoggart na direção do Centro entre 1969 e 1979. Hall incentivou o desenvolvimento dos estudos etnográficos, da análise dos meios massivos e da investigação de práticas de resistência nas subculturas. O que une o pensamento desses estudiosos é a ênfase dada à atividade humana na produção da cultura, ultrapassando a visão de um consumo passivo (ESCOSTEGUY, 2010).

O campo rompe, assim, com as concepções passivas e indiferenciadas de público, partindo para a análise dos modos como as mensagens são decodificadas pelos diferentes receptores, conforme o contexto social e político (HALL, 2003). Tal perspectiva passa a defender que, no âmbito popular, não existe somente submissão, mas também há espaço para resistência e intervenção social. Essa visão traz à tona a assimetria que envolve o aspecto da compreensão das mensagens, uma vez que há uma desigualdade de poder material e cultural entre os sujeitos. A leitura é vista, assim, como um ato de produção e não simplesmente como recepção ou assimilação.

O trabalho dos Estudos Culturais está centrado na pesquisa das culturas vividas, associando-se a uma política de representação, que faça com que grupos sociais subordinados ganhem voz e que culturas comumente privatizadas, estigmatizadas e silenciadas possam se tornar hegemônicas (ESCOSTEGUY, 2010). Neste trabalho, o conceito de cultura vivida terá como base o conceito de consciência prática desenvolvido por Williams (1979), que se relaciona com aquilo que está sendo realmente vivido, ou seja, as experiências sociais que estão sendo definidas e sentidas ativamente pelos sujeitos em determinado contexto. O autor explica que a consciência prática é geralmente diferente da consciência oficial, pois não se refere ao que acreditamos estar vivendo, mas àquilo que efetivamente sentimos na prática cotidiana. Trata-se de um tipo de sentimento realmente oficial e material, o qual, muitas vezes, não se encontra plenamente articulado e definido, já que se trata de uma experiência em processo, frequentemente ainda não reconhecida conscientemente pelos sujeitos que a vivenciam. Williams (1979, p. 134) utiliza o conceito de consciência prática para explicar a existência de estruturas de sentimento em contextos sociais, as quais se caracterizam como processos formativos, como experiências sociais que resultam em “modificações de presença”. Embora tais formações nem sempre estejam racionalizadas pelos grupos sociais, elas exercem pressões e fixam limites relacionados à experiência e à ação. Sendo assim, referimo-nos à “consciência prática de um tipo presente, em uma continuidade viva e inter-relacionada”, com uma série de relações vividas ativamente, “ao mesmo tempo engrenadas e em tensão” (WILLIAMS, 1979, p. 134).

Com seu interesse voltado para a classe operária, a cultura da juventude, as questões de gênero e de raça, opressões étnicas, os Estudos Culturais se tornaram uma crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outros dualismos (HALL, 2003). Percebe-se, então, que os Estudos Culturais contribuem para a expansão das frentes de estudo, que, nos estudos marxistas, estavam centradas em torno das classes econômicas. O conceito de classe deixa de ser um conceito crítico central e passa a ser uma variável entre muitas, frequentemente entendida agora como modo de opressão e de pobreza (ESCOSTEGUY, 2010). Eixos importantes que passam a ser avaliados atualmente são a globalização, as frentes migratórias, o papel do Estado e da cultura nacional e sua repercussão sobre o processo de constituição dos sujeitos. O centro de atenção principal se desloca para questões de

subjetividade e identidade a fim de revelar os discursos marginais, não oficiais, daqueles sujeitos que invariavelmente não têm voz.

A constituição dos Estudos Culturais reflete a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo a interdisciplinaridade como forma de estudo das articulações culturais presentes na sociedade. Trata-se de um campo de estudos marcado pela intersecção de diversas disciplinas para o estudo dos aspectos culturais da sociedade contemporânea. Por esse motivo, os fundadores desta área de pesquisa rejeitavam uma definição descritiva ou prescritiva do campo, que pudesse limitar o alcance e a diversidade das linhas de estudo. Tais autores enfatizam a cultura como uma estrutura, que abrange discursos múltiplos, e propõem um novo debate sobre este conceito, concentrando-se na sua centralidade para o entendimento do todo social (ESCOSTEGUY, 2010).

Para entender as aplicações teórico-metodológicas do campo, torna-se fundamental analisar o conceito de cultura. De acordo com Raymond Williams (1992), um dos fundadores dos Estudos Culturais, a cultura compreende sentidos diversos,

[...] desde um estado mental desenvolvido – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando pelos processos desse desenvolvimento – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até os meios desses processos – como em cultura considerada como as artes e o trabalho intelectual do homem. Em nossa época é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “modo de vida global” de determinado povo ou de algum outro grupo social. (WILLIAMS, 1992, p.11)

O foco de atenção dos Estudos Culturais recai sobre produtos culturais populares e massivos, que antes eram desprezados. Tal ampliação do conceito de cultura considera a validade de todas as formas de expressão, superando a tradicional divisão entre alta e baixa cultura e tornando possível o desenvolvimento convergente desse conceito em uma abordagem crítica e interdisciplinar. Como aponta Escosteguy (2010), o interesse passa a ser toda a produção de sentido, deslocando o sentido da cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas. O contexto histórico e as relações de poder passam a ser fatores fundamentais para a compreensão da ação da mídia.

A própria visão sobre os meios de comunicação de massa sofre um deslocamento profundo, já que não são vistos como meros reprodutores da estabilidade social, uma vez que também se adaptam às pressões da sociedade, integrando-as ao próprio sistema cultural, constituindo-se como modos de produção. Assim, o massivo

deixa de ser o lugar da manipulação para transformar-se em um espaço de conflito e negociação de formações sociais de poder, atravessadas por tensões relativas à classe, gênero, raça e sexualidade. Os Estudos Culturais compreendem os meios de comunicação de massa como produtores culturais, agindo de forma dinâmica e ativa na construção e consolidação de ideologias e hegemonias. A partir de suas estruturas, sustentam, atualizam e reproduzem a estabilidade social e cultural.

O conceito de ideologia é fundamental para a constituição do campo dos Estudos Culturais. Para Williams (1979, p. 32), ela é vista enquanto “provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e vivem as condições materiais nas quais eles próprios se encontram”. Logo, a ideologia deve ser examinada não só na linguagem e suas representações, mas também nas suas formas materiais – instituições e práticas sociais. Refere-se a um sistema de significados de um tipo que se pode abstrair como visão de mundo, perspectiva de classe, a partir de formas articuladas e sistemáticas. De acordo com o conceito de ideologia, uma classe dominante teria essa ideologia de forma pura e simples, e uma classe subordinada teria apenas essa ideologia como sua forma de consciência.

Para a definição de hegemonia, Williams (1979) se baseou nas ideias de Gramsci, o qual propõe um conceito que inclui e ultrapassa a noção de ideologia e de cultura até então vigentes. A hegemonia expande o conceito de ideologia, tida como os valores que expressam determinado interesse de classe, uma vez que se refere à totalidade do processo social vivido, organizado por valores dominantes. A proposição do autor permite um afastamento da visão de que a ideologia é uma força implacável, movimentando-se de cima para baixo. Ultrapassa ainda o conceito de cultura, entendida como processo social a partir do qual os homens modelam suas vidas, pois relaciona o processo social com distribuições de poder e influência, tendo em vista que os homens não são livres para definirem suas vidas, pois há desigualdades nos meios de realizar esse processo, evidenciando a existência de domínio e subordinação no processo cultural.

Costa (2012) destaca, na contribuição teórica de Gramsci, a sua concepção dialética da história, pela qual a contradição, o conflito, a luta de classes, os quais promovem o choque entre posições de classe e visões de mundo antagônicas, movimentam na direção das mudanças sociais, políticas e culturais. Segundo o autor, Gramsci privilegia o estudo dos conflitos no processo histórico, evidenciando o papel ativo do sujeito na construção das relações humanas e das mudanças sociais. Para um

estudo aprofundado das relações de poder, Gramsci entende ser fundamental uma crítica inscrita na análise da totalidade histórica, mesmo quando se trata de estudar realidades empiricamente demonstradas. A esfera política não pode ser pesquisada isoladamente do restante dos níveis sociais, uma vez que é a partir das relações sociais de produção que se desenvolve a ação política e se possibilita a transformação social (COSTA, 2012).

De acordo com o conceito de hegemonia, os significados propagados pela classe dominante não determinam necessariamente a consciência da classe subordinada. A hegemonia é entendida como o conjunto de formas de controle vividas, de práticas sobre a totalidade da vida, de nossa percepção de nós mesmos, constituindo-se em um sistema vivido de significados e valores. Trata-se de “um senso da realidade para a maioria das pessoas, um senso de realidade absoluta, porque experimentada”, vivida em forma de domínio e subordinação por determinadas classes (WILLIAMS, 1979, p.113).

Para Williams (1979), a noção de hegemonia desenvolvida por Gramsci é central para se produzir uma descrição acurada do processo de produção e reprodução da cultura. A hegemonia é conceituada como um sistema vivido de significados e valores, os quais, ao serem vivenciados como práticas, parecem confirmar uns aos outros. A hegemonia exerce pressões e impõe limites em todas as atividades humanas, selecionando, organizando e interpretando a experiência e a produção de significados e valores. Deve ser entendida sempre como um processo ativo governado pela interação de elementos dominantes, residuais e emergentes (WILLIAMS, 1979), ou seja, uma interligação de valores que de outro modo estariam separados, incorporando-os em uma ordem social efetiva e tornando-os resoluções vivas de realidades econômicas específicas.

Williams (1979) amplia a discussão a partir da criação de uma hegemonia alternativa pela conexão prática de muitas formas de luta, levando a uma noção mais ativa de atividade revolucionária. Tais formas de luta surgem da classe trabalhadora, vista como uma classe potencialmente hegemônica, contra as pressões e limites de uma hegemonia existente. A atividade cultural não é vista como uma forma superestrutural, mas como práticas reais, ativas e vividas. Uma hegemonia vivida é sempre um processo que é constantemente ameaçado e, por isso, precisa ser reforçado. A hegemonia não existe passivamente como forma de dominação, tem de ser renovada, recriada e defendida continuamente, já que sofre uma resistência por pressões alternativas. Assim,

existem hegemonias alternativas, movimentos contra-hegemônicos, vividos de forma prática.

Dessa forma, uma hegemonia, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva, pois sofre um efeito significativo de formas alternativas (WILLIAMS, 1979). A função da hegemonia é controlar, transformar e incorporar forças opostas. A realidade do processo cultural deve, portanto, atentar para as contribuições daqueles que estão às margens, pois eles fazem parte do processo hegemônico. Na análise cultural, temos que ressaltar as funções específicas do hegemônico e do dominante, mas principalmente precisamos apreendê-los em seus processos ativos e transformativos. Todas as iniciativas, inclusive as alternativas e opostas, integram o hegemônico: a cultura dominante produz e limita suas próprias formas de contracultura (WILLIAMS, 1979). A hegemonia não é sinônimo de dominação passiva, mas atua por meio da fixação de limites e pressões. Sendo assim, nem todas as iniciativas alternativas devem ser vistas como simplesmente adaptativas à cultura hegemônica, porque muitas podem levar a uma atividade revolucionária real.

## **1.2. Materialismo cultural e televisão**

A análise cultural, inserida na ótica dos Estudos Culturais, deve se posicionar em resposta às conjunções estruturais e demandas localizadas, constituindo-se em uma prática contextual, comprometida com a complexidade e oposta a qualquer tipo de reducionismo (COIRO-MORAES, 2015). A análise da cultura tem como objetivo descobrir a natureza da organização que constitui o complexo das relações sociais, revelando identidades e correspondências, bem como descontinuidades.

A gênese da análise cultural está inserida no materialismo cultural proposto por Raymond Williams (1979), que entende a cultura como uma prática social real interligada com as questões econômicas, políticas e midiáticas da contemporaneidade. Williams (1979) propõe uma teoria marxista da cultura a partir da atualização dos princípios fundadores do marxismo econômico de Marx. Tal autor criticou a proposição de Marx de que a sociedade seria composta por duas esferas fixas e separadas: a infraestrutura, que representaria a base social real, e a superestrutura, composta pelos processos intelectuais, políticos e sociais. Para o materialismo econômico, a economia determinaria a consciência dos homens, os quais estariam alienados do processo produtivo. Ao propor o materialismo cultural, Williams (1979) considera que a cultura também deve ser vista como uma prática social real e material com consequências

concretas para os sujeitos, os quais passam a ser entendidos enquanto agentes sociais ativos, responsáveis pelas lutas sociais. Assim, a cultura não é determinada por uma base econômica, mas está em constante relação e tensionamento com as demais forças da sociedade.

A posição teórica de Williams (1979) via no estudo da cultura a porta de entrada para uma crítica comprometida, que visa a entender o funcionamento da sociedade com o objetivo de transformá-la. A cultura passa a ser vista como produto e produção de um modo de vida determinado, e não como reflexo de uma base socioeconômica. A totalidade cultural, portanto, passa ser o objeto de análise, buscando evidenciar as complexas relações das instituições e formas culturais com as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. “O foco central recai sobre a cultura, pensada como força produtiva a partir do que é efetivamente vivido pelos sujeitos” (COIRO-MORAES, 2015, p. 3).

Para a perspectiva dos Estudos Culturais, a televisão está inserida no complexo das relações sociais, constituindo e sendo constituída pela cultura e pelo social. Ela corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida. A televisão deve ser vista a partir não só de sua dimensão tecnológica, mas também através de sua dimensão cultural, focando nos processos históricos e sociais que contribuem para a construção deste meio enquanto prática cultural. O meio televisivo faz parte da coletividade: “uma sociedade não é um efeito televisivo, é o tecido construído por um todo social; a televisão é uma dessas instituições produtoras de sentido” (ROCHA, 2010, p. 177), com papel central na veiculação de informações na arena pública.

A televisão passa a ser compreendida como um sistema de códigos e convenções que pode ser estudado como um texto cultural que nos revela as práticas de linguagem. A partir disso, começou-se a entender que a televisão não é um conjunto de conteúdos neutros, já que o próprio meio está ativamente engajado na construção de sentidos. Nesse sentido, Hall (2003) contribuiu ao introduzir a ideia de que os programas de televisão são textos relativamente abertos, capazes de serem lidos de diferentes maneiras.

Com tais pesquisas, chamou-se atenção para o papel ativo do receptor no processo de construção de sentidos e para a centralidade da cultura como o lugar em que as significações são compartilhadas. Ver televisão tornou-se um processo de negociação entre o espectador e o texto, já que os sentidos não podem ser impostos, apenas

sugeridos (ROCHA, 2010). Essa significação torna-se objeto de investida por parte da ideologia dominante na tentativa de propor um sentido preferencial, articulado com seus interesses. Assim, a hegemonia do texto nunca é total, pois sempre tem que lutar para se impor sobre a diversidade de sentidos que os leitores produzem (WILLIAMS, 1992). Devido à polissemia do texto televisivo, a hegemonia é negociada e renegociada, tornando-se vulnerável a ataques e à subversão.

Conforme Rocha (2010), os Estudos Culturais veem a experiência televisiva como um movimento constante entre similaridade e diferença: similaridade que é conformada pela ideologia dominante, e diferença que precisa dar conta da variedade de grupos os quais este programa deve alcançar. Este jogo entre similaridade e diferença é um modo de experimentar a luta entre hegemonia e resistência. A produção de sentido a partir de um texto deriva da intersecção da história social dos sujeitos com as forças sociais estruturadas dentro do texto. A interpretação se dá, assim, quando o discurso do leitor encontra o discurso do texto (ROCHA, 2010).

Fiske (1987) entende a televisão como uma provocadora de sentidos variados cuja circulação e geração ficariam a cargo da cultura. A visão da televisão como uma prática cultural é parte crucial da dinâmica social pela qual a sociedade se estrutura e se mantém em um processo constante de produção e reprodução. Nesse sentido, o texto e a estrutura da televisão revelam características da experiência contemporânea, como a própria ordem social em que vivemos e a partir da qual nos orientamos. Nesse sentido, é possível compreender que toda cultura é localizada temporalmente, pois está inserida em um determinado contexto, o qual estabelece pressões e limites para a construção de representações, dentre elas as que circulam através do telejornalismo esportivo. Para Grossberg (2006), os Estudos Culturais são altamente conjunturais, o que exprime uma opção política estratégica, definindo um espaço efetivo para intervenções políticas destinadas a alterar as ondas de mudança social e o nível mais propício em que convergem análise intelectual e análise política. Além disso, a cultura é normativa, pois age na conformação de regras, hábitos e visões de mundo, anteriores ao próprio indivíduo, que fazem com que os membros de uma sociedade se reconheçam e se diferenciem.

Williams (1992) concebe a televisão como um fluxo, que integra a prática textual televisiva com as experiências dos telespectadores e, ao mesmo tempo, reconhece as bases institucionais de transmissão. O autor ressalta que a programação televisiva se constitui de forma sequencial e interrompida, o que evidencia um contínuo

simbólico marcado pelo imbricamento de fragmentos oriundos de diferentes formatos televisivos. A formulação teórica de Williams (1992) prevê ainda a atenção às práticas culturais com ênfase na produção de significados e valores por formações sociais específicas, no primado da linguagem e da comunicação como forças sociais formativas e na interação entre formas e relações sociais. Assim, a partir das regras culturais vigentes em determinada sociedade, reconhecemos o que é um telejornal a partir das características construídas e aceitas para tal gênero televisivo. Mesmo que haja pequenas diferenças entre os telejornais de uma mesma emissora, de acordo com o público e com o horário, existe uma série de expectativas compartilhada que corresponde a tal gênero. Se comparados com outras emissoras, perceberemos que há diferenças entre os telejornais de acordo com a política editorial, a credibilidade dos apresentadores, as temáticas retratadas, entretanto o formato telejornalístico das grandes emissoras acaba configurando o gênero e servindo de modelo às demais.

Dessa forma, empreender uma análise cultural passa por um tipo de reflexão que inclui as inter-relações de todas as práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e também a evidência de rupturas nestes padrões. Para Escosteguy (2007), a análise da cultura atua na investigação dos modos pelos quais os processos sociais se transformam em formas culturais pela atividade prática. Através do processo analítico, é possível rastrear os padrões que marcam as práticas sociais em um dado contexto e as maneiras como são experimentados e reinventados pelos sujeitos.

### **1.3. Cultura, identidade e tipificação**

Para os Estudos Culturais, é fundamental pensar a cultura inserida em um contexto histórico e social, entendida como algo comum e ordinário. Dessa forma, a cultura é sempre alinhada na medida em que é uma prática social que se dá entre pessoas em situações específicas, portando significados que variam conforme o contexto. A extensão do significado de cultura considera em foco toda produção de sentido, de textos e representações para práticas vividas. Para Raymond Williams (1992), a cultura envolve todas as relações entre os elementos de um modo de vida de um povo. O autor apresentou a ideia de uma cultura ordinária, que perpassa todas as atividades do homem.

Assim, a cultura não pode ser concebida como uma entidade que existe por si mesma, já que são os indivíduos integrados em grupos que criam, transmitem e reinterpretam a cultura de sua sociedade. Torna-se evidente o caráter dinâmico das

significações culturais, que se transformam constantemente em função do contexto em que são produzidas e das apropriações simbólicas que são feitas. Essa ideia de cultura como um modo inteiro de vida mostra que a mudança social nunca é parcial, uma vez que a alteração em qualquer elemento de um sistema afeta radicalmente o conjunto (WILLIAMS, 1992). Tal constatação demonstra a impossibilidade de se separar a organização econômica de suas implicações morais e intelectuais, enfatizando a interdependência de todos os aspectos da realidade e a dinâmica da mudança social.

Ao se referir à cultura como algo ordinário, Williams (1992) afirma que a sociedade “está lá fora”, mas é permanentemente construída pelos indivíduos. Assim, a cultura possui duas faces: uma que se refere ao conjunto de normas, valores e prescrições em que os sujeitos estão inseridos, e outra que se refere aos novos sentidos que surgem e são testados. É esse processo dinâmico que articula os sujeitos e a sociedade, tornando a cultura tradição e criatividade, exterioridade e interioridade ao mesmo tempo. A cultura diz respeito aos sentidos comuns, ao produto da experiência social e pessoal dos indivíduos. “Estes sentidos são construídos enquanto vivemos, são construídos e reconstruídos de maneiras que nós não podemos saber antecipadamente” (WILLIAMS, 1992, p. 8).

Em *La Larga Revolución*, Williams (2003, p. 41) coloca que, se a cultura é a descrição de um modo específico de vida, que expressa certos sentidos e valores, analisar a cultura é tornar claros “[...] os sentidos e valores implícitos e explícitos de um modo de vida, uma específica cultura” [tradução nossa]. Assim, Williams (1979) configura o termo estruturas de sentimento como um recurso para compreender a maneira como vivemos: cada um individualmente, mas sempre atrelado ao todo social, às relações entre materialidades econômicas, estruturas sociais e políticas e de produção de sentido. As estruturas de sentimento tornam claras as dimensões residuais, emergentes e dominantes que coexistem na sociedade, que conferem ao processo social um caráter dinâmico, contestatório e variável.

A partir desse conceito de cultura, pode-se evidenciar o papel ativo dos sujeitos na construção de suas identidades, uma vez que o modo como nos relacionamos com essas categorias identitárias variam conforme as estratégias que utilizamos para nos diferenciar. Os atores sociais atribuem uma significação a esta vinculação em função da situação relacional em que se encontram. A identidade é o resultado da interação entre a identificação imposta pelos outros e daquela que o indivíduo afirma para si mesmo. A identidade não existe, assim, em si, pois é sempre elaborada em relação a uma outra, o

que coloca identidade e alteridade em uma relação permanentemente dialética (WOODWARD, 2000).

A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência, conferindo ao sujeito a possibilidade de optar entre as várias identidades possíveis. Hall (1997) argumenta que, ao reivindicarmos uma identidade, não nos limitamos a ser posicionados por ela: também somos capazes de nos posicionar e de reconstruir identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. Esse passado é parte de uma comunidade imaginada, uma comunidade de sujeitos que se apresentam enquanto “nós”.

Williams (1992) propõe um deslocamento do conceito de tradição de um segmento inerte historicizado em direção à expressão das pressões e limites dominantes e hegemônicos. Os elementos que integram a história de um povo não são escolhidos de forma gratuita, mas são fruto de uma seleção dentre tantos aspectos que poderiam ter sido escolhidos para formar certa identidade. Trata-se de uma tradição seletiva, que é intencionalmente escolhida de um passado modelador, que se torna essencial no processo de definição e identificação social e cultural (WILLIAMS, 1992). Essa versão, que é fruto de uma interpretação sobre a realidade, é perpetuada por gerações e reforçada pela mídia e pelos grupos dominantes a fim de assegurar seus interesses políticos e econômicos. Esse processo deliberadamente seletivo oferece uma ratificação histórica e cultural de uma ordem contemporânea.

Williams (2003) distingue três níveis de cultura: a cultura vivida em um determinado tempo e lugar, que apenas se encontra totalmente acessível para aqueles que vivem ou viveram nesse espaço-tempo; a cultura registrada, desde a arte até os fatos mais cotidianos, isto é, a cultura documentada de um período; e a cultura da tradição seletiva, fator vinculante entre a cultura vivida e os registros da cultura em distintos períodos. Dessa forma, existe uma constante interação entre os elementos culturais vividos na contemporaneidade e as tradições selecionadas de um passado considerado significativo, as quais fazem a conexão entre a cultura vivida e a cultura documentada, constituindo o meio social vivido por sujeitos reais em um determinado contexto.

Woodward (2000) aponta que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. As identidades são demarcadas através de símbolos, que singularizam determinado grupo. Dessa forma, algumas diferenças são escolhidas e se tornam mais importantes que outras para construir tais representações. A emergência dessas diferentes identidades é histórica, pois está localizada em condições específicas no

tempo. Assim, a identidade marca o encontro do passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos o presente.

Apesar de ambas serem construções simbólicas, é preciso diferenciar os termos identidade e cultura. A cultura envolve os valores, as crenças, os padrões de comportamento, as produções materiais de um povo, que são transmitidos por meio da comunicação simbólica aos indivíduos integrados a um grupo. Já a identidade é uma narrativa sobre si mesmo, construída em relação com outros, mediante os significados culturais. A identidade permite, assim, que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (CUCHE, 1999). Essa definição serve para afirmar e manter uma distinção cultural resultante das interações entre os grupos e dos procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações.

Nesse sentido, Cuche (1999, p. 176) explica que “a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura [...]”. Assim, a cultura envolve processos inconscientes, enquanto que a identidade se refere a uma vinculação consciente, baseada em oposições simbólicas. Woodward (2000) aponta o caráter relacional da identidade, já que, para existir, depende de algo fora dela, ou seja, de outra identidade, de uma identidade que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista. Essa diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. Através dessas distinções, damos sentido a práticas e relações sociais, que alimentam nosso sentimento de pertencimento a determinado grupo. Nesse sentido, a identidade se constrói, se desconstrói e se atualiza segundo as situações, em um movimento incessante, que a leva a se reformular de modo diferente a cada mudança social.

Toda identidade adquire sentido através da construção de representações realizadas por meio da linguagem e de sistemas simbólicos. Tais representações atuam simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações em seu interior (HALL, 1997). Dessa forma, o social e o simbólico são fundamentais para a construção e a manutenção das identidades. Através dessa marcação simbólica, damos sentido às relações sociais, definindo quem é excluído e quem é incluído. Por meio da diferenciação social, essas classificações de diferença são vividas no cotidiano pelos sujeitos. Assim, o conceito de identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são divididas por meio da marcação ou ocultamento de certas diferenças, já que as identidades são fabricadas por meio de sistemas simbólicos de representação ou formas de exclusão social.

Ao examinar as representações, é necessário analisar a relação entre cultura e significado. Para Woodward (2000), os significados envolvidos nesses sistemas representacionais ajudam a compreender quais posições de sujeito eles produzem e como podemos ser posicionados em seu interior. É por meio da ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Assim, a classificação não está inerentemente nas coisas, mas na representação que fazemos dela (WOODWARD, 2000). A marcação da diferença é, portanto, um componente-chave em qualquer sistema de classificação. A cultura torna-se a esfera responsável por oferecer as categorias básicas a fim de manter a ordenação social, partilhando sistemas de significação.

Essa interdependência da identidade com a alteridade faz com que, mais do que ser representada, ela precise ser reconhecida. Para que a diversidade das culturas do mundo possa ser politicamente levada em conta, ela precisa ser contada. Narratividade e reconhecimento de identidade andam de forma conjunta, pois fazem com que a pluralidade não possa mais ser ignorada, fomentando o diálogo intercultural rumo ao respeito entre as diferentes formas culturais (MARTÍN-BARBERO, 2006). Por ser expressiva, a identidade depende do reconhecimento dos outros, construindo-se no diálogo e no intercâmbio, pois é em relação que os grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais.

A identificação é um fator dinâmico de integração do indivíduo no grupo e de mobilização de suas pulsões, afetos e escolhas. É tanto um ato social quanto privado, é uma espécie de imperativo dinâmico de socialização, de permeação do ser singular pela cultura. Nesse sentido, Sodré (1999) afirma que a identidade é ilusória, porque diz respeito às representações e objetos sobre os quais se podem fazer projeções intelectuais. Assim, o autor argumenta que a identidade se afirma, primeiro, como um processo de diferenciação interna e externa e, em seguida, como um processo de integração das forças diferenciais, que distribui os valores e privilegia um tipo de acento.

Essas significações só adquirem sentido graças aos sistemas classificatórios presentes no contexto cultural, que atuam simbolicamente na ordenação da vida social e no compartilhamento de interpretações. O fato de a construção da identidade ser tanto simbólica quanto social faz com que a luta para afirmar uma identidade tenha causas e consequências reais. Segundo Hall (1997), todas as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder de definir quem é incluído e quem é excluído.

Existe uma desigualdade simbólica entre os grupos sociais quanto ao poder de legitimar a representação de sua identidade, o que faz com que muitas diferenças sejam apagadas ou marcadas a ponto de fixar uma fronteira que separa o “nós” do “eles”, agravando disparidades sociais e fomentando diferentes formas de preconceito.

Tendo em vista que a identidade é uma construção social e não um dado, colocando-se na esfera da representação, é preciso ressaltar que as escolhas dos indivíduos não são totalmente livres, já que são feitas no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e orientam suas representações (CUCHE, 1999). A identidade é sempre uma concessão, uma negociação entre o eu e o outro dentro de um contexto social. Formada culturalmente, a identidade emerge, assim, não exclusivamente de um centro interior, mas do diálogo entre as definições representadas pelos discursos culturais e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por esses significados, de sermos interpelados por eles (WOODWARD, 2000).

Dessa forma, o conceito de representação torna-se essencial para a compreensão da construção e circulação dos significados no interior dos sistemas sociais, uma vez que é, por meio da linguagem, que os objetos do mundo são construídos. Por meio da representação, os meios de comunicação selecionam a forma com que uma identidade será demonstrada, adquirindo, assim, reconhecimento público. Os sentidos são socialmente construídos a partir da linguagem e da representação, tendo como base um sistema comum de classificação chamado cultura. Esses sistemas ou códigos de significado dão sentido a nossas ações, organizando e regulando a conduta dos sujeitos no interior de um sistema social.

Nesse sentido, Hall (1997) utiliza o termo “centralidade da cultura” para se referir à forma como a cultura penetra em cada dimensão da vida social, proliferando ambientes secundários e mediando as interações. Ela está nas peças publicitárias, nas revistas, nos programas televisivos, regulando e vigiando nosso comportamento, nossa forma de pensar e nossos desejos. O fato de a cultura governar a conduta, as práticas e ações sociais dos sujeitos na sociedade contemporânea faz com que “aqueles que [...] desejam influenciar o que ocorre no mundo ou o modo como as coisas são feitas necessitarão [...] de alguma forma ter a cultura em suas mãos, para moldá-la e regulá-la [...]” (HALL, 1997, p.18).

Portanto, a cultura está sempre inscrita e funciona no interior de jogos de poder, que buscam classificar ações e comparar condutas conforme os sistemas de classificação cultural. As esferas econômica, política e midiática veem na dimensão

cultural a possibilidade de obter o controle social e regular as normas de convivência, em uma relação de interdependência que torna visível a materialidade da cultura, com suas práticas, instituições e normas, trazendo consequências concretas para a vida dos indivíduos. As decisões sociais sobre a cultura afetam todo modo de vida e funcionam como uma articulação entre os valores que serão privilegiados e os grupos que terão acesso a esses valores em função de seus interesses.

Neste trabalho, o conceito de tipificação, desenvolvido por Williams (1979), será utilizado para dar conta do conceito de representação, uma vez que o caráter típico se refere a uma figura específica que concentra e intensifica uma realidade muito mais geral. A tipificação não é a representação de leis, mas do processo dinâmico da realidade, que se expressa em um tipo particular. Trata-se, assim, de um exemplo representativo de uma classificação significativa. Além disso, o tipo diz respeito a uma experiência que busca se estabelecer à prova de crise por meio de ritos, apelando para narrativas míticas e para o inconsciente coletivo (WILLIAMS, 1979).

Todo tipo é fruto de seu contexto, pois cristaliza o processo histórico em uma imagem dialética. O objetivo da tipificação é sintetizar a complexidade do real em uma forma particular. Uma vez que não é possível dar conta dessa diversidade, o tipo procura se estabelecer como a única representação possível de uma forma social mais geral, a despeito das inúmeras possibilidades de representação, colocando-se como uma imagem verdadeira e inquestionável. Para que seja compreendido e aceito na sociedade, o tipo estabelece um processo de seleção de quais traços serão escolhidos para compor um tipo particular. Nessa construção, muitos elementos são deixados de lado, uma vez que dificultam a formação de uma imagem padronizada e previsível e, portanto, artificial. A primeira referência à ideia de tipificação surgiu com o conceito de tipo ideal, que se relacionava aos heróis, às forças elementares e aos elementos universais essenciais (WILLIAMS, 1979), o que corrobora a intenção do tipo de se estabelecer como o modelo a ser seguido, definido por traços escolhidos intencionalmente.

Conforme Williams (1979), a relação da tipificação com a realidade não é de ordem direta, pois depende da análise do processo social e da dedução de um deslocamento ou de uma ausência. Assim, tais correspondências não se dão por meio de semelhanças, mas por conexões deslocadas. O processo de homologia se refere ao estabelecimento de relações entre formas particulares, partindo de tipos específicos para uma forma geral, necessitando do contexto para sua compreensão: começamos de uma

estrutura conhecida da sociedade e descobrimos exemplos desse movimento em obras culturais, dentre elas os programas televisuais.

A homologia é um campo apenas superficialmente não-relacionado, de um processo social que não está plenamente representado, mas que está especificamente presente na tipificação. Aparentemente, as esferas do meio social parecem funcionar de forma autônoma, sem nenhuma relação evidente. No entanto, a partir do processo de homologia, é possível perceber que a conexão entre formas específicas e o processo social mais geral é inerente e fundamental para a compreensão das práticas culturais. O reconhecimento é fundamental para a criação de sentido, tendo em vista que um fenômeno cultural só adquire significação quando é considerado uma forma conhecida do processo social geral. Assim, o tipo faz uso de elementos culturais compartilhados pelos sujeitos de um grupo para se tornar inteligível, compondo uma identidade para si, atribuindo-se como única representação possível, impossibilitando a visibilidade de novas formas de representação.

#### **1.4 As tipificações no futebol construídas pelo telejornalismo esportivo**

O telejornalismo esportivo é uma das instâncias responsáveis por construir uma imagem da realidade a milhões de brasileiros, contribuindo para um sentimento de brasilidade. O meio televisivo narra modos de existência através de sons e imagens que têm uma participação significativa na vida das pessoas, uma vez que pautam, orientam, interpelam o cotidiano dos telespectadores, participando da circulação e consolidação das definições e representações ideológicas dominantes. O meio televisivo é um campo de saberes articulado entre si, constituído historicamente e em meio a disputas de poder.

As narrativas telejornalísticas atuam na construção simbólica das identidades, pois estas precisam ser representadas para serem reconhecidas. Certos elementos são constantemente reiterados nos telejornais para retratar a identidade brasileira, constituindo-se em um quadro de referência comum compartilhado pelos sujeitos do grupo. Um desses elementos é a superação, ideia que repetidamente é invocada para representar as histórias de vida dos jogadores de futebol na televisão. Frequentemente, o conceito de superação vem associado às tragédias familiares, ao contexto socioeconômico, à dificuldade de adaptação longe da família e dos amigos, às portas fechadas no início da carreira.

Tais construções operam como lugar de reforço de estigmas, atuando para a permanência de estereótipos e preconceitos por meio de estratégias de redundância

(SOARES, 2010). Nesse sentido, o telejornal segue o modelo que lhe interessa para manter a estrutura de poder e anula todos os que rompem ou tentam romper com o modelo social dominante. Jogadores fracassados, times de várzea, exploração econômica, treinamentos exaustivos, violência entre torcidas, são elementos, via de regra, silenciados pela narrativa televisiva, que constrói uma imagem hegemônica que privilegia os jogadores de sucesso, que superaram as adversidades para se tornarem heróis nacionais.

Segundo Freire Filho (2005), os estereótipos constituem a abstração em virtude da qual a individualidade é alegorizada e transformada em ilustração abusiva de outra coisa, algo não concreto e não individual. Como forma de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável. Agem no sentido facilitar a união do “nós” como “normais”, em uma comunidade imaginária, ao mesmo tempo em que excluem e remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente.

Os estereótipos podem ser definidos como construções simbólicas enviesadas, resistentes à mudança social. A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de grupos minoritários é um empecilho para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões da vida política e social.

Os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais (FREIRE FILHO, 2005, p.22).

Como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas, pois contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história. Embora possam variar em termos de apelo emocional, geralmente representam, expressam tensões e conflitos sociais subjacentes. O estereótipo reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero ou uma classe social a alguns poucos atributos essenciais, supostamente fixados pela natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum. “Os meios de comunicação de massa são a grande fonte de

difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo, para a disseminação de pânicos morais” (FREIRE FILHO, 2005, p. 24), redefinindo as fronteiras entre o moralmente desejável e indesejável.

Nesse sentido, o estudo do telejornalismo esportivo torna-se central para as discussões acerca das tipificações sobre os jogadores de futebol, uma vez que se reconhece “a capacidade de por em marcha processos de identificação que reforçam o sentido de identidade do indivíduo, quer dizer, sua consciência de pertencer a uma determinada categoria social ou comunidade” (CASETTI; CHIO, 1999, p.320) [tradução nossa]. O telejornalismo tem um papel central na construção das representações em torno das identidades, pois, através da mediação da linguagem, narra modos de ser e estar no mundo, interpelando os sujeitos a se reconhecerem nos discursos produzidos. Diante da presença quase absoluta nos lares, Bucci (2000, p. 11) conclui que “o que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro”. Assim, o meio seleciona os assuntos que terão existência pública a partir de seus critérios editoriais e comerciais, enquanto outros são totalmente rejeitados.

O telejornalismo tem os instrumentos para ordenar hábitos dispersos em códigos reconhecíveis e unificadores (BUCCI, 2000, p. 12). O meio apresenta os mecanismos necessários para integrar expectativas e necessidades difusas através de um “tratamento universalizante das tensões”. A televisão promove a unificação imaginária de grande parcela de brasileiros, que se reconhecem na tela, apesar da heterogeneidade de classes, etnias e posições políticas existentes no país.

As representações televisivas são produzidas e consumidas a partir de diferentes instâncias e estão submetidas a processos de regulação social, implícitos ou explícitos. As construções da realidade percebidas pela tela da TV não são neutras, mas representativas de um determinado ponto de vista veiculado por grandes conglomerados político-econômicos. Assim, a televisão está ligada à construção de valores, à cristalização de preconceitos, à formação do senso comum, à constituição de identidades sociais e à produção de subjetividades.

Hall (1997) argumenta que a cultura não pode mais ser vista como uma variável secundária dos processos sociais, mas como um aspecto central e constitutivo da vida social. Assim, aqueles que têm interesse em influenciar o comportamento dos sujeitos precisam controlar a esfera cultural, para moldá-la e regulá-la conforme sua visão de mundo. Segundo o autor, apesar de uma aparente desregulamentação da cultura diante do enfraquecimento das forças estatais, o que tem se intensificado, na verdade, são as

forças do capital na regulação cultural, sob a justificativa da liberdade de mercado. Dessa forma, a cultura tem se tornado um fator determinante para o sucesso econômico e a coesão social, tendo em vista que nossas ações são reguladas normativamente pelos significados culturais, os quais estão inscritos em jogos de poder.

Mota (2010) afirma que o imaginário de nação é construído discursivamente pelo telejornalismo através da mobilização de valores capazes de unificar a população. A ideologia nacionalista é uma ideologia da exclusão das diferenças culturais, reduzindo um conjunto coletivo a uma personalidade cultural única, apresentada geralmente por meio de tipificações e estereótipos, que não dão conta da diversidade de um país. Essa construção é baseada em um discurso hegemônico sobre o país e seu destino, que atenua as diferenças e seleciona as características compreendidas como brasileiras. Tal discurso alimenta a sensação de pertencimento a um grupo a partir do reconhecimento de uma identidade comum. Para a autora, o meio televisivo participa da construção da consciência cultural de uma sociedade.

Afirmar a identidade significa marcar fronteiras, deixar fora os que são diferentes. Criar inclusões e exclusões. [...] A identidade nacional precisa apagar as diferenças culturais existentes no país, buscar a união, buscar a representação acima das representações. Numa palavra, constrói-se por meio de uma meta-narrativa. (MOTA, 2010, p. 164)

Esse processo de pertencimento, promovido pelo telejornalismo, prevê o estabelecimento de uma fronteira social e simbólica, fruto da vontade de se diferenciar através do uso de certos traços culturais como marcadores de uma identidade específica. Essa demarcação de limites baseada na interdependência entre identificação e diferenciação torna visível a possibilidade de se usar a cultura de maneira estratégica e seletiva a fim de garantir o reconhecimento dos membros de um grupo. No entanto, essas fronteiras não são imutáveis, uma vez que são suscetíveis de serem renovadas pelas trocas sociais. Como afirma Cuche (1999, p. 201), “qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteira”.

O telejornalismo constrói tipificações por meio da linguagem, que mais do que reflete, (re)cria a realidade. Sodré (1999) afirma que o meio se vale fortemente da ideologia globalista, constituindo-se como um exemplo de técnica política de linguagem. Dessa forma, a globalização se associa à planetarização, que significa o nivelamento ou apastamento das diferenças. Os meios de comunicação, enquanto tecnologias integradoras, frequentemente apoiam e coincidem em termos econômicos

com a aceleração do capital, propagando a ideologia do pensamento único, que lhes atribui poderes universais de uniformização.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o telejornalismo se constitui como um ambiente imaginário universalizante, capaz de formatar uma representação homogeneizante da sociedade. Isso significa que a televisão é capaz de absorver as transformações sociais e tecnológicas do mundo contemporâneo, colaborando para a construção da realidade. Ao mesmo tempo, a TV também é construída pelo ambiente em que se encontra, pois faz parte da sociedade e é por ela influenciada. Temer (2010) explica que as trocas entre televisão e sociedade são pautadas por permanentes equilíbrios e reequilíbrios, cabendo à televisão absorver o intenso fluxo de acontecimentos a fim de processá-los e devolvê-los sob a forma de produtos de fácil consumo, mantendo o equilíbrio do sistema como um todo.

Nesse contexto, é possível entender a televisão como um veículo capaz de criar laços sociais (WOLTON, 1996) na medida em que dissemina informações em escala vertiginosa, oferecendo os insumos que alimentam as interações entre os cidadãos. Os assuntos veiculados pela televisão podem pautar as conversas informais entre amigos, bem como fomentar discussões e debates. Através da televisão, os atores e seus discursos adquirem existência pública para além de seu meio local, tomando parte no fórum de debate cívico constituído pela mídia.

A televisão é um formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos. O mais importante não é o que se vê, mas o fato de se falar sobre isso. A televisão é um objeto de conversação. Falamos entre nós e depois fora de casa. Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários (WOLTON, 1996, p. 16).

O telejornalismo construiu, ao longo de sua história, uma linguagem própria. Cada programa, por sua vez, cria uma identidade a partir da mobilização de um código específico, assim como estruturas narrativas e argumentativas particulares para dialogar com o público em questão (ROCHA, 2010). Assim, as estratégias empreendidas no âmbito da produção se baseiam em referenciais culturais que sejam amplamente compartilhados em um dado contexto a fim de garantir a compreensão da mensagem, pois é a partir da mediação da cultura que se dá o sentido de um texto.

Fischer (2001) atenta para a capacidade técnica do meio televisivo, evidenciando o seu funcionamento por meio de redundâncias, pela exploração imagética dos fatos e pela possibilidade tecnológica da informação ser sempre nova e, simultaneamente, a

mesma. No telejornalismo, a imagem é um dos critérios fundamentais da notícia. A imagem produz significados sobre o que mostra, os quais são interpretados a partir de um mapa cultural pelos telespectadores. Como afirma Mota (2010, p. 163), “as imagens farão sentido porque estão expressando aspectos da realidade social que conhecemos e da qual temos memórias bem vivas”.

Por estar no meio televisivo, as informações ampliam seu poder de alcance público, o que o torna “mais do que um acontecimento, uma prática social, onde se instauram processos de produção de sentidos” (FISCHER, 2001, p. 51). Essa construção do real operada pelo telejornalismo passa por um processo de enquadramento, que reforça certos sentidos ao mesmo tempo em que exclui outras interpretações. Tais imagens são fortemente marcadas pelo imediatismo, pela dinamicidade da edição e pela sedução das imagens, elementos fundamentais para atrair a audiência.

A narrativa telejornalística estabelece um contato permanente entre o emissor e o receptor, naturalizado por uma recepção quase sempre doméstica. A respeito da aparência dialógica do discurso telejornalístico, Temer (2010, p. 116) afirma que

O telejornalismo funciona com base em um “diálogo televisual”. O texto constrói-se na forma de uma narrativa, de histórias, que proporcionam o rompimento da sensação de unilateralidade e abrem espaço para a noção inconsciente de diálogo, para a sensação de contato direto com o narrador.

O apresentador é, de fato, um ingrediente fundamental, pois precisa estabelecer uma ligação com sua audiência, desenvolvendo um vínculo de familiaridade. O telejornal se torna um hábito, uma companhia que invade diariamente os lares dos brasileiros. Através de um processo de construção da realidade e da preferência por uma linguagem de fácil acesso, o telejornal abre espaço para uma sensação de contato direto com o jornalista, objetivando uma conexão empática com seu público. Ao usar o recurso das emoções, os telejornais buscam conquistar a audiência por meio da sedução. Assim, a audiência não é imposta, mas conquistada, em grande parte, pelos recursos emotivos, que são inerentes à construção da notícia no meio televisivo.

O futebol faz parte da representação de brasilidade feita pelo telejornalismo. A Seleção torna-se uma entidade simbólica dos valores da nação, contribuindo significativamente para a unificação de um país tão vasto e heterogêneo como o Brasil. Para Pecenin (2007), o futebol é parte integrante da identidade brasileira, de modo que qualquer coisa que se enuncie sobre o futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil, principalmente durante uma Copa do Mundo.

Uma partida de futebol cumpre um papel importante na formação de uma consciência nacional. Para Gastaldo (2003), essa identidade comum, que ultrapassa os limites familiares e alcança o espaço público, fornece as bases de um padrão de sociabilidade específica: trata-se de um código de integração a um determinado sistema social. As coberturas telejornalísticas dos espetáculos esportivos têm se revelado propícias à constituição de identidades coletivas, uma vez que permitem a conformação de diferentes arranjos e experiências de integração social. O futebol é uma espécie de língua franca: são poucas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele ou sobre questões do dia, revelando-se também, por seu intermédio, afinidades e discordâncias (ANTUNES, 2004).

Para DaMatta (1982), o futebol é compreendido como um drama da vida social, onde se colocam em cena questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira, assim como em outros momentos igualmente ritualizados, como o carnaval e as religiões afro-brasileiras. Esses três elementos têm sido objeto de apropriações ideológicas diversas, no sentido de compor uma identidade brasileira, na qual o futebol desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do povo brasileiro na sua constituição como nação.

O interesse pelo esporte é catalisado em uma dimensão nacional quando entra em campo a Seleção Brasileira. Em torno deste time, realiza-se uma espécie de imaginário comum de nação, por meio da superação das diferenças entre os diversos clubes de futebol em prol de um bem comum: o desempenho do Brasil perante outros países. Boa parte da legitimação desta apropriação simbólica provém do telejornalismo esportivo, que constrói suas narrativas selecionando e reforçando os valores que perpetuam a ideia de Brasil como país do futebol. Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas seleções nacionais, que encarnam simbolicamente cada nação participante do evento (GASTALDO, 2003).

DaMatta (1982) indica que é fundamental que se visualize o futebol para além do seu caráter funcional, pois só desta maneira torna-se possível compreender a função política e social deste esporte, que acaba trazendo à tona várias tensões sociais. Mais do que um esporte, o futebol também é um negócio. Os jogadores de futebol são vendidos e comprados como se fossem mercadorias, negociados entre clubes a preços exorbitantes, expostos a uma rotina extenuante de treinos e jogos. Na maioria das vezes, não são donos de seu destino: são obrigados a mudar de país para jogar em times estrangeiros, tendo que encarar uma realidade completamente diferente longe da família

e dos amigos. Como afirma Galeano (1980, p. 15) sobre a carreira de jogador de futebol, “os empresários podem comprá-lo, vendê-lo, emprestá-lo; e ele se deixa levar pela promessa de mais lama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso faz, e mais dinheiro ganha, mais está preso”.

Os jogadores de futebol são representados pelo telejornalismo através da característica do ídolo-herói, que transforma o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes heróis são paradigmas dos anseios sociais e, através de suas trajetórias de vida, podemos perceber alguns traços que são frequentemente recorrentes e enfatizados (HELAL, 1998).

A partir da tipificação de tais histórias de vida<sup>6</sup>, a televisão constrói narrativas identitárias reveladoras de um modo específico de ser que se constitui no próprio ato do relato.

Porque o relato de uma vida, tanto na entrevista como em outros gêneros, não é somente colocar em ordem acontecimentos dissímeis, nem articular temporalmente recordações distantes: é, como toda narração, uma atribuição de sentido. E a narração não é uma mera ‘representação’ do ocorrido, mas uma forma que faz o ocorrido inteligível, uma construção que postula relações que talvez não existam em outro lugar: casualidades, causalidades, interpretações. [...] O relato da vida tem assim relação com o sentido da vida, mesmo que o próprio narrador não seja consciente disso (ARFUCH, 2010, p. 89).

Assim, todo relato biográfico se situa em um horizonte histórico-social, evidenciando a inter-relação entre dinâmica social e individual. Nesse aspecto, por meio da construção televisiva do relato biográfico, “longe de escamotear o peso e a importância da sociedade que, de alguma forma, produz os indivíduos, deveríamos procurar compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico” (VELHO, 2006, p. 55).

Em muitas narrativas sobre esses jogadores, percebemos a ênfase na infância sofrida, de muitas privações; nas tragédias familiares; nas histórias de superação e consagração; nos exemplos de humildade e simplicidade. Tais tipificações, reiteradas pelo telejornalismo, fazem com que milhões de jovens brasileiros, em sua maioria das

---

<sup>6</sup> Ao longo da dissertação, o termo história de vida será utilizado no sentido mais genérico, ou seja, como relato e narrativa de uma trajetória individual e não como uma metodologia específica de investigação das ciências sociais.

periferias do país, sonham em se tornar jogadores de futebol, atraídos pelos salários muito acima da média nacional, pelo reconhecimento público e pela possibilidade de ascenderem socialmente através do esporte.

No entanto, as narrativas escondem uma realidade cruel: nem todos têm a oportunidade de jogar em grandes clubes, pois moram em cidades do interior, não têm dinheiro para transporte e hospedagem, não aguentam a pressão e a saudade da família. Por trás das histórias de sucesso e consagração, existe uma vida de sofrimento e privações, que raramente aparece nas representações telejornalísticas sobre esses jogadores. É como se o sucesso dependesse exclusivamente do esforço pessoal de cada um, sem levar em conta as condições sociais e econômicas inerentes à trajetória desses jogadores. Para Chauí (2006), a indústria cultural cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais, escolhendo livremente o que desejam. Para seduzir o consumidor médio, não se pode chocá-lo ou fazê-lo pensar; deve-se devolver o que ele já sabe com uma nova aparência. Assim, o telejornalismo contribui para a disseminação do senso comum, naturalizando a hierarquia social e a pobreza, dispersando a atenção e infantilizando a audiência.

Através do futebol, pode-se realizar uma dramatização, em que uma entidade abstrata como um país, torna-se algo visível e concreto sob a forma de uma equipe que sofre, vibra e pode até vencer os seus adversários. Representando uma massa popular que normalmente não tem voz e quando fala necessita respeitar uma ordem hierárquica, o telejornalismo esportivo constrói uma falsa sensação de horizontalização do poder, através da reificação esportiva. Considerando tudo o que foi exposto, tensionamos nosso objeto, dentro e fora do campo e da tela.

## **2. FUTEBOL, BRASILIDADE E TELEJORNALISMO ESPORTIVO**

No presente capítulo, relacionaremos os conceitos de futebol, brasilidade e telejornalismo esportivo. No primeiro tópico, iremos fazer um relato histórico do futebol a partir dos desdobramentos políticos e econômicos do Brasil, mostrando como esse esporte influenciou e foi influenciado pelas mudanças ao longo do tempo. Faremos ainda um resumo da participação da Seleção Brasileira em Copas do Mundo e uma problematização dos conceitos de globalização e interculturalidade no terreno do futebol. Na segunda subseção, iremos abordar a cobertura telejornalística para além das quatro linhas do gramado, ou seja, como os fatos relacionados aos bastidores do futebol são retratados ou silenciados pelo telejornalismo esportivo. Em seguida, iremos nos aproximar de nosso objeto empírico a partir de uma análise descritiva do desenvolvimento do telejornalismo esportivo na Rede Globo para entender que percurso tais programas percorreram dentro da emissora. Por fim, focalizaremos o lugar ocupado pela editoria de esportes dentro do Jornal Nacional desde a sua criação para evidenciar como essa editoria é rotineiramente representada no telejornal e em que momentos ela recebe um destaque maior dentro do programa.

### **2.1. O futebol e os desdobramentos político-econômicos do Brasil**

O futebol, enquanto construção histórica, é parte indissociável dos fatos da vida política e econômica do Brasil. Esse esporte é apropriado como uma tradição e se converte em um instrumento de integração simbólica da comunidade imaginada que se reúne em torno do sentimento de brasilidade. Primeiramente, o esporte aparece como uma atividade de elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos que exploraram as oportunidades abertas pelo desenvolvimento do país no final do século XIX. Os jogadores eram, na sua maioria, técnicos industriais e engenheiros ingleses, que aqui chegaram atraídos pela riqueza gerada pelo ciclo de café. Até 1930, se um jogador se machucasse, o defensor só pedia desculpas sinceras se fosse em inglês, o que demonstra a influência desses imigrantes ingleses, responsáveis pela introdução de hábitos e costumes estrangeiros, dentre os quais estava o futebol (GUTERMAN, 2014).

O futebol é um esporte moderno, nascido com a expansão das cidades, a partir da Revolução Industrial, quando ocorreram significativas ondas migratórias. Conforme Guterman (2014), os registros de imigração indicam que os ingleses viviam em grupos de até 300 funcionários de empresas do Reino Unido e trabalhavam em tarefas

específicas, como ajustar trilhos e operar máquinas. O Brasil recebeu imigrantes ingleses de classes média e alta, já que os ingleses pobres migravam para os Estados Unidos. Nas metrópoles, ninguém tinha raiz ou tradição. Os recém-chegados buscavam laços afetivos, emocionais, de identidade coletiva que substituíssem os antigos laços de parentesco. Essa carência afetiva fez com que a classe dominante usasse, posteriormente, o futebol para afagar essa dívida afetiva, em contrapartida ao abismo social criado pelo modelo econômico.

Segundo Costa (1995), os laços afetivos estabelecidos pelo futebol se deram devido a algumas peculiaridades do esporte: por ser um esporte de equipe que depende da harmonia da coletividade, por ser praticado com os pés, o que produz imprecisão e amplia o senso de oportunidade, e pelo fato de os jogadores não possuírem um biótipo definido, facilitando a identificação do torcedor com seu herói. Justamente pelo caráter coletivo e imprevisível do futebol, a torcida sente que pode influir no resultado da partida por meio da motivação ou da vaia aos jogadores. De acordo com Costa (1995), foi esse jogo, que produzia democraticamente perdedores e vencedores, que dava ênfase ao desempenho e que servia para divertir e disciplinar, que se transformou em um professor de democracia e de igualdade, ensinando ao povo a importância do respeito às leis para o funcionamento do todo social. É preciso pontuar que o esporte ensinou uma forma específica de democracia, que mantinha cada grupo social em seu devido lugar, com o enaltecimento do negro dentro de campo pelas suas habilidades com a bola, mas com a exclusão de suas possibilidades reais de participação e de ascensão na sociedade. Constituiu-se em uma democracia para que todos soubessem o seu lugar, mas para que poucos tivessem a chance de opinar e serem reconhecidos, a fim de garantir a hegemonia do grupo dominante e inviabilizar a transformação social.

Nos primeiros anos do esporte no Brasil, todo o equipamento adequado para a prática do jogo tinha que ser importado. No final da primeira década do século XX, os clubes ainda reclamavam que o governo mantinha impostos excessivos sobre a importação de produtos ligados ao futebol, como redes, chuteiras e bolas. Diante desse cenário de dependência externa, torna-se compreensível o fato de o futebol ter demorado a se difundir nas classes mais baixas no Brasil. Inversamente ao futebol brasileiro, marcadamente elitista em seus primórdios, na Inglaterra, o futebol nasceu em meio ao crescimento da massa operária. Era um jogo que trazia para locais públicos toda a raiva das classes baixas do país, marginalizadas nas periferias das grandes cidades. Por causa disso, o futebol passou a ser jogado em locais específicos,

principalmente nas ruas e nas escolas públicas. Por volta de 1850, houve a primeira tentativa de uniformizar as regras do jogo. Multiplicaram-se os times, que já nasciam com vocação profissional, tornando-se uma oportunidade para operários e estudantes ganharem dinheiro.

Uma vez consolidado o profissionalismo na Inglaterra, será a própria igreja protestante que estará por trás da formação das grandes equipes profissionais inglesas. Como explica Morales (2013), para os protestantes, o trabalho é uma bênção e o comércio é uma atividade digna, de forma que o futebol, como trabalho e comércio, termina sendo aceito pela igreja, mas sempre aos sábados. A famosa “semana inglesa” consistia em trabalhar de segunda a sábado de manhã e, depois de receber o salário, ir ao pub ou ao estádio ao sábado à tarde e ir à igreja ao domingo.

O futebol foi introduzido no Brasil no final do século XIX por influência britânica, mas o tipo de jogo adotado logo ganhou um estilo característico que distinguiria o futebol brasileiro do europeu. Charles Miller, considerado o pai do futebol no país, estudava em Londres e trouxe uma bola de futebol na bagagem ao retornar para São Paulo. Ele era adepto do drible, maneira criativa de superar os zagueiros para chegar ao gol. Miller nasceu em São Paulo, em 1874, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller. A mistura britânica e brasileira da família representava o resultado da transformação de São Paulo em centro de atração do capital inglês no final do século XIX devido ao *boom* da construção de ferrovias no país. Guterman (2014) explica que as ferrovias eram usadas para escoar a produção de café, cujo valor de exportações havia assumido posição insuperável em meados do século XIX – foi o principal produto brasileiro no exterior durante quase um século, e o Brasil controlava 80% do mercado mundial.

Os pobres espiavam por cima do muro. Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques nunca se dirigiam a eles ao saudar a torcida, mas à arquibancada, formada de moças e rapazes de famílias abastadas (MORALES, 2013). Nesse período inicial, apenas brancos das classes econômicas mais favorecidas tinham acesso ao futebol como jogadores. A presença do negro no esporte foi tema controverso até os anos de 1970, conforme destaca Guterman (2014). No Rio de Janeiro, por exemplo, em que a mistura étnica ameaçava de forma mais acentuada a hegemonia branca dos clubes, a liga de futebol proibiu jogadores negros nos times. Na capital carioca, a capoeira deu lugar ao futebol entre os pobres, ainda que seus times tivessem que jogar na Liga Suburbana de Futebol, criada em 1907, e não na liga oficial

da cidade, cujo estatuto vetava atletas negros. Em São Paulo, os times de operários se agruparam primeiramente na Várzea do Carmo, que havia sido o mesmo berço do futebol de elite. O nome várzea, por essa razão, acabou servindo para designar qualquer time e qualquer campo com as características amadoras, em jogos sempre aos domingos (GUTERMAN, 2014).

Negros e operários só tinham vez nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos ricos ganhassem títulos. Eram considerados moleques e malandros, e não trabalhadores, porque a prática do esporte exigia tempo disponível. Naquela época, só rendia favores: não rendia dinheiro. Os jogadores não podiam ser negros nem procurados pela polícia. Mestiços serviam, desde que comprovassem desempenho excepcional com a bola. Precisavam jogar de acordo com o estilo europeu, repetindo as jogadas ensinadas pelos folhetos ingleses.

Guterman (2014) aponta Arthur Friedenreich como o primeiro grande herói do futebol brasileiro. Seu pai era o judeu Oscar Friedenreich, um dos tantos comerciantes alemães que haviam apostado no Brasil do final do século XIX como uma terra de oportunidades. A mãe de Friedenreich era Matilde, que geralmente aparece nos registros do craque como uma “lavadeira negra”, sem nome completo nem dados biográficos. Consta apenas que era uma ex-escrava. No entanto, Fried, como era conhecido, perdeu rapidamente a condição de negro por causa de sua ascendência europeia e em virtude de sua transformação em herói nacional. Isso, de certo modo, significa que, se o negro estivesse bem posicionado socialmente, “deixava” de ser negro. Mesmo diante do reconhecimento nacional, Fried procurava esconder sua condição de mestiço, alisando o cabelo antes de entrar em campo. Outro caso expressivo do preconceito racial no futebol foi representado pelo jogador Carlos Alberto: ele passava pó de arroz no rosto para disfarçar sua cor quando jogava pelo Fluminense. A torcida adversária não perdoava e gritava continuamente “pó de arroz”. O apelido não marcou apenas o jogador, mas o próprio time carioca, conhecido por seu elitismo.

Nesse contexto, é que aparece o clube de futebol Corinthians. Em setembro de 1910, um grupo de trabalhadores do Bom Retiro decidiu fundar um clube. O Corinthians se posicionava como o clube dos operários, o clube do povo – não tinha sede nem dinheiro, mas tinha time e vontade de ingressar no restrito círculo do futebol da elite (COSTA, 1995). Seu estatuto previa que o clube seria um lugar aberto a todos, não se observando nacionalidade, religião ou política. Esse empenho de democratização

dos clubes traduz um momento em que os operários começavam a ter poder de organização em São Paulo.

Diante de um modelo de gestão excludente e impessoal praticado por uma elite, os torcedores corintianos resolveram criar a torcida organizada Gaviões da Fiel. O surgimento das primeiras torcidas organizadas data do fim da década de 1960 e começo de 70, constituindo-se em um fenômeno recente no país. A Gaviões da Fiel nasce, assim, como um sindicato, reclamando por participação e democracia. Como explica Costa (1995), ela nasce como forma de possibilitar e manter laços de identidade, de afeto e de paixão. É através das torcidas organizadas que os indivíduos passam a adquirir uma identidade social e passam a se sentir efetivamente enraizados.

Os muros erguidos em torno do futebol não resistiram à formação das metrópoles brasileiras. Foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou nesse esporte a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas. A profissionalização do futebol foi uma consequência desse processo – as competições passaram a atrair grande público, e os melhores jogadores passaram a ser disputados e remunerados por clubes interessados em vencer.

O futebol vivenciou, em seus primeiros momentos de organização no Brasil, períodos de amadorismo e simplicidade. Jogar em campos improvisados, com menos jogadores do que manda a regra, em condições adversas e sem remuneração, apenas por amor ao esporte, tudo isso simbolizava o romantismo que cercava o futebol. O embate entre amadorismo e profissionalismo seria a tônica do futebol brasileiro nas primeiras três décadas do século XX (GUTERMAN, 2014). O primeiro jogo de futebol disputado no Brasil dentro das regras oficiais ocorreu em São Paulo em 14 ou 15 de abril de 1895. Promovido por Charles Miller, reuniu funcionários da Companhia de Gás e da São Paulo Railway. O time da São Paulo Railway venceu por 4 a 2. Não havia uniformes para todos e muitos jogadores tiveram de atuar jogando com as calças que vestiam, o que demonstra a precariedade do esporte em seus primeiros anos.

A greve de 1917, uma paralisação geral dos trabalhadores da indústria e do comércio no Brasil, fez com que as autoridades e os industriais vissem que a cidade precisava de um esporte que acalmasse o ânimo das massas. Conforme Guterman (2014), os municípios isentaram os campos de impostos, os industriais se apressaram em construir *grounds*, a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios, os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol foram suspensos.

O futebol começou, assim, a ser visto como uma forma de controle social relevante, pois permitia o prazer do contato físico, tão indesejado nas cidades, por meio de uma forma de confronto que não tinha vítimas reais e estabelecia regras comuns a todos. Consolidou-se como uma estratégia para canalizar a violência para o campo controlado de um esporte popular. O esporte de massa se tornou referência do conflito controlado diante da confusão de referenciais trazida pela modernidade. É no campo de jogo que os indivíduos descarregam suas tensões sem que isso implique crime ou violência real. Nesse aspecto, a popularização do futebol, embora rejeitada pelos praticantes da aristocracia, foi vista na época como apaziguador social, em meio aos primeiros movimentos de organização operária. Os periódicos de massa, nesse período, passam a dar cada vez mais importância à página esportiva que, com os prognósticos dos jogos, muitas vezes alimentavam a única atividade intelectual dos operários (MORALES, 2013).

Com a massificação, o futebol passou a ter também importância política. Sua capacidade de mobilização logo se impôs como elemento decisivo para conquistar o apoio das camadas populares. O mundo do poder político e ideológico também se reproduziu dentro dos campos de futebol – a Copa do Mundo da Itália, no auge do fascismo, em 1934, é um símbolo dessa relação. Mussolini entendia o esporte como a chave fascista para criar a sensação de unidade necessária para os projetos do regime, o que o fez centralizar a institucionalização do futebol e mandar construir estádios em todo o país, tentando usar o esporte como elo nacional (GUTERMAN, 2014).

O futebol logo foi visto como um elemento de controle dos operários pelas próprias empresas. Antunes (2004) afirma que muitas empresas, como a Votorantim, criaram seus clubes. Formou-se um movimento em que as fábricas apoiavam clubes de futebol amador, composto pelos próprios funcionários, com financiamento das empresas. Elas patrocinavam esses clubes e, em troca, mantinham seu controle financeiro e administrativo. Dessa forma, os empresários conseguiam promover uma identificação clube-empresa, suscitando a crença de que os jogadores, trabalhadores e patrões faziam parte de uma grande família (COSTA, 1995).

Até então, a crescente massa trabalhadora era disforme e impotente. Para a elite, a questão operária era questão de polícia e não de política. A entrada dos operários no futebol acentua também uma mudança de perfil do esporte que já vinha sendo desenvolvida desde 1905: o amadorismo, que serviu para deixar de fora do futebol quem não fosse da aristocracia, estava virando uma intenção apenas de fachada. Vários

jogadores já atuavam sob contrato em São Paulo e vários operários eram convidados a jogar por diversos clubes em troca de dinheiro, porque o espírito esportivo dos primeiros anos já cedia lugar à obsessão pela vitória e por títulos (GUTERMAN, 2014).

Dessa forma, ficou escancarado o falso amadorismo no esporte. Para atuar nos campeonatos, os jogadores tinham que ter algum emprego. Como não interessava aos clubes abrir mão de certos atletas desempregados, inventavam empregos fictícios a eles. A ruptura do futebol, de esporte da elite para esporte da massa, de esporte amador para esporte profissional, se daria concretamente na década seguinte, nos anos 1920, quando a Primeira República já dava sinais de desgaste em razão de seu desprezo pelas questões populares. Surgiam as condições que fariam do futebol o mecanismo pelo qual o Brasil romperia os limites rígidos de sua hierarquia social, ainda que momentaneamente.

Quando se tornou global, o futebol passou rapidamente a ser o campo das disputas por hegemonia planetária. Ter o melhor futebol do mundo virou uma meta brasileira, perseguida como um projeto de afirmação nacional. A realização da Copa de 1950 no Brasil traduziu esse sonho, mas a força da ideia ficaria mais clara na Copa de 1970, quando a Ditadura Militar exploraria cada vitória brasileira para mostrar a suposta força inerente à brasilidade, reforçando a ideia de que o país estava no caminho do crescimento econômico, em detrimento de sua força opressora e do desrespeito à convenção internacional dos direitos humanos.

A inspiração para o orgulho patriótico era o óbvio contraste entre a colorida Seleção Brasileira, com seus improvisos e sua malícia incipiente, e os alvos europeus, com sua técnica mecânica (GUTERMAN, 2014). O futebol se tornava um elemento de propaganda nacional no exterior, tornando o nome do Brasil conhecido entre os milhões de torcedores que acompanhavam os jogos. O Brasil começava a se enxergar como singular a partir do futebol. Para o sociólogo Gilberto Freyre (1999), o futebol brasileiro era a expressão das vantagens da democracia racial<sup>7</sup>. Era a expressão do improviso, da diversidade, da espontaneidade individual, enquanto que o futebol europeu era uma expressão do método científico, em que a ação pessoal resultava mecanizada e subordinada ao todo. Na Copa do Mundo de 2014, os brasileiros puderam sentir o gosto amargo da vitória alemã, que com seu método, goleou por 7 a 1 a Seleção Brasileira, que não soube improvisar, lidar com a diversidade e fixou-se no individualismo de alguns jogadores em detrimento da coletividade.

---

<sup>7</sup> O conceito de democracia racial desenvolvido por Gilberto Freyre vem sendo amplamente criticado por autores como Florestan Fernandes.

Mais tarde, em meio a crises econômicas, o futebol brasileiro se transformou em exportador de craques no final dos anos 1980 – a chamada “década perdida”. O fenômeno coincidiu com a desnacionalização do futebol por meio da formação de times europeus a partir da contratação de atletas de várias partes do mundo. Segundo Guterman (2014), a globalização entrou em campo e exigiu como premissa a descaracterização do elemento nacional. A Seleção Brasileira se transformaria, a partir dos anos 1990, em seleção estrangeira.

Em 1994, o Brasil conquistou o tetracampeonato nos Estados Unidos, mostrando um futebol muito semelhante ao praticado na Europa – afinal, nossos melhores jogadores atuavam lá. A diferença foi Romário, que ainda guardava alguma afinidade com o estilo brasileiro pela sua capacidade de invenção. A vitória brasileira na Copa de 2002, com a conquista do pentacampeonato, mostrou que, mesmo com toda a padronização das táticas e técnicas e a pulverização das fronteiras culturais, restava algo que ainda fazia o Brasil superior aos demais. O triunfo no Mundial disputado na Coreia e no Japão, simbolizado por um Cafu orgulhoso de sua origem social miserável, coincidiu com um momento de transformação do país, em que a afirmação nacional parecia se somar a uma ilusória maturidade da democracia brasileira e à promessa do resgate de séculos de dívida social (GUTERMAN, 2014).

Em 2014, o Brasil voltou a sediar o Mundial pela segunda vez. A Seleção Brasileira era composta por jogadores que, em sua maioria, atuavam em times estrangeiros, atraídos pelo valor dos salários muito acima da média nacional, o que colaborou para a falta de identificação com a torcida e de entrosamento dentro de campo. Com uma derrota por 7 a 1 para a Alemanha na semifinal, o Brasil ficou com a quarta colocação. O resultado deixou atônitos os jogadores, que se sentiam perdidos dentro de campo, e os torcedores, que esperavam que os gastos com dinheiro público nas obras da Copa fossem, em parte, justificados com a conquista de mais um título. A insatisfação no esporte veio em um momento político-econômico conturbado para o país, marcado pelos casos de corrupção nos poderes executivo, legislativo e judiciário, pela alta do dólar e da inflação e pelos altos índices de desemprego. Em 2015, Eduardo Cunha<sup>8</sup>, presidente da Câmara dos Deputados, autorizou a abertura do processo de

---

<sup>8</sup> O deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ) foi afastado da presidência da Câmara dos Deputados no dia 5 de maio de 2016 por decisão do Supremo Tribunal Federal, que também suspendeu seu mandato parlamentar por tempo indeterminado. Cunha renunciou ao cargo no dia 7 de julho de 2016. A decisão do político, no entanto, não altera o andamento dos processos que o investigam na Operação Lava Jato e no

impeachment da presidenta Dilma Rousseff, o que deixou o país em uma situação ainda mais delicada no cenário internacional diante de incertezas e conflitos de interesses.

Para Chade (2015), o Brasil perdeu o campeonato dentro e fora de campo. Segundo o autor, a democracia foi atacada com a modificação da Constituição por exigência da FIFA, que ficou livre do pagamento de impostos; o dinheiro público pagou as obras do Mundial, deixando uma dívida financeira para o país e contribuindo para o enriquecimento dos cartolas<sup>9</sup> e, por fim, o investimento público não deixou um legado social como haviam prometido os dirigentes da entidade máxima do futebol.

No entanto, a principal contribuição da Copa do Mundo foi dada pelo torcedor, que assumiu seu poder como cidadão ao ir às ruas se manifestar, desde um ano antes da realização do Mundial. Nos dias 15 a 30 de junho de 2013, durante a realização da Copa das Confederações, milhares de pessoas tomaram as ruas das principais cidades do país questionando a realização da Copa do Mundo com o uso de dinheiro público, investimento que poderia ter sido usado para a construção de escolas e hospitais e para o melhoramento do setor de transportes. As manifestações, que começaram questionando o aumento do preço do transporte, logo mostraram ao mundo a insatisfação popular diante de decisões políticas do governo brasileiro que não levavam em conta o bem-estar social. Os brasileiros colocavam-se, assim, contra a forma como a Copa estava sendo organizada, não contra o evento em si.

Na abertura do primeiro jogo da Copa das Confederações, a presidenta Dilma Rousseff recebeu vaias de uma torcida composta por 70 mil torcedores, cena que foi transmitida para o mundo inteiro através da televisão. O povo brasileiro tinha motivos reais para criticar o uso de dinheiro público para o financiamento do evento, questionando a legitimidade da realização da Copa do Mundo nestas circunstâncias:

Com o dinheiro usado nos estádios, cerca de R\$ 8 bilhões, poderiam ter sido financiadas 2,4 milhões de bolsas-atleta para esportistas olímpicos ou 10 mil quadras poliesportivas pelo país. Em termos sociais, o impacto seria profundo. O valor é suficiente para erguer 130 mil casas populares ou 9 mil creches. O investimento também permitiria abrir quase 50 mil escolas rurais (CHADE, 2015, p. 300).

---

Conselho de Ética, que podem levar à cassação de seu mandato. Dentre as acusações, estão a existência de contas bancárias secretas na Suíça e o recebimento de propina no esquema de corrupção na Petrobras.

<sup>9</sup> Tendo em vista a origem aristocrática do futebol, os uniformes dos jogadores costumavam incluir até gravata, e alguns dirigentes usavam cartola, modelo masculino de chapéu de aba estreita, copa alta e cilíndrica. Com o tempo, o termo ganhou conotação pejorativa, passando a classificar dirigentes de entidades esportivas que enriqueceram ilicitamente se aproveitando de sua posição.

Dessa forma, o povo mostrou que o esporte também pode ser um veículo de contestação social e revolta, constituindo-se em uma arma política, principalmente naquele momento que antecedia às eleições presidenciais em outubro de 2014. Os protagonistas da Copa foram os brasileiros que, mais do que torcedores, exerceram seu papel de cidadãos, fazendo o espírito coletivo das torcidas reverberar nas ruas. O grito do torcedor pode sim ser o grito legítimo de um protesto cidadão, fazendo dos estádios e das ruas locais de autonomia para defender seus direitos e lutar pelo seu país.

#### 2.1.1. A Seleção Brasileira em Copas do Mundo

A primeira Copa do Mundo foi realizada em 1930, mesmo ano em que Getúlio Vargas chegava ao poder. Depois de divergências com o Comitê Olímpico Internacional sobre as competições que envolviam o futebol, a FIFA, presidida por Jules Rimet, decidiu em 1928 criar seu próprio torneio mundial. A entidade, que pretendia ser o centro da organização do futebol em todo o mundo, havia sido fundada em 1904, na Suíça, e ainda tinha poucos filiados. Para o campeonato de 1930, todos os integrantes da FIFA foram convidados: Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, França, Iugoslávia, México, Paraguai, Peru, Romênia e Uruguai, que foi escolhido como país-sede em função da comemoração de seu centenário. Segundo Guterman (2014), apenas quatro seleções europeias aceitaram vir e ainda com as despesas pagas pela FIFA, em virtude da crise econômica do período entreguerras.

A Copa simbolizava a tentativa de institucionalização do futebol. O mundo despertava para o futebol como uma disputa de identidades, vencida, de forma pioneira, pelos uruguaios. Com uma seleção inexperiente, o Brasil fez uma estreia modesta, terminando em sexto lugar, sem passar pela primeira fase e com apenas uma vitória, contra a Bolívia. Na Copa de 1934, o time brasileiro, que se classificou por causa da desistência do Peru, teve de ir à Europa com apenas 17 jogadores (GUTERMAN, 2014). Para cortar os custos, a delegação decidiu viajar em cima da hora, sem tempo para treinamento e adaptação. Como resultado da desorganização, a participação brasileira na Copa de 1934 foi a mais rápida de sua história: durou apenas 90 minutos, derrotada por 3 a 1 pela Espanha.

A derrota fez com que vários jogadores saíssem do país para atuar na Europa e em países vizinhos, como Uruguai e Argentina, que já remuneravam os atletas. Os jogadores brasileiros pediam o fim do regime de inscrição perpétua entre jogador e clube, o que significava a possibilidade de mudar de clube se aparecesse uma boa

proposta. Os jogadores exigiam que os clubes não os tratassem como mercadorias, já que, diante de um pedido de “passe”, os cartolas solicitavam indenizações exorbitantes, à revelia do próprio jogador, que se tornava, desse modo, um objeto. Atualmente, apesar de os jogadores receberem parte do valor referente à transferência, eles continuam a ser tratados como mercadorias, já que, muitas vezes, ficam à mercê de seus agentes, que negociam o valor da transação desses atletas para outros clubes, independentemente da sua vontade, levando em conta apenas o aspecto econômico.

Getúlio Vargas toma posse como presidente em um governo “provisório”, que duraria 15 anos, encerrando o período chamado República Velha. Surgia um Estado centralizador, que tinha em vista o desenvolvimento industrial, com apoio do Exército. O governo tratou de atrair os trabalhadores urbanos para consolidar sua aliança. Guterman (2014) afirma que a estratégia de Getúlio foi a de se misturar com a coletividade: como não se diferenciava do povo, colocando-se acima do próprio Estado, transformava todo movimento de oposição a seu governo em movimento de oposição ao povo. O fenômeno abriu a era da política de massas, representado pelos regimes fascistas que se sustentavam através do apoio popular.

Nos anos 1930, futebol e fascismo se desenvolveram de forma conjunta. Os discursos higienistas vinculados ao esporte e ao melhoramento da raça<sup>10</sup> foram predominantes e hegemônicos no futebol durante essa época. O esporte servia para disciplinar o corpo e preparar futuros cidadãos soldados para uma progressiva contenção e regulamentação da violência física permitida (MORALES, 2013). Em 1934, essa impressão se consolidou quando a Itália realizou a Copa do Mundo. Ainda nos anos 1920, Mussolini centralizou a institucionalização do futebol, usando o esporte para criar a sensação de unidade necessária para os projetos do regime e para a ideia da formação do “novo homem” italiano. Os estereótipos masculinos dos nacionalismos modernos europeus dependiam da definição de imperativo moral não somente da beleza, mas do estado físico, beneficiado pela prática esportiva.

O projeto getulista abrangia o esporte como central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas. Getúlio empreendeu esforços para estatizar o controle do futebol no Brasil, e isso acelerou seu processo de profissionalização – articular recompensas financeiras aos jogadores era uma forma de atrair o apoio dos atletas e das classes pobres para o governo. Guterman (2014) explica

---

<sup>10</sup> O termo raça é utilizado nessa pesquisa por sua conotação política e histórica, já que reconhecemos a existência de apenas uma raça: a humana.

que isso tinha uma dupla função: ampliar a base social do regime, isolando as oligarquias, e fazer crer que havia uma espécie de democracia racial no país. O esporte era visto como um veículo das aspirações nacionais e do perfil brasileiro, como sintoma da brasilidade.

Desse modo, até o malandro, símbolo do individualismo, estava sendo domesticado. A novidade das transmissões esportivas fez do rádio o companheiro da massa de trabalhadores que já se inclinava por Getúlio. A primeira transmissão integral de um jogo de futebol no Brasil data de 19 de julho de 1931 – até aquele momento, só havia boletins sobre as partidas. O esporte, que já era popular, tornou-se uma narrativa com tom melodramático descrita pelos narradores. Em certos casos, o jogo era mais emocionante no rádio do que ao vivo, e isso ajudou a transformar os narradores de futebol em verdadeiras celebridades.

A criação de mitos e heróis pelo rádio esportivo, e posteriormente pela mídia em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista atribuído ao futebol. A Seleção Brasileira começava a representar a pátria, e o futebol era uma manifestação de brasilidade. O esporte tornou-se necessariamente um instrumento político, já que entrar em campo não significava mais apenas competir. Mesmo após a derrota para a Argentina na Copa da Itália, em 1934, a delegação brasileira foi recebida no Rio de Janeiro como um grupo de soldados que haviam lutado em uma guerra (GUTERMAN, 2014).

Em 1938, o Brasil disputou sua terceira Copa do Mundo, dessa vez em um nível de organização bem superior aos anos anteriores. O país já vivia o Estado Novo, regime que se estabeleceu em 1937. No plano econômico, houve o forte incentivo para a substituição das importações, o que implicava uma reorganização do sistema produtivo nacional, estimulando a industrialização. O novo modelo estava também baseado no controle das massas e na imagem de Getúlio como “pai dos pobres” e “protetor dos trabalhadores”.

A primeira medida concreta no mundo do futebol foi a intervenção na legislação esportiva, que até 1933 ainda determinava que futebol era assunto para amadores. Assim, os jogadores de futebol tornavam-se trabalhadores, o que deu às classes pobres uma nova possibilidade de ascensão. O futebol entrou definitivamente na agenda getulista na Copa de 1938. Naquela oportunidade, estava claro que o esporte se transformara em veículo da afirmação da superioridade nacional. Por trás disso, estava a disposição do governo de financiar a Seleção e de esperar dela uma resposta à altura das ambições do regime. A formação da Seleção da Copa de 1938 incluiu jogadores negros

e brancos, inspirando conclusões sobre as vantagens da miscigenação brasileira, inclusive no que dizia respeito à harmonia social, tão perseguida pelo regime (GUTERMAN, 2014). O Brasil chegou à França com a imagem de país exótico conferida pelos europeus. Em uma Europa tomada pela xenofobia nacionalista, aquele grupo de jogadores brasileiros era visto como um time de malabaristas sem eficiência técnica e incapaz de vencer. Guterman (2014) coloca que os europeus se viam como o futuro moderno, mal escondendo seu desprezo pelos “primitivos sul-americanos”.

A derrota para a Itália na semifinal gerou uma comoção nacional, com ares de tragédia. O caráter nacional da desgraça foi possível, sobretudo, graças ao rádio, que transmitiu pela primeira vez ao vivo jogos realizados na Europa. As autoridades abriram a possibilidade de dispensa do expediente para que os trabalhadores pudessem acompanhar os jogos na rua, por alto-falantes ou pelo rádio. Criava-se, assim, a sensação de uma experiência coletiva. Ainda hoje, tal situação perdura, tendo em vista que organizações públicas e empresas privadas continuam a dar folga aos funcionários em dias de jogos da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo ou quando há jogos de outras seleções ocorrendo na cidade.

O ano de 1938 é o marco histórico da descoberta do Brasil como país do futebol, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua Seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo (GUTERMAN, 2014). Getúlio teve o mérito, portanto, de vincular o futebol ao Estado e de explorar a paixão brasileira a favor de seus projetos de coesão social.

Depois da Copa da França em 1938, havia a sensação geral de que faltava ao Brasil organizar sua própria Copa do Mundo. A Alemanha era a favorita para organizar o torneio, mas, com a chegada da Segunda Guerra, a disputa do mundial teria de esperar mais onze anos. Com a derrota da Alemanha na guerra, a FIFA confirmou o Brasil como sede da primeira Copa do pós-guerra, inicialmente marcada para 1949 e, por sugestão brasileira, transferida para 1950.

Em 1948, começou a construção do Maracanã, maior estádio do mundo na época, e que se tornaria o símbolo de um país que almejava ser grande no cenário internacional. Assim, o Brasil da Copa de 1950 seria o país que não somente mostraria sua força no esporte mais popular do planeta, mas também seria capaz de erguer o maior estádio do mundo. Sobre a necessidade de construção do estádio, foi realizada uma pesquisa de opinião pública: 79,2% achavam que o Maracanã tinha de ser erguido, e

53,6% se disseram dispostos a pagar mais impostos para que a prefeitura tocasse o projeto (GUTERMAN, 2014). As obras do estádio carioca terminaram uma semana antes da abertura da Copa, em 16 de junho de 1950.

Como a Seleção era tida como favorita desde seu desempenho na Copa de 1938, o Brasil foi para o Mundial com a sensação de que a vitória seria uma consequência da superioridade do país. No último jogo contra o Uruguai, o Brasil jogaria por um empate para ficar com o título devido a sua melhor campanha, mas o placar esperado não aconteceu. Em meio à perplexidade diante da derrota, nenhum organizador apareceu para entregar a taça aos vencedores uruguaios – a tarefa ficou a cargo do presidente da FIFA, Jules Rimet, que havia preparado inclusive um discurso em português para saudar os campeões brasileiros (GUTERMAN, 2014).

A identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 1930 e 1940 a partir da noção de que nossa singularidade residia na nossa diversidade racial, entrou em colapso. A derrota não era apenas da Seleção, mas também de um projeto de nação, de um sentido de comunidade que se estava construindo, tendo o futebol como símbolo e a miscigenação como representação. Para Guterman (2014), o fracasso também serviu para reavivar um racismo ainda não de todo extinto, com a culpabilização de Barbosa, Bigode e Juvenal, negros que jogavam na Seleção. O negro passou a servir, assim, para explicar o sucesso e o fracasso do país.

Em 1954, o torneio voltaria à Europa pela primeira vez depois da guerra e seria disputado na Suíça, país considerado neutro no conflito. Desde o Pan-americano de 1952, a Seleção abandonara o uniforme branco, com o qual perdeu a Copa de 1950, e adotou o amarelo. Foi apelidada de seleção canarinho pelo radialista Geraldo José de Almeida, imagem que se perpetuou. O Brasil perdeu para a Hungria por 4 a 2 em um jogo marcado pela violência. O Brasil terminou em sexto lugar e com sua reputação bastante questionada no campeonato.

Em janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek tomaria posse como presidente, prometendo uma era de otimismo e desenvolvimento. No mesmo período, João Havelange assumiu a presidência da CBD - Confederação Brasileira de Desportos e decidiu impor uma organização empresarial e técnica à Seleção Brasileira. Assim, a comissão técnica escolhida para a Copa de 1958 ia muito além do habitual – treinador, médico, massagista e roupeiro. Havelange incorporou dois administradores, um preparador físico, um psicólogo, um dentista e mais um massagista (GUTERMAN, 2014).

Na Copa da Suécia em 1958, Zagallo era o jogador símbolo de uma maneira cada vez mais técnica de encarar o futebol. Jogadores com inteligência tática eram uma inovação. Com um placar de 5 a 2 na final contra a Suécia, nascia não somente o rei do futebol, Pelé, mas a Seleção que seria sinônimo de arte no resto do mundo. Dessa forma, os negros, sobre cujos ombros restou a enorme responsabilidade pelo fracasso de 1950, estavam redimidos, assim como os próprios brasileiros.

O sucesso do Brasil encheu os cofres dos principais clubes brasileiros, que eram contratados para viajar pelo mundo em troca de cachês que não eram repassados aos jogadores. Assim, segundo Guterman (2014), o triunfo na Copa representou uma mudança para pior no padrão de vida dos atletas. Eles passaram a atuar em dezenas de partidas por ano, muitas vezes depois de enfrentar maratonas em aviões e navios.

Pelé era a inspiração nacionalista de um país já envolvido na atmosfera do refrão “com brasileiro, não há quem possa”. O Brasil estava mobilizado para acompanhar a Seleção na Copa de 1962. A venda de rádios aumentou 100% por causa do jogo, com a consequente suspensão de qualquer outra atividade, inclusive em Brasília, onde o presidente da República e o primeiro-ministro suspenderam seus compromissos para acompanhar os lances da partida (GUTERMAN, 2014). De volta ao Brasil, a Seleção bicampeã foi a Brasília para ser recebida pelo presidente Artur da Costa e Silva.

Em 1966, em plena ditadura militar, a Seleção Brasileira se preparava para ganhar o tricampeonato mundial na Copa da Inglaterra. O presidente da CBD, João Havelange, queria o título para se eleger facilmente como presidente da FIFA. A Seleção não era mais uma simples representação esportiva nacional; ela era a essência brasileira, sua expressão de força, capaz de gerar orgulho patriótico.

Após ter marcado seu milésimo gol, em 1969, Pelé foi condecorado por Médici – tornara-se “comendador”. Desfilou em carro aberto por Brasília como um herói (GUTERMAN, 2014). Na Copa de 1970 no México, a Seleção tinha a responsabilidade de representar o Brasil no momento em que o regime militar apostava no sucesso do time para afirmar seus projetos de grandeza. Nesta época, já se especulava sobre interferências do governo na escalação do time e já circulavam suspeitas de corrupção pelos dirigentes da CBD. Médici acreditava que as metas de uma administração dependiam das metas nos campos esportivos.

Na partida final, contra a Itália, o Brasil venceu o time italiano por 4 a 1, selando o tricampeonato brasileiro. O futebol abreviou drasticamente as diferenças entre o público e o privado, uma vez que Médici deu a cada jogador, por meio da Caixa

Econômica Federal, um cheque de 25 mil cruzeiros, comprovando que futebol e poder público começavam a se confundir no país. Um dos mais importantes aspectos do momento era a formalização da integração nacional pela via do futebol. Construído desde a década de 1930 pelo regime varguista, esse fenômeno foi definitivamente sacramentado na Copa de 1970. Nesse cenário, Guterman (2014) destaca o pedido do governo à CBD, em 1969, para que elaborasse um campeonato realmente nacional, o que se confirmou em 1971, com a criação do Brasileirão.

Essa integração foi enormemente facilitada pela consolidação da TV como veículo de informação e entretenimento. Pela primeira vez, na Copa do Mundo de 1970, as partidas foram transmitidas ao vivo e a cores pela televisão. A FIFA aproveitou para criar os cartões vermelhos e amarelos para explorar as potencialidades da nova tecnologia da época. Ao testemunhar um jogo da Seleção pela TV, era como se todos os brasileiros estivessem no estádio. Esse sentido de proximidade é próprio do futebol, como afirmou Alain Touraine em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo em 1998, intitulado “Esporte cria relações de proximidade”. O autor diz que, na sociedade capitalista contemporânea, baseada na aceleração do sistema produtivo, gerando isolamento e desenraizamento, o futebol produz relações de proximidade e identificação entre as pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas pelo mundo. A televisão também apresentou um novo potencial: transmitir ao mundo a imagem dos patrocinadores, oferecendo ao capitalismo uma vitrine privilegiada para expor suas marcas.

Na Copa de 1974 na Alemanha, o Brasil perdeu a vaga na final para a Holanda, que apresentou ao mundo seu curioso esquema tático “Laranja Mecânica”, em que todos os jogadores de linha defendiam e atacavam. Percebia-se que havia um grupo de craques que levaria anos para ser superado. Havia um abismo imenso entre o discurso do Brasil como potência e a prática de suas limitadas capacidades. Durante a Copa de 1978 na Argentina, o Brasil ficou com o terceiro lugar na competição. O título ficou com a Argentina, anfitriã do campeonato. Para disputar a Copa de 1982, o técnico Telê Santana montou um time formado por craques em todas as posições – Sócrates, Falcão e Zico. Entretanto, o Brasil saiu do campeonato, dando a chance para que a Itália se tornasse também tricampeã.

O Brasil perdeu para a França na Copa de 1986 no México, encerrando um ciclo que misturava orgulho e decepção. O desejo de parecer moderno fez o então presidente Fernando Collor escolher o ex-jogador Zico para assumir a Secretaria de Desportos da

Presidência da República, criada em 1990. Zico propôs a extinção do passe (vínculo dos jogadores de futebol aos clubes), frequentemente comparado à servidão, e incentivou que os clubes se tornassem empresas – a profissionalização dos cartolas era um discurso comum na época. No início da década de 1990, os clubes brasileiros estavam falidos e tinham se tornado meros exportadores de atletas em larga escala (GUTERMAN, 2014).

A partir da Copa da Espanha, a ideia de que o futebol não tinha mais fronteiras se consolidou, e menos de dez anos depois, a Europa se transformaria no destino obrigatório dos maiores jogadores do mundo, fazendo do futebol uma multinacional de grande lucratividade. Conforme Guterman (2014), o maior símbolo disso na época foi Maradona, que depois da Copa de 1982 trocou o time argentino Boca Juniors pelo clube espanhol Barcelona por US\$ 8 milhões, a mais cara transação do futebol mundial até então. Em 1985, 136 atletas deixaram o país para atuar no exterior; 10 anos depois, foram 381; em 2008, 1176 jogadores foram embora. Em 20 anos, o número de jogadores estrangeiros nos times dos principais campeonatos europeus chegaria a quase 40% (GUTERMAN, 2014).

Desde 1980, em meio à onda de desestatização do continente, rompeu-se o monopólio das TVs oficiais para as transmissões dos jogos de futebol, e as emissoras privadas passaram a oferecer altas somas às federações para ter o direito de exibir os jogos. Os jogadores começaram a demonstrar sua insatisfação com a falta de participação nos lucros com patrocínios. Antes da Copa de 1990 na Itália, os jogadores ameaçaram promover uma rebelião porque queriam participação maior na cota de patrocínio da Pepsi. No dia da foto oficial, os atletas cobriram o logotipo da empresa com a mão, em protesto. Na volta ao Brasil, os jogadores foram recebidos por uma torcida hostil, que lhes atirou dinheiro, a título de protesto (GUTERMAN, 2014). O autor também revela que o sucesso na Copa de 1990 fez com que os jogadores vissem uma oportunidade de descumprir suas obrigações como cidadãos comuns, mostrando a confusão entre o público e o privado: na volta ao Brasil, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, tentou evitar a fiscalização da Receita Federal sobre os diversos produtos que a delegação brasileira tinha comprado nos Estados Unidos.

Em 1994, a Seleção foi campeã mostrando um futebol muito semelhante ao praticado na Europa. Depois de Romário, o grande jogador brasileiro foi Ronaldo, que deixou o país aos 17 anos para atuar na Holanda. Logo em 1996 ganharia o prêmio de melhor jogador do mundo pela FIFA. Ronaldo era um produto da escala global do futebol, cuja sede era a Europa. Jogadores de países diferentes renderam-se ao jogo sem

fronteiras, descaracterizando o perfil nacional e criando um esporte cuja marca é a indistinção, atraídos pelos altos salários. O fenômeno é tão marcante que os times europeus ganharam uma crescente legião de torcedores no exterior, inclusive no Brasil. Um caso recente do assédio estrangeiro aos jogadores brasileiros se deu no início de 2016 com a contratação de diversos jogadores do Corinthians por clubes chineses por meio de ofertas financeiras que giraram em torno de R\$ 2 milhões<sup>11</sup>.

Em 1998, a França venceu a final por 3 a 0 sobre o Brasil, vencendo o campeonato pela primeira vez. Na Copa de 2002, realizada na Coreia do Sul e no Japão, o Brasil conquistou o pentacampeonato. Na comemoração do título, o lateral Cafu prestou uma homenagem ao miserável bairro paulistano Jardim Irene. Era a demonstração de que, mesmo com o sucesso, havia a necessidade de demarcar o sacrifício feito para chegar até ali e manifestar orgulho de seu passado e de suas origens. Em 2003, a posse de Lula na presidência da República representava a esperança de um novo ciclo na história do país, em que pessoas de origens humildes, como Cafu, Ronaldo e Rivaldo, talvez tivessem outras oportunidades de ascensão social muito além do já conhecido futebol.

A trajetória de Lula confundia-se com a dos meninos miseráveis que encontravam no futebol uma maneira de sair da pobreza. Ronaldo não terminou nem o ensino médio, enquanto que o ex-presidente completou apenas o ensino fundamental. Em 2006, seria a vez de a Itália levar o título; seguida pela Espanha em 2010. Em 2014, foi a vez de o Brasil sediar pela segunda vez o mundial, depois do fracasso em 1950. Mesmo com a derrota nas semifinais no último Mundial, a Seleção Brasileira continua a ser a única a ter conquistado cinco títulos e a ter participado de todas as edições do campeonato. No entanto, a imagem da equipe saiu abalada diante da atuação vergonhosa em campo, afetando o vínculo afetivo de identificação dos brasileiros com a Seleção e escancarando uma crise financeira no país, que se tornou ainda mais evidente diante dos gastos públicos com a Copa mais cara da história, com um custo estimado em mais de R\$ 28 bilhões (CHADE, 2015).

A partir da reconstituição da história da participação da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, é interessante perceber a transformação da imagem da equipe durante os anos: nos primórdios do esporte, o futebol inglês, por seu pioneirismo e influência, era tido como dominante, enquanto que, no Brasil, ele era apenas uma prática emergente

---

<sup>11</sup> Informações obtidas no site <http://esporte.ig.com.br/futebol/2016-02-27/seduzidos-por-salarios-altos-42-brasileiros-tentaram-alavancar-futebol-da-china.html>. Acessado em 23/07/2016.

e marginalizada; com a consolidação do esporte no país e com as primeiras vitórias da Seleção Brasileira em Mundiais, ele passa, por sua vez, a ser dominante, já que o Brasil se torna referência mundial no esporte; por fim, com o mau desempenho nas últimas competições, agravado pelo placar de 7 a 1 na semifinal da Copa do Mundo disputada em casa, o futebol brasileiro passa a ser motivo de dúvidas e passa a ser comparado com o futebol europeu, que apresenta melhores resultados. O estilo europeu de jogar futebol aparece como um elemento residual na atualidade, já que suas principais características, como o tecnicismo, a disciplina e a coletividade, parecem vir à tona como elementos que devem ser seguidos pelo futebol brasileiro, cujo estilo, baseado na improvisação, na criatividade e na individualidade, está deixando de se tornar referência de qualidade em campo. Isso demonstra o aspecto cíclico da cultura, a qual se movimenta e se transforma através das mudanças sociais instituídas ao longo do tempo, apresentando constantes deslocamentos e disputas de poder.

#### 2.1.2. Futebol, globalização e interculturalidade

DaMatta (1982) argumenta que, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido pela indústria cultural, ele, em contrapartida, também orchestra componentes civis básicos, identidades sociais, valores culturais e gostos individuais. No fundo, o futebol prova que é possível reunir valores culturais locais com uma lógica moderna e particularista. Não há dúvida de que o futebol revela muitas características brasileiras, como a tendência à carnavalização, com a troca de papéis e da hierarquia (em que, predominantemente, negros e mestiços são heróis). Contribuiu também para a ideia de coletividade exclusiva: de um lado, tem-se um sentido coletivo (o time) e, de outro, indivíduos com normas universais (as regras do futebol).

Contudo, o futebol não é só revelação, é também dramatização. O povo brasileiro se vê no futebol, coloca-se no papel de jogador e aprende nesse papel. Aprende lições de democracia, de igualdade, de respeito às regras (COSTA, 1995). No entanto, é fundamental pontuar que esse aprendizado só se torna possível quando é dada ao torcedor-cidadão a possibilidade de participar de forma democrática do esporte, não sendo excluído dos estádios em decorrência dos preços abusivos dos ingressos, que fazem do futebol, principalmente nas competições de caráter internacional, um privilégio da elite.

O estímulo à consolidação de laços afetivos acabou tornando o futebol um dos principais veículos da manifestação popular do afeto e da paixão. O povo brasileiro

também mostrou que foi capaz de incorporar, a um esporte importado, características de seu perfil cultural, dando-lhe dinamismo, em uma demonstração de sua capacidade de assimilação e transformação cultural. A globalização no futebol não diz respeito apenas à padronização de técnicas e táticas. Refere-se também a seleções cada vez mais estrangeiras em seu próprio país, composto por jogadores que atuam em outras partes do mundo, tornando tênues as identificações nacionais. Com seleções globalizadas, o jeito de jogar se diversifica, abre-se para novas possibilidades e raciocínios. A própria regulação do esporte em megaeventos mundiais é feita através da FIFA com base em seu estatuto. Ela se coloca acima de legislações nacionais, determinando, durante a Copa do Mundo, as leis que serão seguidas pelo país-sede. Como exemplo, é possível citar a imposição da venda de bebidas alcóolicas nos estádios brasileiros em 2014, proibida nas principais cidades do país desde 2008 com a implantação do Estatuto do Torcedor, uma legislação federal que surgiu justamente para evitar a violência dentro dos estádios. Tal exigência se deu em decorrência do patrocínio da marca de cervejas Budweiser, que tinha interesse na venda de suas bebidas durante a realização dos jogos no Mundial.

Boaventura Souza Santos (2009) acredita que o termo globalização se refere à globalização bem-sucedida de determinado localismo. Dessa forma, os países centrais especializam-se em localismos globalizados, enquanto aos países periféricos cabe escolher entre os globalismos localizados. No futebol, o Brasil sofreu a influência, nos primórdios, do estilo europeu no esporte, mais técnico e coletivo. No entanto, o jeito brasileiro de jogar futebol mostra que existe um espaço de resistência à globalização a partir de uma apropriação local e contra-hegemônica: os talentos individuais, os dribles, o gingado – estilo que diferencia e singulariza o esporte praticado em solo brasileiro.

Um exemplo do caráter individualista do futebol brasileiro é o protagonismo dado aos craques em Copas do Mundo, como Neymar, Taffarel, Ronaldinho Gaúcho, Zico, Pelé, Rivellino, figuras consideradas determinantes para as conquistas brasileiras com seus lances singulares. Por outro lado, temos também os vilões no futebol, culpados pelas derrotas da Seleção Brasileira. Um exemplo recente foi a construção da imagem do jogador Fred e do técnico Luís Felipe Scolari como principais responsáveis pela derrota do Brasil na semifinal da Copa do Mundo de 2014 por 7 a 1 para a Seleção Alemã. É como se apenas Fred estivesse jogando em campo do lado brasileiro e como se uma substituição do técnico pudesse fazer um milagre para mudar o resultado.

Afinal, era preciso dar respostas à torcida pela humilhação sofrida, o que levou à constituição de uma estratégia que nomeasse quem eram os vilões da pátria.

Além de evidenciar a influência da globalização no estilo e na formação das equipes, também é possível compreender o futebol como um terreno para o diálogo intercultural. Existe no Brasil uma constelação de times locais/nacionais, mutuamente inteligíveis, graças ao respeito às regras universais que regem o esporte. Esses times, apesar de seguirem as mesmas normas, mantêm suas particularidades relativas à região de atuação, à cultura local, a tradições populares. O quadro do futebol no país é composto, assim, por uma diversidade de times que se complementam a partir de suas diferenças e se igualam a partir seus objetivos esportivos. Para Santos (2009), o reconhecimento de incompletudes mútuas é condição imprescindível de um diálogo intercultural, pois exige um trabalho de escuta e de colaboração recíprocas. Assim, as seleções periféricas não estão subordinadas às seleções dos países desenvolvidos, possibilitando à abertura a novas técnicas, estilos, concepções de jogo. É percebendo-se através da igualdade e da diferença, a partir do reconhecimento do outro, que as culturas podem se abrir e se complementar, lutando pelo direito de serem iguais quando a diferença inferiorizar e de serem diferentes quando a igualdade descaracterizar (SANTOS, 2009, p. 18).

No caso brasileiro, existem muitos times de primeira, segunda e terceira divisão, cada qual com suas especificidades, muito relacionadas com seu local, seu povo, sua torcida, seu estado, exibindo, assim, inúmeras diferenças entre si. Essas diferenças são fundamentais para que essa diversidade de times e suas características não desapareçam e não sejam descaracterizadas. Por outro lado, também somos únicos quando pensamos na Seleção Brasileira, que supostamente busca os melhores jogadores para representar a nação. Dessa forma, a igualdade existe no sentido que respeitamos as mesmas regras durante a Copa do Mundo, o que permite que, apesar das inúmeras diferenças entre os países, todas as seleções tenham os mesmos direitos e deveres dentro de campo.

Touraine (2006) pondera que a comunicação intercultural não é apenas um esforço de compreensão mútua: é um conhecimento que procura situar o outro e a si mesmo dentro de unidades históricas e dentro de relações de poder. A comunicação intercultural é o diálogo entre indivíduos e coletividades que dispõem dos mesmos princípios e de experiências históricas diferentes para se situarem uns em relação aos outros. Ao mesmo tempo em que não pode haver comunicação sem uma língua comum, tampouco é possível sem reconhecer as diferenças existentes entre os atores reais. Nesse

sentido, o futebol torna-se a língua comum entre todos os times, os quais, entretanto, constituem suas identidades a partir do reconhecimento das diferenças existentes entre si.

Essas diferenças entre os países são ancoradas por um passado real ou imaginado que confere substância à comunidade designada com essa forma política. A nação precisa lançar mão de um seletivo grupo de tradições para se justificar. Em um mundo que rompe com as referências clássicas, é preciso ressignificar tradições e gerar novas ficções orientadoras que permitam navegar pelo mundo. No caso do futebol, o passado torna-se fundamental para o entendimento sobre a brasilidade no presente, tendo em vista que são os resíduos de nossas conquistas, de nossos craques e de nosso estilo que tornam viva a identidade do Brasil como “país do futebol”, fazendo com que nos reconheçamos e sejamos reconhecidos pelos demais. Novas tradições também podem emergir na sociedade em um processo dinâmico, disputando espaço com os resíduos do passado e com os sentidos hegemônicos.

Para Morales (2013), a tradição é inventada, pois implica um grupo de práticas, normalmente governadas por regras aceitas abertamente e tacitamente e de natureza simbólica ou ritual, que buscam inculcar determinados valores ou normas de comportamento por meio de sua repetição, a qual implica automaticamente continuidade com o passado. Sempre que possível, busca-se conexão com um passado histórico que seja adequado de acordo com os interesses dos grupos hegemônicos. As bandeiras, os hinos, os gritos de torcida, os discursos e as camisas são elementos simbólicos que colaboram para o fortalecimento do sentimento de pertencimento a uma dada identidade.

Os meios de comunicação, por sua vez, constituem-se como um grande difusor de um discurso uniformizador e gerador de pátrias subjetivas políticas para amplos setores da população. Há uma batalha simbólica pelo passado, monopolizada por um só discurso: o dos vencedores. Isso evidencia que a construção da identidade brasileira se dá em torno de valores dominantes, que ocultam possibilidades alternativas de identificação. Meneses (1993) coloca que a completude de uma identidade se dá justamente no encontro com a pluralidade, já que é no contraste com outras identidades, com formas contra-hegemônicas, com novos estilos de vida, que é possível reconhecer as características da brasilidade, por exemplo. São essas diferenças que enriquecem a noção de unidade, permitindo vislumbrar a possibilidade de ser único na multiplicidade.

## 2.2. A cobertura telejornalística além das quatro linhas

O mercado da bola movimenta milhões de dólares no mundo todo, extrapolando os limites do estádio. Além do preço do ingresso da partida, que limita o acesso de certas camadas sociais aos jogos, há uma série de produtos que mobilizam a paixão do torcedor: camisetas, bonés, chuteiras, objetos que denotam pertencimento e identificação por meio do consumo. Há ainda a venda dos direitos de transmissão dos jogos na televisão, bem como os patrocinadores dos times de futebol, que pagam para terem suas marcas estampadas na camisa dos jogadores.

Alguns dos principais patrocinadores de times de futebol brasileiros<sup>12</sup> são Matte Viton (Fluminense), Banrisul (Inter e Grêmio), Caixa Econômica Federal (Vasco, Flamengo, Corinthians), Crefisa (Palmeiras), Copa Airlines (São Paulo), Unicef (Santos), Volkswagen (Goiás), entre outros. Esses dados econômicos do mundo do futebol, geralmente, não estão disponíveis nos sites da grande mídia, cabendo aos sites e blogs alternativos divulgarem essas informações sobre os bastidores do futebol. Isso demonstra o quanto o futebol é comumente associado ao entretenimento no telejornalismo esportivo produzido pelos grandes conglomerados de comunicação, silenciando assuntos que vão além de esquemas táticos e compra de jogadores, por exemplo.

Os direitos de transmissão dos jogos também movimentam grandes somas de dinheiro e disputa no mercado. No dia 16 de outubro de 2015<sup>13</sup>, William Bonner anunciou, no Jornal Nacional, os cotistas do pacote publicitário da Rede Globo para o futebol para a temporada 2016. Ambev, Itaú, Johnson & Johnson e Vivo mantiveram seus acordos. Brasil Foods e Casas Bahia assumiram os lugares de Volkswagen e Magazine Luiza. A informação dada no principal telejornal da emissora denota a relevância econômica desses patrocinadores para a Rede Globo, tornando-se inclusive um valor-notícia de destaque nacional.

Com uma arrecadação de R\$ 2.678.940,00 somente com vendas na Arena Corinthians pela última rodada do Brasileirão, o clube encerrou a temporada de 2015 com uma arrecadação total de R\$ 72.669.623,00, passando o Palmeiras por pouco mais de 100 mil reais e faturando o dobro do Flamengo. Com uma média de 33.446 pagantes por jogo ao ano, o Corinthians foi também o clube com a melhor presença de torcedores nos estádios brasileiros, superando também o rival Palmeiras, o segundo com a melhor

---

<sup>12</sup> Informações divulgadas pelo site [www.estadiovip.com.br](http://www.estadiovip.com.br). Acessado em 26/01/2016.

<sup>13</sup> Informações obtidas no site <http://www.portalmidiaesporte.com/2015/10/globo-anuncia-dois-novos-patrocinadores.html>. Acessado em 23/07/2016.

média (29.454 pagantes). No Brasileirão, o Corinthians foi também o clube com a melhor média de público (34.188) e renda (R\$ 2.038.940), alcançando também suas melhores médias na história dos pontos corridos (desde 2003)<sup>14</sup>.

Os salários dos jogadores também superaram consideravelmente o valor do salário mínimo nacional<sup>15</sup>. Revelado pelo Internacional de Porto Alegre e campeão pelo mesmo time no Mundial de Clubes realizado em 2006, o jogador Pato, de 25 anos, atualmente atacante do Chelsea, foi o jogador com o maior salário no Campeonato Brasileiro de 2015. O salário do jogador era cerca de R\$ 800 mil por mês na época, 500 mil a mais do que o segundo colocado, o jogador Fred do Fluminense. Dos jogadores convocados para a Copa do Mundo de 2014, Neymar ocupa a primeira posição com um salário mensal de 5 milhões de reais mensais, contrastando com o valor recebido pelo último colocado: o jogador Jô recebia 150 mil reais por mês na época do Mundial<sup>16</sup>.

Segundo lista divulgada pela FORBES em 2015, Neymar é o quinto colocado e único brasileiro presente na lista dos 100 atletas mais bem pagos do mundo. A lista é baseada em um cálculo que leva em conta salários, dinheiro recebido por títulos e bônus entre 1º de junho de 2014 até a mesma data de 2015. O valor dos patrocínios é uma estimativa dos acordos e direitos de imagem. Cristiano Ronaldo, do Real Madrid, aparece em primeiro lugar, com um ganho total de US\$ 79,6 milhões por mês, destes US\$ 27 milhões vêm apenas de patrocinadores como Samsung, Herbalife e Nike. Em segundo lugar, aparece Lionel Messi, do Barcelona, com um ganho total de US\$ 73,8 milhões, sendo que US\$ 22 milhões vêm de patrocinadores como Adidas, Gillette e Pepsi. O brasileiro Neymar, do Barcelona, aparece em 5º lugar com um faturamento de US\$ 31 milhões, sendo que US\$ 17 milhões vêm apenas de patrocinadores como Nike, Panasonic, Unilever e Red Bull.

Sobre os direitos de transmissão da Copa do Mundo, Chade (2015) afirma que, em 1990, a Copa da Itália teve uma renda de US\$ 95 milhões somente com a venda de direitos para as emissoras. Na Copa de 2014, a marca chegou aos US\$ 2,5 bilhões. Isso demonstra que empresas multinacionais estavam dispostas a pagar cada vez mais para ter o benefício exclusivo de ver suas marcas associadas ao maior evento esportivo do planeta. O autor destaca ainda que a Adidas, empresa alemã de artigos esportivos,

---

<sup>14</sup> Dados obtidos pelo site <http://torcedores.com/>. Acessado em 26/01/2016.

<sup>15</sup> Conforme a Guia Trabalhista, o salário mínimo nacional, a partir de 1º de janeiro de 2016, ficou estabelecido em R\$880,00.

<sup>16</sup> Informação divulgada pelo site [www.esportes.r7.com](http://www.esportes.r7.com). Acessado em 26/01/2016.

deposita anualmente US\$ 80 milhões na conta da FIFA, para colocar seu logotipo na bola oficial da Copa do Mundo.

A FIFA ainda transformou todos os produtos, emblemas e troféus em marcas protegidas, que são negociadas e vendidas por muito dinheiro. Para assegurar que apenas as empresas patrocinadoras coloquem seus produtos ao lado das marcas “FIFA” e “Copa do Mundo”, a entidade registrou o logotipo da Copa em 153 países e criou um departamento para proteger suas marcas e processar violadores de direitos. Quando a Copa do Mundo de 2014 terminou, ela arrecadou uma fortuna de US\$ 1,5 bilhão aos cofres da FIFA. A entidade detém, dessa forma, o monopólio do futebol mundial, privatizando o esporte para lucrar a partir da exploração da paixão e do sentimento de pertencimento do torcedor.

A investigação comandada pela polícia americana aponta ainda o pagamento de propina por emissoras de televisão e empresas multinacionais para adquirir os direitos de transmissão e comercialização de campeonatos de futebol. Além disso, assinala um esquema que envolve a compra de votos de dirigentes da FIFA para a escolha das sedes das Copas do Mundo, além da organização de torneios oficiais e amistosos. Conforme o autor, a chance de receber o maior evento esportivo do planeta aumenta de maneira considerável para quem se dispõe a pagar uma quantia maior de dinheiro.

Um dos aspectos mais importantes revelados pelas investigações realizadas pelo Departamento de Justiça dos EUA foi deixar claro que não é o legado que garante uma Copa do Mundo a um país. Também não é a beleza de seus estádios nem um pensamento estratégico sobre como aquele Mundial poderá fortalecer a cultura do futebol. Os aspectos técnicos das candidaturas também não contam [...]. A Copa do Mundo é rifada pelos cartolas que têm o poder de escolher a sede (CHADE, 2015, p. 107).

Os casos recentes de corrupção na FIFA e nas confederações nacionais do esporte apontam um enriquecimento ilícito de cartolas, verba que poderia ter sido destinada para desenvolver o futebol pelo mundo, possibilitando novas oportunidades de crescimento a comunidades marginalizadas. A FIFA se beneficiou, até novembro de 2014, de uma lei nacional que impedia a polícia de fazer operações de busca e apreensão em sua sede, o que tornou a entidade blindada a investigações durante muito tempo. Os dirigentes ofereciam o futebol como palanque e, em troca, recebiam tratamento de chefes de Estado por onde passavam. Com mais países filiados do que a Organização das Nações Unidas (ONU), a FIFA tornou-se um dos únicos eventos mundiais capazes de colocar na mesma sala ex-inimigos políticos e adversários. Dessa

forma, Blatter monopoliza o uso político do futebol e oferece a diferentes governos as mesmas possibilidades de enriquecimento, desde que estejam dispostos a se submeterem ao seu comando.

No dia 27 de maio de 2015, a polícia suíça, em parceria com o FBI, prendeu sete dirigentes da FIFA em um hotel de luxo de Zurique. Entre eles, estavam o ex-presidente da CBF, José Maria Marín; Jeffrey Webb (Ilhas Cayman), presidente da Concacaf; Eugenio Figueredo (Uruguai), que também integra o comitê da vice-presidência executiva e até recentemente era presidente da Conmebol; Julio Rocha (Nicarágua), presidente da Federação Nicaraguense; Costas Takkas, braço-direito do presidente da Concacaf; Rafael Esquivel, presidente da federação da Venezuela e membro do Comitê Executivo da Conmebol; e Eduardo Li, presidente da Federação da Costa Rica. As acusações, baseadas na investigação do FBI que começou em 2011, apontam corrupção generalizada na FIFA nas últimas duas décadas - envolvendo a disputa pelo direito de sediar as Copas da Rússia (2018) e Catar (2022) - além de contratos de marketing e transmissão de jogos. Paralelamente ao escândalo de corrupção na FIFA, a Polícia Federal brasileira indiciou, em junho de 2015, sob suspeita de quatro crimes, o ex-presidente da CBF Ricardo Teixeira. O ex-dirigente, que renunciou ao cargo em 2012, é acusado de participar de ações de lavagem de dinheiro, evasão de divisas, falsidade ideológica e falsificação de documentos. Em abril de 2013, outro escândalo de corrupção na FIFA levou à renúncia de João Havelange: documentos confirmaram que João Havelange teria recebido milhões de dólares entre 1992 e 2000 da ISL, empresa de marketing ligada à entidade, em propinas relacionadas à venda de direito de transmissões da Copa do Mundo.

Dois dias após o escândalo na FIFA, Joseph Blatter, presidente da FIFA desde 1998, foi reeleito pela quinta vez à presidência da entidade. Diante da divulgação de que estava sob investigação da polícia norte-americana, Blatter anunciou a convocação de uma nova eleição apenas quatro dias após ter sido eleito, deixando o poder depois de dezessete anos como presidente e 39 como funcionário da entidade máxima do futebol. A coordenação da nova eleição passou a ser conduzida pelo suíço Domenico Scala, auditor-chefe da FIFA, que teria o trabalho de fazer uma reforma na entidade a partir da criação de uma espécie de “ficha limpa”, da colocação de um limite para mandatos e da publicação dos valores dos salários. No final de julho de 2015, Blatter anunciou a data das novas eleições: 26 de fevereiro de 2016. Enquanto isso, ele permaneceria como

presidente da entidade até a escolha de seu sucessor, em uma demonstração de apego ao poder e da urgência de uma reforma ética sólida na entidade.

Na data prevista, a FIFA realizou novas eleições em meio a um cenário polarizado. Apesar de ter cinco candidatos, o pleito se dividia basicamente entre forças da tradição e da inovação: de um lado, o suíço Gianni Infantino, antigo secretário-geral da Uefa, candidato padrão da FIFA, que contava com o apoio das forças tradicionais da Europa e da América do Sul, únicos continentes que elegeram presidentes para a entidade, a qual é caracterizada por dirigentes que se eternizam no poder; de outro, um representante asiático, o xeque Salman Bin Ebrahim Al-Khalifa, que representava a esperança de uma descentralização do poder. Na rodada decisiva, Infantino teve 115 votos e ficou à frente do xeque, com 88. O representante europeu entrou no páreo depois que Michel Platini foi impedido de participar por acusações de corrupção. O mandato do novo presidente da FIFA terá duração de três anos e terminará em 2019.

Já o antigo presidente Joseph Blatter foi acusado ainda de ter transformado a Copa do Mundo em um evento com sérias repercussões negativas aos países que a sediam, exigindo isenção fiscal, construção de elefantes brancos e gastos públicos bilionários, com todos os lucros revertidos para a FIFA. No caso do Brasil, apesar de reconhecido como país do futebol, ocupamos a 34ª posição em ocupação de estádios no mundo todo, atrás de Austrália e Escócia, o que revela a inutilidade de muitos estádios construídos durante a Copa do Mundo de 2014. O suíço também foi acusado de menosprezar o futebol feminino, exigindo que as jogadoras jogassem em gramas sintéticas, e de humilhar as atletas ao sugerir que entrassem em campo com calções mais apertados para aumentar a popularidade do esporte (CHADE, 2015). Mais do que uma desvalorização do futebol feminino, tal postura do presidente da entidade evidenciou uma visão machista e misógina, marcada pelo preconceito de gênero, que desqualifica as jogadoras, colocando-as em uma posição inferiorizante e estereotipada.

Através de um acordo de delação premiada com o FBI, Charles Gordon Blazer, mais conhecido como Chuck, dirigente americano que controlou por mais de dez anos o futebol nos Estados Unidos e passou a fazer parte do seletivo grupo do Comitê Executivo da entidade, gravou durante dois anos reuniões e encontros com dirigentes esportivos. Seu objetivo era se livrar de uma sentença de 75 anos de prisão, depois de ser acusado de desvio de dinheiro das contas da Concacaf. Chuck foi um dos responsáveis por transformar a FIFA em uma empresa, desenvolvendo não só o futebol, mas principalmente o mercado que ele representava. Chuck auxiliou o FBI a fazer a maior

intervenção externa na história da FIFA ao desmontar um esquema de corrupção que, em 24 anos, é suspeito de ter desviado pelo menos US\$ 150 milhões.

Diante dos escândalos de corrupção, o telejornalismo esportivo se viu obrigado a divulgar notícias sobre os bastidores do futebol, retratando o lado manipulador e imoral de alguns cartolas. No entanto, as pautas econômicas e políticas sobre o mundo da bola são raras. Com mais frequência, acompanhamos, diariamente, notícias sobre compra e venda de jogadores, troca de técnicos, lesões de jogadores, resultados, análises e prognósticos das partidas, novos esquemas táticos. Os jogadores de futebol são, geralmente, representados através da característica do ídolo-herói, que transforma o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes heróis, retratados como mitos, são paradigmas dos anseios sociais e, através de suas trajetórias de vida, podemos perceber alguns traços que são frequentemente recorrentes e enfatizados (HELAL, 1998).

Souza (2005) destaca que a ênfase da editoria de esportes nas histórias de vida dos atletas se revela como uma estratégia para despertar a identificação com o público. Esse tipo de pauta tem critério de noticiabilidade, já que se apoia em personagens e ajuda a criar um elo de identificação entre história e telespectador, no sentido de que o melodrama humaniza a reportagem e consegue despertar emoções no público. O drama emprestado aos personagens está sempre à procura daquilo que desperta emoção nas pessoas, buscando impactar o público. Histórias assim conseguem despertar o interesse da audiência, tornando esses casos de superação motivo de inspiração para os telespectadores, que devem se orientar por esses exemplos de moral e perseverança. A profissionalização do futebol abriu espaço para jogadores de origem humilde fazerem do esporte uma forma de ganhar a vida, uma verdadeira profissão que não exige escolarização formal.

Afinal, os próprios jogadores possuem origens humildes, histórias marcadas pelo sofrimento, mas nem por isso desistiram de tentar, de buscar seus sonhos. Essa mensagem sutil, no entanto, ofusca uma realidade cruel: é como se todos tivessem as mesmas chances e partissem das mesmas condições, parecendo ser fácil um caminho que, na verdade, exige muita força de vontade e renúncias. A representação do glamour da vida dos jogadores consagrados silencia as batalhas diárias travadas por milhões de crianças que sonham com a carreira de jogador de futebol, sendo que a maioria nunca chegará a desempenhá-la. A busca pela carreira de jogador de futebol só ganha sentido

quando desconectada da realidade e das relações travadas nos bastidores do esporte, ou seja, trata-se de uma ficção construída pelo telejornalismo esportivo, com consequências sociais e políticas concretas.

### **2.3. O telejornalismo esportivo na Rede Globo**

Consolidada como a principal emissora de televisão de canal aberto no Brasil, a Rede Globo segue no topo da audiência, apesar da queda sofrida nos últimos dez anos. Segundo dados do IBOPE de março de 2015, o Jornal Nacional marcou 29 pontos na média nacional de audiência, garantindo a primeira posição. Mesmo com o crescimento dos canais por assinatura, a receita da TV aberta em 2012, segundo dados da ABTA e do Projeto Inter-Meios, foi de R\$ 19,51 bilhões de reais, enquanto que a da TV fechada foi de apenas R\$ 1,34 bilhão. Dessa forma, percebe-se que a TV aberta ocupa ainda uma posição importante no país, já que apenas 29,5% dos domicílios brasileiros possuem TV por assinatura, segundo dados da PNAD – IBGE divulgados em 2015.

A editoria de esportes na Rede Globo envolve inserções diárias nos principais telejornais da emissora: já às 5 horas da manhã, no Hora Um, apresentado por Monalisa Perrone, há um curto espaço para a editoria de esportes com um resumo dos resultados dos principais jogos e acontecimentos do mundo da bola. Em seguida, no Bom Dia local, no caso específico do Rio Grande do Sul, há a entrada do jornalista e narrador esportista Paulo Britto, na maioria das vezes. Britto entra sempre com um chimarrão e passa a bebida à apresentadora do programa enquanto transmite as principais informações ao público. Informações estas que se resumem principalmente à dupla Grêmio e Internacional, maiores times de futebol do estado.

No Bom Dia Brasil, há um espaço específico também para a área de esportes. Um jornalista esportivo, geralmente Ernesto Lacombe, entra no estúdio do programa para dar as principais notícias referentes ao mundo do esporte, sobretudo do futebol. Lacombe traz os resultados dos jogos e atualiza o público sobre as datas das próximas partidas. Ainda há a classificação dos principais times brasileiros da série A nos campeonatos nacionais e regionais. Atualmente, com a série de escândalos de corrupção na FIFA e na CBF, a editoria de esportes trouxe informações sobre os bastidores do futebol, o que raramente aparece nos telejornais. Assim, nomes de cartolas importantes para o cenário internacional foram levados ao público para expor crimes de lavagem de dinheiro, compra de votos, extorsão, trazendo novas facetas do esporte para o público-torcedor.

No telejornal do meio-dia, denominado Jornal do Almoço no Rio Grande do Sul, é dado um espaço para o esporte quando há notícias de impacto regional envolvendo os times do Grêmio ou do Internacional, como a transferência de algum jogador de renome, a consagração de um dos times em campeonatos nacionais e internacionais, entre outros. O esporte não recebe um espaço diário no Jornal do Almoço, pois logo em seguida entra no ar o Globo Esporte regional. Apresentado pela jornalista Alice Bastos Neves, o telejornal inicia, na maioria das vezes, trazendo as principais notícias sobre Inter e Grêmio. Geralmente, o telejornal busca trazer notícias de outras modalidades esportivas, como vôlei, basquete, futsal. No entanto, essas modalidades recebem um destaque muito inferior ao futebol, ou são praticamente silenciadas em época de grandes campeonatos relacionados a esse esporte, como a Copa do Brasil e a Copa do Mundo. No que tange às equipes femininas de futebol, e de outras modalidades também, percebe-se um silenciamento recorrente, como se a prática de esportes fosse monopólio do gênero masculino, o que conduz ainda mais à marginalização dessas atletas e à falta de investimento e visibilidade pública de tais times. Assim, constrói-se um cenário esportivo majoritariamente masculino, centralizado no futebol e nos principais jogadores de Inter e Grêmio, descartando toda a diversidade de times de futebol e outras modalidades praticadas no Rio Grande do Sul.

No Jornal Hoje, apresentado por Sandra Annenberg e Evaristo Costa, o esporte não possui uma inserção diária de forma regular. Da mesma forma como acontece no telejornal do meio-dia, a editoria só ganha destaque em casos de extrema relevância, como a morte de algum jogador famoso, o resultado da partida final de um campeonato de esfera nacional, casos de corrupção envolvendo entidades esportivas nacionais e internacionais, etc. Em torno de sete horas da noite, inicia o telejornal local, denominado RBS Notícias no Rio Grande do Sul. No último bloco do telejornal, aparece geralmente um resumo das partidas que irão acontecer na semana e os resultados dos jogos disputados por Inter e Grêmio. O futebol é aqui sinônimo de esporte, monopolizando o espaço da editoria neste telejornal.

Primeiro programa em rede na televisão brasileira, o Jornal Nacional foi ao ar no dia 1º de setembro de 1969, em plena ditadura militar. Com o slogan “A notícia unindo seis milhões de brasileiros”, o Jornal Nacional exibia, em sua abertura, imagens de acontecimentos e personalidades importantes para o país. Segundo o editor-chefe do programa, William Bonner, o programa se propõe a mostrar o que aconteceu de mais importante no Brasil e no mundo diariamente com isenção, pluralidade, clareza e

correção (MEMÓRIA GLOBO, 2005). No entanto, apesar da afirmação do jornalista, não temos acompanhado esse tratamento isento e plural com relação aos últimos acontecimentos políticos e econômicos do país, uma vez que o Jornal Nacional tem se colocado claramente ao lado de certos grupos de poder, defendendo interesses particulares e propagando uma versão única dos fatos, a despeito de se tratar de uma concessão pública, que deveria lutar pela diversidade de pontos de vista. O telejornal traz matérias de diversas editorias, com foco especial para temas econômicos, políticos e sociais. As notícias sobre esporte aparecem, geralmente, no último bloco do programa.

Ao longo da década de 1970, o esporte ganhou maior peso no Jornal Nacional. O telejornal passou a dedicar um espaço no seu noticiário para mostrar o resultado dos jogos nos campeonatos regionais e nacionais. Mesmo com a criação da Divisão de Esportes em abril de 1973, a participação do esporte no telejornal era ainda muito limitada. O crescimento da cobertura esportiva em eventos internacionais, como a Copa do Mundo e a Olimpíada, permitiu à emissora dar um novo enfoque ao esporte, aliando informação ao entretenimento. A Globo passou a apresentar para o telespectador brasileiro tudo sobre a seleção e a competição, desde os preparativos das partidas até a análise completa dos jogos. A primeira transmissão ao vivo de uma Copa do Mundo, a do México (1970), assim como os boletins informativos da Rede Globo, por exemplo, possibilitaram altos índices de audiência. “O jogo contra a Inglaterra exibido em 10 de junho, por exemplo, atraiu mais telespectadores do que a transmissão da chegada do homem à Lua no ano anterior” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.56). Assim, movida pelos interesses econômicos, a emissora passou a investir na editoria de esportes, atribuindo-lhe um espaço fixo no telejornal, privilegiando o futebol.

Na década de 1980, o Jornal Nacional passou a apresentar, aos sábados, um bloco inteiro sobre esportes. Segundo Michel Laurence, que era chefe da Divisão de Esportes, o bloco de esportes foi surgindo naturalmente e se tornou uma tradição (MEMÓRIA GLOBO, 2005). A partir da década de 90, com maior aceitação da audiência, a Divisão de Esportes passou por uma série de mudanças, passando a ter mais recursos e contratando mais profissionais. As matérias tornaram-se mais elaboradas, apresentando entrevistas e retratando a trajetória dos atletas, na sua grande maioria, homens jogadores de futebol. Havia preocupação com a linguagem e o conteúdo tinha que ganhar uma dimensão nacional, interessando ao telespectador de norte a sul do país.

Atualmente, o último bloco do programa é destinado ao esporte, com destaque para temas relacionados ao futebol: resultados dos jogos da semana, calendário dos próximos jogos, lesões e principais transferências de jogadores, mudanças de técnicos, entre outros. Os times do eixo Rio-São Paulo têm um espaço relativamente superior aos demais times de outras regiões do país. Segundo pesquisa realizada por Souza (2005), em um corpus com 21 reportagens do Jornal Nacional, das quais 15 são relacionadas diretamente aos clubes que disputam o Brasileirão, apenas três delas dizem respeito aos times considerados pequenos ou intermediários. No entanto, precisamos ponderar que, em época de campeonatos importantes do voleibol, da Fórmula I, do atletismo, tais modalidades acabam ganhando visibilidade também, sendo que as duas primeiras têm maior espaço. O Jornal da Globo, apresentado por William Waack e Cristiane Pelajo, traz igualmente, em seu último bloco, um breve resumo do mundo do futebol.

É interessante perceber que, na maioria dos casos, a editoria de esportes aparece no último bloco do telejornal, como uma forma de amenizar a série de notícias geralmente negativas que foi transmitida nos blocos anteriores. O futebol parece ser representado como um amortizador das mazelas sociais, como um conforto diante da rotina massacrante e das turbulências do mundo. O esporte parece dar a palavra final: apesar de um dia cansativo, de notícias tristes, vale a pena seguir lutando por esses pequenos momentos de prazer, traduzidos, muitas vezes, pela simples vitória do time do coração em uma etapa do Brasileirão.

Um fator que altera consideravelmente a rotina da editoria de esportes na Rede Globo, assim como nas demais emissoras de televisão de canal aberto, é a realização da Copa do Mundo ou da Olimpíada. Nestes momentos simbólicos, a editoria de esportes passa a reger toda a edição do telejornal, deixando as demais notícias subordinadas a ela. Assim, as pautas sociais, políticas e econômicas ficam em segundo plano para que a emissora explore a audiência despertada nessas ocasiões.

Um time de jornalistas da Rede Globo é escalado para fazer a cobertura desses megaeventos esportivos, passando a apresentar as principais informações diretamente do local do evento. Como exemplo, podemos citar a participação da jornalista Fátima Bernardes, então apresentadora do Jornal Nacional, na Copa do Mundo de 2006, e de mais de 185 profissionais, entre jornalistas, produtores, técnicos e equipe de apoio. Fátima apresentou o telejornal diretamente da Alemanha, sede do Mundial, um investimento que corrobora a importância dada pela emissora a tais campeonatos internacionais, tendo em vista a soma de dinheiro movimentada pela audiência, por

patrocinadores, pelos direitos de transmissão de tais jogos. “A participação de Fátima em lugares sempre diferentes permitiu a Bonner usar um bordão que caiu no agrado popular. Todo dia ele iniciava o jornal perguntando: onde está você, Fátima Bernardes?” (MÉMOIRA GLOBO, 2004, p.352), criando uma atmosfera mais informal para o programa com a descontração entre os apresentadores, o que contrastava com a seriedade com que habitualmente transmitiam as notícias.

Apresentado atualmente por William Bonner e Renata Vasconcellos, o Jornal Nacional passou por reformulações no ano de 2015, como parte do pacote das comemorações dos 50 anos da emissora. O cenário, mais amplo e claro, proporciona mobilidade aos apresentadores, permitindo que circulem livremente pelo estúdio, transmitindo notícias na bancada e também de pé, em diversos ângulos. As conversas em tempo real com correspondentes e equipes de reportagem, feitas pelo telão, ficaram mais interativas. As informações meteorológicas passaram a ser dadas ao vivo e direto da redação de jornalismo da Globo, em São Paulo. Com uso de tecnologia de ponta, a redação do telejornal conta, ao fundo, com um segundo telão ainda maior, no qual são exibidas imagens em alta resolução de acordo com a temática da notícia.

Na madrugada de quarta para quinta-feira, a emissora exibe o programa Corujão do Esporte, apresentado pelo ex-judoca Flávio Canto. O programa reúne atletas e famosos para comentar as últimas notícias do mundo esportivo, passando por diversas modalidades esportivas. O programa é gravado no mesmo dia de exibição para garantir a atualidade das notícias. Um ano antes das Olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016, a Rede Globo colocou no ar o programa Balada Olímpica, apresentado por Flávio Canto e Carol Barcellos. O programa acontece na primeira segunda-feira do mês. Com o início da Olimpíada<sup>17</sup>, o programa passará a ser diário a fim de trazer as informações completas das modalidades disputadas no dia. A Globo passou a transmitir ainda, recentemente, as lutas de UFC - *Ultimate Fighting Championship*, o que levou lutadores como Anderson Silva, Vitor Belfort, José Aldo, entre outros, a ganharem visibilidade no cenário nacional e internacional.

Os jogos de futebol vão ao ar geralmente nas quartas-feiras, depois da novela das nove, nos sábados e domingos à tarde, dependendo do cronograma dos jogos. As emissoras locais transmitem as partidas dos times principais da região, como Inter e Grêmio no caso do Rio Grande do Sul, e transmitem os jogos de relevância nacional

---

<sup>17</sup> No ano de 2016, os Jogos Olímpicos ocorrerão no Rio de Janeiro no período de 5 a 21 de agosto. Os Jogos Paraolímpicos acontecerão entre os dias 07 e 18 de setembro na mesma cidade.

através da Rede Globo. Aos domingos de manhã, a emissora transmite o Auto Esporte, programa inteiramente voltado para carros, motos, motores e velocidade. É um dos raros programas da grade que se detém de forma exclusiva a outra atividade que caiu no gosto popular dos brasileiros além do futebol.

Ainda na manhã de domingo, a Globo transmite o Esporte Espetacular, das 10h30 às 13h15. O programa, apresentado pela ex-atleta Glenda Kozlowski e por Alex Escobar, busca trazer reportagens de maior profundidade sobre o mundo do esporte, apresentando séries de reportagens especiais, entrevistas com jogadores, técnicos e personalidades do mundo do esporte, revelando inclusive outras facetas do esporte, como os aspectos econômicos e sociais. Embora a relevância seja para o futebol, há espaço para a cobertura de jogos de vôlei, futsal, basquete, natação, skate, entre outros.

Na noite de domingo, às 21h, inicia o Fantástico. Na parte final do programa, a editoria de esportes é apresentada por Tadeu Schmidt, que é o próprio apresentador do programa ao lado de Poliana Abritta. Tadeu começou como jornalista esportivo e deu uma roupagem diferenciada para o jornalismo esportivo ao trazer um tom mais leve e informal para as suas reportagens. Essa renovação no perfil do telejornalismo esportivo da Rede Globo iniciou quando, em janeiro de 2009, Tiago Leifert<sup>18</sup> passou a ser o apresentador e editor-chefe do Globo Esporte em São Paulo, que ganhou novo formato, mais espontâneo, dispensando o uso do teleprompter, recurso que permite a leitura do texto previamente redigido sem desviar o olhar da câmera. Leifert também abriu espaço para videogames e, em algumas edições do programa, desafiava ou era desafiado por alguém para jogar uma partida. As mudanças foram motivadas, sobretudo, por fatores econômicos e foram direcionadas para atrair públicos diferentes.

O jornalista explicou, durante palestra no 15º Congresso Catarinense de Rádio e Televisão, realizado em Florianópolis dos dias 7 a 9 de agosto de 2013, a necessidade de expansão do público do telejornalismo esportivo diante da queda da audiência evidenciada nos últimos anos:

O mais importante era trazer de volta para o Globo Esporte mulheres e crianças. Eu acho que é uma necessidade da TV aberta. A gente estava se comportando como se fosse um programa de cabo. Estávamos falando só para um grupo específico, de um jeito específico. E a gente teve que atrair

---

<sup>18</sup> Tiago Leifert se formou em Jornalismo e Psicologia pela Universidade de Miami e foi trainee no jornalismo da rede de televisão norte-americana NBC - *National Broadcasting Company*. Essas mudanças introduzidas pelo jornalista no Brasil foram primeiramente vivenciadas por ele durante seu período de formação nos Estados Unidos. Essa incorporação do modo americano de se fazer telejornalismo esportivo mostra um exemplo da influência do capitalismo, movida por interesses econômicos.

mais gente para poder sobreviver. É um pouco de tentativa e erro. A gente teve que fazer uma série de mudanças para que as mulheres primeiro pudessem entender o que a gente estava falando e segundo gostar do que a gente estava falando (LEIFERT, 2013).

Para atrair esse público, o Globo Esporte começou a contar as histórias dos jogos e treinos, com começo, meio e fim. Foram construídos personagens e o esporte começou a ser tratado como ficção. O resultado foi um considerável aumento da audiência. “No começo, deu 30% de aumento. Hoje em dia, [...] a gente continua se mantendo com o mesmo share, [...] a nossa participação continua a mesma” (LEIFERT, 2013). Tiago contou, durante o congresso, que, em quatro anos e meio de Globo Esporte, o programa só não ficou em primeiro lugar na audiência duas vezes. Segundo o editor do Globo Esporte, Afonso Garschagen, na palestra durante o Intercom Rio 2015 no dia 07 de setembro, “o esporte está muito ligado à emoção. Se a gente faz um jornalismo frio, acaba perdendo oportunidades”. Afonso destacou ainda a importância de pensar no formato das pautas, em busca de novas narrativas para contar as histórias.

Entre as novas estratégias narrativas, Rocha (2014) aponta a prática de *storytelling* no telejornalismo esportivo como um meio de utilizar vários ambientes de interação, novas técnicas e materiais, sempre na procura de aproximação com o público. A técnica de *storytelling* tem como principal característica atribuir significados emocionais a elementos técnicos por meio de um contexto. A ideia básica é selecionar um fato e englobá-lo dentro de uma estrutura de história, que exige narrativa específica para atingir públicos diferentes.

O novo formato de jornalismo esportivo da Rede Globo está mais dinâmico, possibilitando mais interação com o telespectador e descontração. Os apresentadores transmitem mais simplicidade, como se estivessem conversando com o “amigo-telespectador” de forma bastante informal. O uso de telas interativas para mostrar o placar de jogos e a classificação de times moderniza o formato do telejornal, acelerando o ritmo das informações. Os apresentadores narram os fatos, geralmente, em pé com a liberdade de caminhar pelo estúdio e poder realizar comentários sobre as matérias. Esse estilo traz o entretenimento e o humor como novas possibilidades de contar histórias no jornalismo, despertando a atenção da audiência e cativando novos públicos.

A presença dos comentaristas em algumas matérias traz o espaço da opinião para um assunto delicado, que gera polêmica e mexe com a paixão do público. Tais comentaristas surgem como especialistas, capazes de transmitir uma opinião técnica

para um tema que torna tênues as fronteiras da emoção e da razão. Dessa forma, os jornalistas conseguem manter uma ideia de objetividade, poupando-os de expressar suas impressões sobre os jogos e garantindo sua credibilidade, que seria seriamente afetada, pelo menos no Brasil, caso expusessem suas preferências pessoais no futebol. Apesar das inovações no formato, em termos de conteúdo, a emissora continua abordando os mesmos temas sobre o esporte a partir dos mesmos ângulos. A Rede Globo parece cumprir apenas com uma estratégia mercadológica no sentido de atrair a audiência para os campeonatos sobre os quais possui direitos de transmissão, garantindo seu lucro com publicidade. Esta motivação econômica, aliás, tem sido sua principal razão de existir, mostrando-se uma empresa mercenária que só dá conta dos seus interesses particulares, como se estivesse fazendo um favor ao levar informações ao público, desconsiderando o fato de ser uma concessão pública. A função social do jornalismo parece ficar em segundo plano, já que não são trazidas à tona novas pautas, que permitam refletir sobre o tema a partir de enfoques alternativos, promovendo o debate crítico.

### **3. INTERVALO: A BUSCA DE UM PERCURSO METODOLÓGICO PRÓPRIO**

Neste capítulo, apresentaremos o percurso e as opções teórico-metodológicas que conduzem esta pesquisa, sua caracterização e importância para a análise do objeto. Trata-se de uma síntese da trajetória desenvolvida desde a aproximação com o objeto e com os Estudos Culturais, etapas que se desenvolveram em paralelo desde o início do projeto investigativo.

No percurso da dissertação, seguimos algumas etapas para atingir os objetivos propostos e chegar aos resultados, que serão apresentados no capítulo 4, dedicado à análise. O primeiro passo, descrito na introdução deste trabalho, envolveu a realização do estado da arte e a procura de bibliografias sobre o assunto. Essa primeira aproximação mostrou o quanto o telejornalismo esportivo ainda é marginalizado nos estudos de comunicação. Além disso, existe um grupo restrito de pesquisadores brasileiros que se preocupa com a temática, buscando extrapolar os estudos funcionais sobre o esporte rumo a sua articulação com o meio social.

A segunda etapa foi constituída pela definição dos conceitos teóricos e metodológicos da pesquisa, além de seus objetivos e justificativas. Como conceitos teóricos centrais para esta pesquisa, aparecem cultura, representação e tipificação, essenciais para entender as dinâmicas do telejornalismo esportivo inseridas na cultura contemporânea vivida. Metodologicamente, essa pesquisa se alicerça na análise cultural-midiática, baseada nos estudos de Raymond Williams e adaptada ao campo da comunicação, sob o viés dos Estudos Culturais. A análise cultural-midiática foi utilizada como forma de compreender o contexto de produção da série especial com os jogadores da Seleção no Jornal Nacional, atentando para as diversas dimensões que compõem o todo social.

Como protocolo analítico, elaboramos uma proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo, que relaciona a cultura vivida, a partir do contexto político, econômico e social, com as tipificações construídas pelo telejornalismo esportivo, a partir da série especial de reportagens. Cada esfera do diagrama evidencia aspectos que compõem o todo social, permeado pela cultura vivida. Assim, todos esses elementos se inter-relacionam, corroborando para tornar visíveis a dinamicidade e a complexidade das relações e tensões que giram em torno do futebol. A partir das categorias de a) sujeitos e interações e b) história, baseadas na análise textual (CASSETTI; CHIO, 1999), iremos analisar três histórias de vida

retratadas na série, selecionadas após aproximação exploratória e análise preliminar: a de Maxwell, por ser o único que vem de uma família com uma situação financeira confortável, a de Victor, por ser o único que possui diploma de curso superior, e a de Daniel Alves, escolhida aleatoriamente dentre os demais jogadores, tendo em vista que segue a narrativa padrão reforçada pelo discurso telejornalístico. Assim, identificaremos os tipos construídos pela série e seus modos de representação, bem como problematizaremos os possíveis impactos sociais de tais construções simbólicas.

### **3.1 Análise cultural-midiática**

Para analisar as relações e tensões entre as representações construídas pelo telejornalismo esportivo e a cultura vivida, recorreremos à análise cultural-midiática, concebida a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, como forma de atentar para os processos socioculturais, nos quais os agentes são tomados como os pontos centrais das práticas que dão significação e movimento à vida social (LISBOA FILHO; MACHADO, 2015). Para os Estudos Culturais, base teórica e metodológica deste trabalho, a ideia de cultura permeia todo o modo de vida dos sujeitos, entendidos como agentes nos processos sociais.

A partir da utilização da análise da cultura como método de pesquisa, é possível observar e descrever as inter-relações que têm significado nas práticas sociais. Daí vem o sentido de cultura como ordinária, que, conforme Williams (2003), remete a algo que é comum e está em toda parte, independente de classe, gênero, raça, já que,

Como sistema de significações, a cultura organiza as relações sociais dos produtores culturais. A cultura cria instituições e orienta o processo de agrupamento interno dos produtores. Neste sentido, o analista da cultura tem, necessariamente, que fazer sua análise colocando em correlação a totalidade dessas interações (ARAÚJO, s/d, p.6).

A cultura é sempre contextualizada, na medida em que é uma prática social que se dá entre pessoas em situações específicas, portanto com significados específicos que podem variar em diferentes situações sócio-históricas. A cultura é, assim, um espaço de dominação, já que as decisões sociais sobre cultura afetam todo um modo de vida e funcionam como uma articulação dos valores que serão privilegiados e dos grupos que terão acesso à produção desses valores em função de seus interesses (CEVASCO, 2001).

Williams (2003) empreende um trabalho de crítica da cultura, pois acredita que os valores e os significados da sociedade capitalista devem ser derrotados através de um trabalho intelectual e educacional contínuo, processo cultural denominado de a longa revolução. Para o autor, explicitar significados é revelar em que lado da luta nos colocamos, posicionando-nos em uma história de reações a conflitos e modificações históricas. Dessa forma, o autor rejeita a ideia de uma base monolítica, que determinaria todas as coisas, já que tal ideia torna inútil a ação humana consciente, que nesta descrição fica sempre determinada pela estrutura. Para o autor, a sociedade é composta de um grande número de práticas sociais que formam um todo concreto, as quais interagem, combinando-se de forma complexa. Assim, a linguagem e a significação são elementos indissolúveis do próprio processo social material, envolvidos tanto na produção quanto na reprodução. O objetivo do materialismo cultural é definir a unidade qualitativa do processo sócio-histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico podem ser vistos neste processo (CEVASCO, 2001).

Williams (2003) propõe que pensemos a cultura como um sistema realizado de significação, que articula os sistemas da organização da vida social – o político, o econômico, o comunicacional, o social, etc. É preciso colocar, assim, a linguagem como central, pois um sistema de significação é intrínseco a um sistema econômico, político, de gerações e, de forma mais geral, social. Tudo existe não apenas como instituições, obras e sistemas, mas necessariamente como práticas e pensamentos.

Para definir a análise cultural, Williams (2003) parte de três categorias gerais que caracterizam a cultura. A primeira delas é a definição “ideal”, em que a cultura consiste em um estado de perfeição humana, com base em valores universais. Dessa forma, a análise da cultura fundamenta-se na análise do descobrimento e da descrição de ordem atemporal. A segunda definição concebe a categoria “documental”, considerando a cultura como o conjunto de obras intelectuais e de registros da experiência e do pensamento humano. Por essa definição, analisar a cultura é fazer uso da atividade crítica, que, além da obra em si, considera também as relações históricas, das tradições e das sociedades em que foram desenvolvidas. Como terceira categorização, temos a cultura definida como “social”, que representa “a descrição de um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não somente na arte e aprendizado, como também em instituições e no comportamento ordinário” (WILLIAMS, 2003, p.51). A partir dessa perspectiva, a análise da cultura, sob a visão social, apoia-se nos significados e valores dos modos de vida específicos de um contexto.

Dessa forma, analisar a cultura deve considerar a totalidade social, já que “a análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações” (WILLIAMS, 2003, p.56) (tradução nossa). A fim de analisar o todo social, entende-se ainda que as relações devem ser estudadas na sua dinamicidade, uma vez que sua organização mutável permite que sejam observados os diferentes sentidos produzidos entre as atividades sociais e suas inter-relações.

A análise cultural, como método de investigação do campo da comunicação, não centraliza sua atenção apenas na ação dos meios, mas sim nas diferentes formas com as quais os sujeitos sociais negociam suas vivências e experiências culturais. Na relação que se estabelece entre cultura, comunicação e sociedade, a análise procura evidenciar as práticas e os mecanismos que atuam na constituição da sociedade, preocupando-se com as práticas de dominação dos sujeitos, bem como as formas de resistência encontradas por esses.

Tal perspectiva se preocupa com a cultura popular, com a análise dos efeitos da nova sociedade das mídias e das maneiras de se combater a dominação cultural, iluminando os impasses político-culturais do capitalismo por meio de sua crítica. Assim, por essa ótica, a dominação de uma determinada classe mantém-se não somente através do poder e da propriedade, mas também através da cultura do vivido (JOHNSON, 2010), de tal forma que o que as pessoas vêm a pensar e a sentir é uma reprodução de uma ordem social profundamente arraigada e renovada em todas as etapas da vida.

A análise cultural parte, assim, de uma necessidade imposta à teoria pela prática, ou seja, de se estudar a cultura como uma produção material de sentidos, percebendo que o debate sobre a cultura articula de forma concreta o movimento da totalidade social, tornando-se um espaço relevante de luta. Assim, as condições de produção não determinam, mas atuam através da fixação de limites e do estabelecimento de pressões, em um processo dinâmico de relações e tensionamentos, o que demonstra que as práticas são relativamente autônomas e constantemente interligadas.

Johnson (2010, p. 29) destaca a importância de se partir de casos concretos, a fim de se discutir a teoria de forma contínua e contextualizada ao fazer conexões entre argumentos teóricos e experiências contemporâneas. Assim, o projeto da análise cultural é “abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos vivem, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente”. É preciso analisar a cultura do vivido do ponto de vista de suas pressões e tendências, especialmente seus lados contraditórios e suas modificações nas relações sociais. A

pressão está na representação da cultura vivida como uma forma autêntica de vida, evitando seu tratamento de forma inferiorizante e estereotipada. Nesse sentido, as pesquisas das culturas vividas estão estreitamente associadas às políticas de representação, apoiando as formas vividas dos grupos sociais subordinados e criticando as formas dominantes que oprimem as formas alternativas de vida. Podem inclusive contribuir para tornar hegemônicas culturas que são comumente privatizadas, estigmatizadas ou silenciadas, trazendo à tona a representação de uma realidade que precisa ser reconhecida para poder gerar discussões que levem à construção de políticas públicas, quebrando a barreira entre estudos de linguagem e relatos concretos ao levar em conta determinações históricas e estratégias de poder e de dominação.

Outra renovação conceitual é pertinente para o percurso analítico deste trabalho: a formação deliberada de uma tradição, que a percebe como uma “versão seletiva de um passado formador e de um presente pré-formado que desempenha uma função fundamental no processo de definição e identificação culturais” (WILLIAMS, 1979, p. 115). Para além de reduzir-se à seleção de alguns documentos, a tradição seletiva alcança um nível da cultura humana geral, do registro histórico de uma sociedade e, em um nível mais complexo, da rejeição do que era passado em uma cultura viva. Dessa forma, a compreensão da tradição seletiva torna-se importante para a análise cultural, uma vez que além de um modo de seleção, é acima de tudo uma interpretação. Dessa dinamicidade das mudanças contemporâneas, das observações resultantes das descrições e interpretações das relações que surgem da análise social da cultura vivida, da cultura de um período como também da tradição seletiva é que de fato dará razão ao processo cultural. Utilizando, então, a análise da cultura como método de pesquisa se observa e descreve as inter-relações que têm significado nas práticas sociais.

Comumente, o conceito de tradição é entendido como um segmento inerte, como a sobrevivência do passado. Para Williams (1979), a tradição é uma força ativamente modeladora, fruto de uma interpretação do passado. Através do conceito de tradição seletiva, o autor se refere a uma versão seletiva intencional de um passado, uma das interpretações possíveis, que opera no processo de identificação social. Certos significados são escolhidos para serem enfatizados e outros são negligenciados. “Essa seleção é apresentada e passa habitualmente como ‘a tradição’, ‘o passado significativo’” (WILLIAMS, 1979, p. 119). Trata-se, assim, de uma versão do passado que deve ratificar a ordem presente a serviço de uma classe, oferecendo um senso de continuidade predisposta.

Para Williams (1979), o trabalho da contra-hegemonia consiste em recuperar áreas rejeitadas, reformular interpretações seletivas ou redutivas. Portanto, a tradição é poderosa, mas também é vulnerável, uma vez que está em constante transformação a favor da hegemonia corrente. A luta a favor ou contra as tradições seletivas é parte importante de toda a atividade cultural. O estabelecimento de uma tradição seletiva depende de instituições identificáveis, que nem sempre são passíveis de uma identificação formal. Além de instituições, também é influenciada pelas formações, ou seja, movimentos conscientes na vida intelectual e artística, que têm influência ativa na cultura e uma relação variável com as instituições. As relações entre instituições e formações envolvem uma grande variabilidade em uma cultura de acordo com o momento histórico. Dentro de uma hegemonia, não há apenas formações alternativas ou oposicionais, mas também há as que podem se tornar instituições, dentro do que se pode reconhecer como as formações dominantes. Nesse sentido, as formações e sua obra são a substância social e cultural ativa, definição constantemente deslocada pela interpretação hegemônica (WILLIAMS, 1979).

Assim, o que chamamos de socialização é, na prática, um tipo específico de incorporação, pois se trata do aprendizado básico unido ao aprendizado de uma variação selecionada de valores, constituindo a base real do hegemônico. Esses valores seletivos são passados de forma consciente ou inconsciente entre as gerações. A educação, por exemplo, transmite conhecimento através de uma seleção entre todas as possibilidades existentes, que envolvem atitudes intrínsecas de convivência social. Instituições como igrejas, locais de trabalho e meios de comunicação são explicitamente incorporativas, pois ensinam, confirmam e impõem significados. Uma incorporação efetiva é realizada na prática habitualmente, pois tem de ser realizada para que se mantenha a sociedade classista.

Williams (1979) afirma que a verdadeira condição da hegemonia é a auto-identificação efetiva com as formas hegemônicas: uma socialização específica que deve ser positiva ou, se não for, deve ser reconhecida como inevitável e necessária. A hegemonia, portanto, não é intrinsecamente relacionada ao treinamento ou à pressão, mas a uma inevitável resignação de que ela assim está posta. Portanto, uma cultura efetiva é mais do que a soma de suas instituições, porque é no nível de toda uma cultura que as relações são realmente resolvidas. Por isso, a análise cultural prevê a compreensão das formações, que são movimentos conscientes que, em geral, podem ser percebidos com facilidade. Tais formações nem sempre se identificam com as

instituições e podem inclusive contrastá-las. Através dessas tensões, torna-se possível compreender o caráter dinâmico da cultura, que se adapta e se modifica ao longo do tempo, transmitindo valores, normas e hábitos que atuam no processo de identificação dos sujeitos.

A análise cultural dedica-se a pensar as relações humanas no contexto de inter-relação com as mídias, as quais ocupam um importante lugar na concepção e ação cultural dos sujeitos. Kellner (2001) aponta que os modelos teóricos e metodológicos dos Estudos Culturais se esforçam para a compreensão das relações mútuas entre economia, política, sociedade, cultura e vida diária. Esses componentes são indissociáveis da teoria social contemporânea, que problematiza as diversas dimensões do meio social frente aos ambientes e processos midiáticos que, ao mesmo tempo, agem como mediadores da cultura, mas também são mediados por ela, articulando assim “ideologias, valores e representações [...] e o modo com que esses fenômenos se inter-relacionam” (KELLNER, 2001, p. 39).

O estudo dos meios, especialmente a televisão, torna-se central para as discussões sobre as representações midiáticas e as identidades, uma vez que se reconhece “a capacidade de por em marcha processos de identificação que reforçam o sentido de identidade do indivíduo, quer dizer, sua consciência de pertencer a uma determinada categoria social ou comunidade” (CASSETTI; CHIO, 1999, p.320) (tradução nossa). Rocha (2010) complementa a relevância do estudo da televisão com base nos Estudos Culturais quando afirma que a “televisão como cultura é uma parte crucial da dinâmica social pela qual a sociedade se estrutura e se mantém num processo constante de produção e reprodução” (ROCHA, 2010, p.181). A autora avança ao afirmar que ver televisão tornou-se um processo de negociação entre o espectador e o texto, já que os textos são relativamente abertos, capazes de serem lidos de diferentes maneiras. Dessa forma, “a hegemonia do texto nunca é total, pois sempre tem que lutar para se impor sobre a diversidade de sentidos que os leitores irão produzir” (ROCHA, 2010, p. 183).

Williams (1992) atenta que, ao se estudar televisão, não devemos observar apenas o que é transmitido, mas também os processos pelos quais os conteúdos se realizam em diferentes formatos do fluxo televisivo a fim de realizar uma observação que compreenda as dinâmicas e processos que estão ali envolvidos no momento em que os programas se realizam para o telespectador. Dessa forma, a análise cultural-midiática, como recurso metodológico, permite investigar o processo de construção de

representações com base no texto televisivo, através da cultura que circula e que também é produzida.

### **3.2 Uma proposta de análise cultural-midiática para o telejornalismo esportivo**

Tomando como base a análise da cultura e compreendendo o telejornal como parte da cultura, dos modos de vida e da experiência cotidiana, sentimos a necessidade de pensar uma metodologia própria de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo a partir da elaboração de um diagrama de análise cultural-midiática. Tendo como base os Estudos Culturais, buscamos focar na esfera da produção, a fim de verificar os modos de representação e as tipificações construídos pelo discurso telejornalístico. Pensar as condições e instâncias englobadas nas esferas do diagrama permite, a partir de seus desdobramentos, compreender as relações complexas que perpassam as tipificações no futebol na sociedade contemporânea. Tal metodologia pretende mostrar como o contexto (político, social, econômico) se relaciona e se tensiona com os tipos de jogadores construídos no telejornalismo esportivo, evidenciando seu papel na conformação das identidades, na construção de estereótipos, no reforço de ideologias e na propagação de determinados valores.

A concepção de um diagrama como representação do protocolo analítico visa atender à integração dos diferentes elementos e momentos que configuram o todo cultural (ESCOSTEGUY, 2007). Tal método se opõe ao estudo em separado de cada uma das partes do processo comunicativo, bem como de sua desvinculação das complexidades sociais – estruturas e práticas – que o constituem. Apesar de estar assentado na ideia de comunicação como uma estrutura sustentada por uma articulação entre momentos distintos, em que cada esfera tem condições próprias de existência, o diagrama articula as dimensões sociais entre si, as quais devem ser registradas e analisadas umas em relação às outras, sendo que cada momento é necessário para a compreensão do todo. A partir do diagrama, a análise se concentrará no âmbito da produção, o que nos possibilitará entender seus mecanismos de funcionamento e suas articulações, mapeando as representações construídas sobre futebol na série. A partir das categorias encontradas por meio da metodologia da análise textual, será possível tirarmos conclusões sobre tais construções identitárias e assumirmos hipóteses sobre sua recepção.

Alguns protocolos analíticos já foram desenvolvidos com base na análise da cultura. O ensaio de Hall (2003), *Encoding/Decoding*, originalmente publicado em

1980, traz a ideia central de que um programa de televisão é um discurso significativo codificado no âmbito da produção e decodificado pelos receptores. No momento da codificação, atuam as estruturas institucionais dos produtores, incluindo sua infraestrutura técnica, seu conhecimento, suas práticas e rotinas profissionais e a formulação de hipóteses sobre as audiências. Na esfera da decodificação, as audiências também contribuem com a produção de sentidos, compreendendo as mensagens segundo seus referenciais culturais e experiências de vida. Assim, segundo Hall (2003), a decodificação da mensagem pode se dar através de três posições: hegemônica-dominante, negociada e de oposição.

A proposta do circuito da cultura de Paul Du Gay et al. (1997) desenvolveu-se a partir do estudo do Walkman como artefato cultural, articulando consumo, produção, regulação, identidade e representação. Sem privilegiar um dos eixos para analisar os sentidos atribuídos aos produtos culturais, os autores os consideraram inseparáveis da própria noção de circuito. Para Du Gay et al. (1997), a representação refere-se a sistemas simbólicos: como textos e imagens envolvidos na produção de um artefato cultural, esses sistemas geram identidades que lhes são associadas e têm um efeito de regulação na vida social, promovendo o consumo. Já Johnson (2010) elaborou seu circuito com base na relação entre as formas textuais, as condições de leitura, as condições de produção e as culturas vividas no meio social. O autor aponta, assim, para a necessidade de observar a conexão entre as práticas de grupos sociais e os textos que estão em circulação, realizando uma análise sócio-histórica de elementos culturais que estejam ativos em meios sociais particulares (LISBOA FILHO; COIRO-MORAES, 2014).

Para a elaboração de uma metodologia própria, partimos da inspiração dos protocolos analíticos anteriormente mencionados e do pressuposto de que a cultura abrange o processo produtivo (material e social) e as práticas específicas, os usos sociais dos meios materiais de produção. O materialismo cultural não considera os produtos da cultura objetos e sim práticas sociais: o objetivo da análise materialista é desvendar as condições dessa prática e não meramente elucidar os componentes de uma obra. Assim, a parte central de uma análise materialista da cultura é a história do desenvolvimento e do uso social desses meios (CEVASCO, 2001).

Pensar o telejornalismo esportivo a partir da sua capacidade de construção de representações é compreender que cada texto define seus significados em função do contexto em que estão inseridas produção e audiência. Podemos dizer, então, que o

texto é polissêmico, possibilitando uma diversidade de interpretações. No espaço social, cruzam-se discursos diversos, com diferentes formas de interpretação, em uma constante luta por sentidos e espaços.

Esse percurso analítico torna-se útil para analisar o telejornalismo esportivo, já que compreende a programação como parte de um fluxo televisivo contínuo, que extrapola o limite entre os textos. A televisão não comunica apenas por meio de textos, mas através de um conjunto de imagens e sons. A série de reportagens será analisada de forma crítica, levando em conta não apenas o texto escrito, mas também a trilha sonora, os efeitos visuais, as imagens, os cenários, os personagens, fatores que complementam a construção das representações.

Na proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo (Figura 1), colocamos em relação esferas que são interligadas e fundamentais para a compreensão do todo. A esfera do telejornalismo esportivo representa o lugar de construção das tipificações no futebol, através de modos de representação. A partir da série especial exibida no Jornal Nacional, mapearemos os tipos de jogadores construídos pelo discurso telejornalístico e seus possíveis impactos sociais. Através da metodologia de análise textual, analisaremos três reportagens da série sobre as histórias de vida dos jogadores convocados para a Copa do Mundo de 2014, chegando a categorias que evidenciem as tipificações construídas pelo telejornal e seus modos de representação.

A esfera da política constitui-se como um espaço reservado para mostrar como o futebol é regulado por entidades como a FIFA e suas confederações nacionais, as quais estão intimamente relacionadas a casos de distribuição de cargos políticos, ao beneficiamento ilícito de governantes, ao pagamento de propina e lavagem de dinheiro, o que levou à constituição de uma comissão parlamentar de inquérito, chamada “CPI do Futebol”, e ainda à criação de leis, sobrepondo-se à soberania política dos Estados. Por sua vez, a economia aparece no diagrama para dar conta das somas milionárias de dinheiro que circulam nos bastidores do esporte na forma de contratos de transmissão de jogos, patrocínios, produtos, contratos de marketing esportivo, além dos salários pagos aos jogadores, valores muito acima da média nacional. A dimensão da sociedade representa os estereótipos e preconceitos que giram em torno do futebol: em relação à raça, referimo-nos ao preconceito enfrentado por jogadores negros desde o surgimento do futebol até os dias atuais; quanto à classe, procuramos abordar a elitização do esporte, que não se restringe a seus primórdios, excluindo até hoje as camadas populares dos estádios através do preço dos ingressos, por exemplo; as questões de gênero se

referem ao estereótipo predominantemente masculino relacionado ao futebol, o que leva à marginalização do futebol feminino e à representação dessas atletas por meio de imagens masculinizadas. Além disso, temos o silenciamento sobre a homossexualidade no esporte, um tema considerado tabu para a maioria dos atletas que temem o preconceito de colegas e torcedores.

Todas essas dimensões compõem a cultura vivida que permeia as representações telejornalísticas. Assim, buscando as relações e tensões do contexto com as tipificações construídas pelo telejornalismo, buscamos evidenciar que, mais do que formas e imagens subjetivas, elas se constituem como práticas sociais, que atuam na atualização, reforço e silenciamento de sentidos, os quais, por sua vez, participam da construção das identidades, da cristalização de preconceitos e da propagação de estereótipos. O telejornalismo esportivo aparece no centro como fenômeno norteador da análise cultural-midiática empreendida, cuja compreensão depende da articulação de todas as esferas, as quais possibilitam contextualizar e complexificar as tipificações do esporte na sociedade contemporânea. Nesta esfera central, relacionamos os conceitos de hegemonia, ideologia e tradição seletiva, além de contar com o apoio da história para mostrar como tipificações hegemônicas dos jogadores são construídas pela ideologia dominante por meio da seleção de tradições, que ratificam a noção de um passado significativo para a consciência do presente.

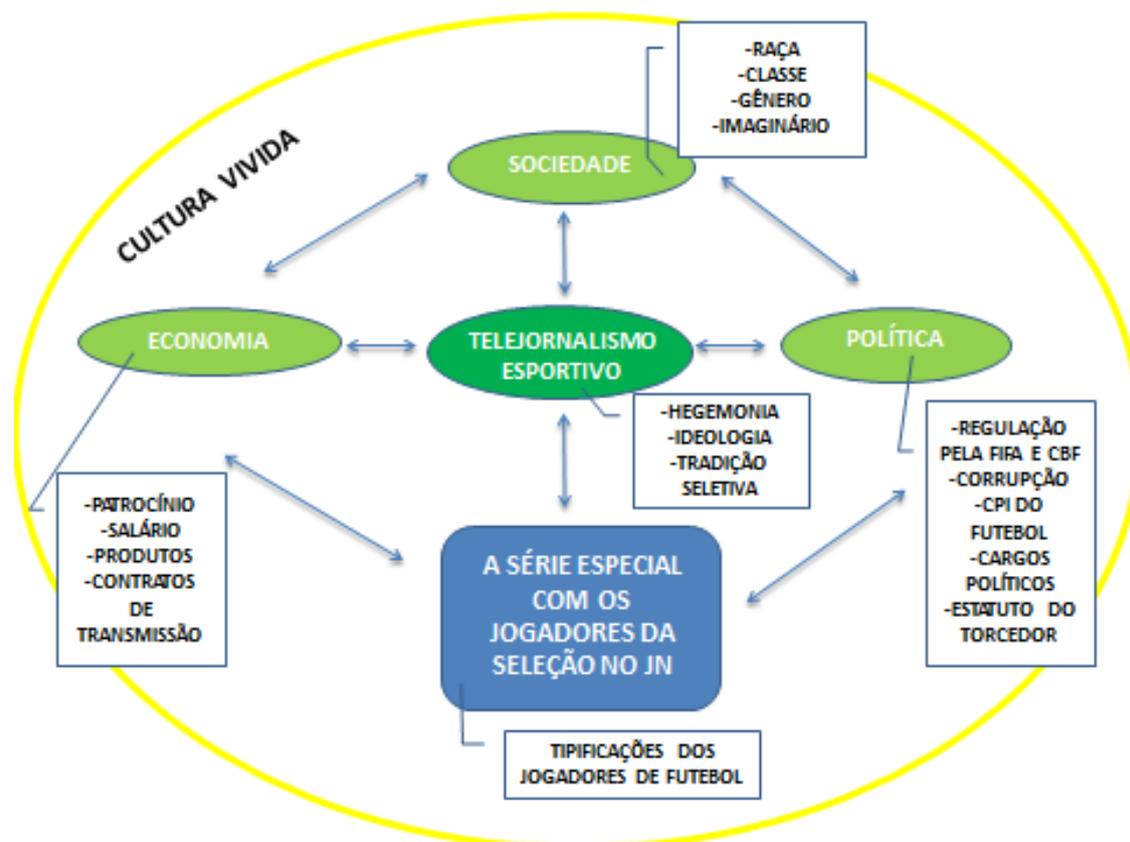


Figura 1: Análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para analisar as tipificações dos jogadores de futebol na série especial do Jornal Nacional, faremos uso da análise textual. Segundo essa metodologia, os programas televisivos são meios de transmissão de realizações linguísticas e comunicativas, ou seja, construções feitas a partir de material simbólico, seguindo regras de composição específicas e produzindo determinados efeitos de sentido. A televisão utiliza uma linguagem que não reflete a realidade, mas que a recria, produzindo significados a partir de um sistema de regras. Segundo Casetti e Chio (1999), a significação televisiva deriva da justaposição de três níveis: denotativo (dados naturais), conotativo (dados culturais) e ideológico (dados sociais). Analisamos, assim, não veículos neutros, mas objetos dotados de consistência e autonomia próprias.

Portanto, não são enfatizados somente os conteúdos das transmissões, mas também os elementos linguísticos que as caracterizam, os materiais utilizados e os códigos escolhidos. A partir da análise textual, não procuramos medir quantitativamente a presença de determinados temas, figuras ou ambientes, mas realçar a arquitetura e o funcionamento dos programas analisados, a estrutura teórica que os sustenta e as

estratégias que se desenvolvem. Dessa forma, construímos a estrutura e os processos do objeto investigado em termos qualitativos.

Os textos mobilizam configurações complexas, que vão além do conteúdo, revelando diversas relações entre os elementos em jogo. Os textos atribuem regularmente uma valoração aos objetos, aos comportamentos e a situações, dando um peso diferente a partir de construções implícitas e explícitas. “Na realidade, os textos não só dizem ou mostram algo, mas também dizem e mostram o modo como esse algo é proposto” (CASSETTI; CHIO, 1999, p. 251, tradução nossa).

Dessa forma, a análise textual atenta para os elementos concretos do texto e os modos como o texto é construído, estendendo sua atenção ainda para o modo de interpretar seu significado em um sentido global, de valorizar os temas sobre os quais fala e as formas de enunciação de seu próprio discurso. O instrumento geralmente adotado para a análise de programas televisivos é o esquema de leitura, um dispositivo que serve para guiar o percurso do pesquisador. O esquema de leitura é constituído por categorias que permitem ao analista definir e reagrupar os itens textuais.

Na análise, atuam dois tipos de procedimentos: a descrição, processo de identificação dos elementos significativos do texto, e a interpretação, processo de recomposição desses elementos em um conjunto que explique a estrutura e os processos do texto (CASSETTI; CHIO, 1999). A primeira fase é objetiva e a outra é subjetiva e pessoal, sendo que ambas estão interconectadas, uma vez que não há como descrever sem adotar um ponto de vista e não há como interpretar sem utilizar dados concretos. O esquema de leitura pode ser aplicado a um grupo de reportagens, a fim de identificar traços em comum e suas diferenças.

Para a análise das histórias de vida dos jogadores convocados para a Seleção Brasileira, levaremos em consideração as seguintes categorias: a) sujeitos e interações e b) história. Na primeira categoria, analisaremos a densidade dos sujeitos, seu estilo de comportamento, bem como sua função no programa e seus respectivos papéis narrativos. Na categoria analítica da história, verificaremos a presença de uma ou de várias histórias, caracterizadas por uma situação de ordem inicial, a sucessiva instauração da desordem e a solução; a estrutura temporal de cada história e a existência de fios narrativos e suas interações recíprocas.

A partir de uma análise preliminar da série de reportagens, escolhemos, para análise, um exemplo aleatório que representa a história de vida padrão da maioria dos jogadores retratada na série, caso do jogador Daniel Alves, o único exemplo de jogador

com diploma de curso superior, o goleiro Victor, e o único exemplo de jogador que vem de uma família com condições financeiras favoráveis, o lateral Maxwell. Através das categorias analíticas mencionadas, verificaremos os elementos em comum e as diferenças existentes nestas histórias de vida, chegando aos tipos construídos pela série e seus modos de representação. Além disso, problematizaremos os possíveis impactos sociais gerados a partir de tais tipificações telejornalísticas.

### **3.3 A série especial com os jogadores da Seleção no Jornal Nacional**

Com a aproximação da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, o Jornal Nacional exibiu uma série de reportagens especiais sobre as histórias de vida dos vinte e três jogadores de futebol convocados para a competição. A Rede Globo havia comprado os direitos de transmissão dos jogos da Copa do Mundo, o que deixa claro o interesse em atrair a atenção da audiência para o evento. As reportagens foram construídas a partir de personagens e fatos que marcaram a trajetória desses jogadores, explorando recursos gráficos e trilhas sonoras para contar tais histórias. De acordo com os apresentadores do telejornal, o objetivo era mostrar detalhes desconhecidos da vida desses jogadores. A primeira reportagem foi sobre a história do zagueiro David Luiz, a qual foi ao ar logo após a entrevista realizada com o técnico Luiz Felipe Scolari na bancada do telejornal.

A série foi feita pelo repórter Tino Marcos e pelo cinegrafista Álvaro Sant'Anna. As matérias foram veiculadas diariamente no Jornal Nacional, do dia 7 de maio a 2 de junho de 2014. Cada reportagem teve, em média, seis minutos de duração, o que é um tempo significativo dentro de um telejornal, considerando seu tempo total de 45 minutos aproximadamente. A reportagem mais longa foi sobre Neymar, com 9 minutos e 55 segundos de duração. O atacante era a grande aposta do time devido aos 30 gols marcados com a camisa da Seleção e ao reconhecimento internacional obtido em um dos maiores clubes de futebol do mundo, o Barcelona. Em 2015, Neymar foi indicado ao prêmio FIFA Ballon d'Or ao lado de Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, acabando como terceiro colocado com apenas 7,86%.

O processo de produção da série levou dez meses e incluiu entrevistas, pesquisas e viagens a 35 cidades do país e também ao exterior. Em 2014, Tino Marcos completou 25 anos fazendo coberturas da Seleção Brasileira na Rede Globo. O repórter já havia produzido matérias sobre as histórias de vida dos jogadores convocados para outras edições da Copa do Mundo para o Jornal Nacional, como aconteceu na Copa do

Mundo de 2010. Na Tabela 1, identificamos o perfil dos vinte e três jogadores retratados na série, com base em dados de 2014, ano do Mundial no Brasil.

Tabela 1 – Perfil dos Jogadores Convocados para Copa 2014

<b>PERFIL DA SELEÇÃO 2014</b>				
<b>JOGADOR</b>	<b>IDADE</b>	<b>POSIÇÃO</b>	<b>PARTICIPAÇÕES EM COPAS</b>	<b>JOGOS PELA SELEÇÃO</b>
<b>Júlio César</b>	34	Goleiro	2 (2006 e 2010)	78
<b>Jefferson</b>	31	Goleiro	Nenhuma	14
<b>Victor</b>	31	Goleiro	Nenhuma	6
<b>Daniel Alves</b>	30	Lateral	1 (2010)	73
<b>Maicon</b>	32	Lateral	1 (2010)	70
<b>Marcelo</b>	25	Lateral	Nenhuma	29
<b>Maxwell</b>	32	Lateral	Nenhuma	7
<b>Thiago Silva</b>	29	Zagueiro	1 (2010)	45
<b>David Luiz</b>	26	Zagueiro	Nenhuma	34
<b>Dante</b>	30	Zagueiro	Nenhuma	11
<b>Henrique</b>	27	Zagueiro	Nenhuma	4
<b>Fernandinho</b>	28	Meia	Nenhuma	6
<b>Ramires</b>	27	Meia	1 (2010)	41
<b>Hernanes</b>	28	Meia	Nenhuma	23
<b>Oscar</b>	22	Meia	Nenhuma	29
<b>Luiz Gustavo</b>	26	Meia	Nenhuma	17
<b>Paulinho</b>	25	Meia	Nenhuma	25
<b>Willian</b>	25	Meia	Nenhuma	5
<b>Fred</b>	30	Atacante	2 (2006 e 2010)	32
<b>Neymar</b>	22	Atacante	Nenhuma	47
<b>Hulk</b>	27	Atacante	Nenhuma	33
<b>Bernard</b>	21	Atacante	Nenhuma	10
<b>Jô</b>	26	Atacante	Nenhuma	15

Conforme a tabela, dos 23 jogadores convocados por Felipão, apenas seis eram experientes em Copas do Mundo: Júlio César (2006 e 2010), Daniel Alves (2010), Maicon (2010), Thiago Silva (2010), Ramires (2010) e Fred (2006 e 2010). Os outros 17, apesar de já terem jogado com a camisa da Seleção em outras competições, eram novatos no Mundial. O jogador mais experiente era o goleiro Júlio César com duas participações em Copas do Mundo e com 78 jogos disputados pela Seleção. A equipe titular da Seleção Brasileira foi composta por Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Luiz Gustavo, Paulinho, Oscar, Hulk, Neymar e Fred. Trata-se da formação de jogadores mais escalada pela Seleção Brasileira no século XXI, já que os onze jogadores estiveram juntos como titulares em sete partidas. Até então, o time mais repetido com a camisa do Brasil, desde 2001, havia sido escalado em apenas seis jogos.

Com relação à faixa etária, 35% dos jogadores tinham mais de 30 anos quando convocados; 52% tinham entre 25 e 29 anos, e 13% tinham menos de 25 anos. O jogador mais velho convocado foi o goleiro Júlio César com 34 anos, e o mais novo foi o atacante Bernard com 21. Dos 23 jogadores, apenas quatro jogavam em times brasileiros na época: Jefferson (Botafogo), Victor (Atlético Mineiro), Fred (Fluminense) e Jô (Atlético Mineiro), o que torna visível a necessidade de estreitar os laços de identificação entre os jogadores e a torcida brasileira. A maioria dos jogadores era desconhecida do público brasileiro, tendo em vista que já jogavam no exterior há muito tempo, como é o caso do lateral Maxwell, que deixou o Brasil aos 18 anos para atuar em times estrangeiros. Havia um esforço claro do telejornal de apresentar quem eram os heróis que representariam o país aos olhos do mundo inteiro e mostrar que, diante da possibilidade da falta de entrosamento entre os atletas, havia um elemento que os unia e que poderia ser determinante para a vitória: a identificação com o Brasil.

Os jogadores convocados vêm de nove Estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Paraíba e Pernambuco. O técnico da Seleção, Luiz Felipe Scolari, nasceu em Passo Fundo (RS) e tinha 65 anos na época da Copa do Mundo de 2014. Scolari já havia comandado a Seleção na Copa do Mundo de 2002, realizada na Coreia do Sul e no Japão, quando conquistou o pentacampeonato. Já esteve à frente da Seleção do Kuwait em 1990 e da Seleção de Portugal de 2003 a 2008. Em 2013, Felipão comandou a Seleção na Copa das Confederações realizada no Brasil. A Seleção conquistou o título em cima da Espanha por 3 a 0, gerando ainda mais expectativas para a Copa do Mundo do ano seguinte. De 2010 a 2012, Scolari comandou o time do Palmeiras e, após a Copa de

2014, foi contratado pelo Grêmio. Desde 2015, o técnico atua no clube chinês Guangzhou Evergrande. No dia 31 de outubro de 2015, Felipão conquistou com o time o título do Campeonato Chinês. Dez dias depois, foi escolhido o técnico do ano na China.

Todas as reportagens da série foram construídas a partir do uso de certos recursos: fotos e vídeos de infância, como em um álbum de família, depoimentos de amigos, familiares, treinadores, professores e vizinhos, trilhas sonoras de suspense, tristeza e alegria, efeitos especiais de envelhecimento e brilho, reconstituição de cenas, recortes de jornais, trechos de jogos, close em algumas expressões faciais, planos abertos para mostrar os cenários e imagens congeladas para destacar lances decisivos. O uso da conotação foi frequente ao longo da série, o que vai de encontro à objetividade característica da linguagem jornalística, aproximando-se, assim, de uma narrativa mais ficcional e poética por meio da exploração de metáforas e repetições. O texto do repórter é ordenado de forma clara com início, meio e fim, fazendo uso de técnicas do melodrama, como a presença de pausas, a criação de desfechos surpreendentes, a exploração de momentos de suspense e exagero, a formação de heróis e vilões e a ênfase nas lições de moral. Tino Marcos utiliza ainda a estratégia de chamar os jogadores como “o filho de Dona Maria”, “o neto de Seu Pedro”, a fim de humanizá-los e aproximá-los do público. Assim, não estamos falando do goleiro Jefferson, mas do “filho da Dona Maria Sônia”, o que cria uma relação de intimidade com a audiência.

O repórter explorou os mesmos pontos para contar as histórias, o que levou a uma padronização do eixo narrativo, com a ênfase nos seguintes temas: a personalidade alegre e determinada, o apoio da família, a existência de um mentor, o enfrentamento de uma tragédia, a superação de obstáculos, a consagração acompanhada do reconhecimento das origens e da gratidão. O futebol aparece primeiramente na vida desses atletas como uma brincadeira, até que, por acaso, alguém passa a enxergar algum talento e ver um diferencial na criança. A partir de então, esse esporte passa a ser um projeto de vida não só para esses jovens, mas também para as suas famílias, criando um clima de expectativas e pressões. A partir de um roteiro pré-estabelecido, todas as histórias parecem não poder prescindir de temáticas definidas, o que culminou em uma representação padronizada da vida desses jogadores.

O texto jornalístico deixa claro que existem jogadores de vários perfis: altos como Jefferson, baixos como Bernard, magros como Oscar, fortes como Hulk. Essa diversidade facilita a identificação com o público, pois não há um biótipo definido para

ser jogador de futebol, o que dá esperança e alimenta o sonho de muitas crianças que assistem à série. Tino Marcos destaca que é preciso apenas ter talento e força de vontade, uma receita subjetiva que mistura sorte, destino e resistência como definição de sucesso, colocando a responsabilidade no sujeito e desconsiderando seu contexto.

Todas as matérias são finalizadas com cenas dos atletas atuando em jogos da Seleção Brasileira, fazendo gols, vibrando com a torcida, abraçando os colegas de equipe. Tais cenas revelam o quadro de otimismo e expectativa construído pelo telejornal em relação à vitória da Seleção no Mundial. A conquista do hexacampeonato é colocada como o sonho de todos os jogadores, como a maior realização profissional possível. Os atletas sabem da responsabilidade e da pressão que têm ao jogar uma Copa dentro de seu país, estando conscientes de simbolizarem toda a nação ao entrarem em campo. Para todos eles, a Seleção Brasileira significa a consagração na carreira; para alguns, além do auge no futebol, simboliza uma oportunidade de recomeço depois de atravessarem algumas adversidades, como indisciplina, baixo rendimento, entre outras.

Através de uma análise preliminar da série, é possível perceber algumas diferenças: enquanto alguns familiares dos jogadores continuam exercendo suas profissões de origem, por mais humildes que estas sejam, outros aceitam a ajuda do jogador para abrir um negócio próprio ou, até mesmo, aceitam ser completamente sustentados pelo atleta e passam a morar com ele no exterior. A maioria desses jogadores carrega, assim, a responsabilidade de mudar não só a sua condição econômica, mas a de toda sua família. Essas pequenas diferenças nas histórias de vida, apesar de seguirem a mesma estrutura narrativa no telejornal, são espaços raros dentro da série que permitem revelar outras facetas sobre o esporte, mostrando que, mesmo onde há uma tentativa de unidade e padronização, acaba transparecendo a pluralidade constitutiva de cada sujeito.

## SEGUNDO TEMPO

### 4 ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA DO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Neste capítulo, desenvolveremos as esferas da proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo a partir do aprofundamento das esferas da economia, política e sociedade, que integram a cultura vivida, buscando evidenciar suas relações e tensões com as tipificações construídas pelo telejornalismo esportivo. A partir da análise textual, identificaremos os tipos construídos na série através da análise de três histórias de vida dos jogadores, seus modos de representação e seus possíveis impactos sociais.

#### 4.1 Economia

O mercado do futebol movimenta anualmente grandes somas de recursos e influencia diversos setores da economia, contribuindo fortemente para a produção nacional e geração de renda e emprego para muitos brasileiros. Contudo, diante dos casos de corrupção envolvendo a FIFA e federações nacionais, dentre elas a CBF, a situação financeira dos clubes brasileiros tornou-se alarmante. Segundo dados divulgados pelo site Bom Senso F.C.<sup>19</sup>, o endividamento dos times de futebol aumentou em 98% nos últimos cinco anos, sendo que só ao governo estima-se que a dívida chegue a 3,7 bilhões.

Para agravar ainda mais esse cenário, o Brasil aumentou em 600% o número de transferências de atletas ao exterior nos últimos 10 anos, atraídos pelos salários mais altos e pelas melhores condições de trabalho. Alguns clubes, diante da crise econômica, deixaram de pagar até mesmo os direitos de uso de imagem a jogadores em processo de transferência. Como exemplo, podemos citar o caso do lateral-direito Bruno Peres<sup>20</sup>, hoje no Torino (Itália), que acionou o Santos na Justiça em 2015 por conta de um calote de seis meses em seus direitos de imagem na época em que defendia o clube. Após sua venda ao clube italiano, em junho de 2014, o atleta entrou em acordo com o clube para receber os atrasados, mas ainda não conseguiu embolsar todo o valor devido.

Nascimento (2010) aponta a necessidade de os times brasileiros se adaptarem aos novos tempos, utilizando um modelo de gestão mais eficiente. Segundo ele, os clubes foram criados como entidades sem fins lucrativos, cujo objetivo era a disputa de

---

<sup>19</sup> Link para o site: [www.bomsensofc.org.br](http://www.bomsensofc.org.br). Acessado em 17/04/2016.

<sup>20</sup> Informações obtidas no site [http://espn.uol.com.br/noticia/511390\\_calotes-em-direitos-de-imagem-de-jogadores-rendem-novo-processo-ao-santos](http://espn.uol.com.br/noticia/511390_calotes-em-direitos-de-imagem-de-jogadores-rendem-novo-processo-ao-santos). Acessado em 17/04/2016.

campeonatos. Com a perda de jogadores de qualidade para times estrangeiros, os clubes estão se defrontando com um mundo novo, no qual, para alcançarem bom desempenho esportivo e se tornarem competitivos e atraentes, precisam de instrumentos de gestão utilizados em empresas, cujos objetivos são totalmente diferentes dos de um clube de futebol. Aidar (2010) defende que é preciso dispensar ao torcedor um tratamento de cliente a fim de atraí-lo aos estádios e fazê-lo consumir nesses espaços. Para isso, é preciso ter recursos e saber aplicá-los de forma mais adequada e planejada, desenvolvendo projetos de estádios que incluam condições ideais de conforto, segurança, ambiente para refeições e estacionamento, além de transformá-los em complexos culturais, esportivos e de lazer, para que não se transformem em elefantes brancos no futuro.

Aidar (2010) explica que, no caso dos clubes europeus, a revolução na gestão aconteceu após a tragédia de Hillsborough, em 1989, quando 96 torcedores do Liverpool morreram esmagados contra as grades das arquibancadas do estádio. Após esse episódio, um relatório do parlamento britânico, chamado de Taylor Report, obrigou, com o apoio público, que os estádios ingleses passassem por uma enorme transformação. Junto a este evento, surgia a TV a cabo; e a combinação entre a televisão e a reforma dos estádios fez com que a Inglaterra aumentasse exponencialmente a receita com o futebol, processo que logo se expandiu pela Europa. No Brasil, entretanto, o processo se deu de outra forma. Avaliando o somatório da receita dos 21 maiores clubes brasileiros, observa-se que é menor que o somatório da receita dos dois clubes europeus com maior faturamento, o Real Madrid e o Manchester United (AIDAR, 2010).

De acordo com dados da empresa de consultoria e auditoria Crowe Horwarth RCS<sup>21</sup>, a receita dos doze maiores clubes do Brasil teve, no período de 2003-2008, uma evolução de 128%. Em 2003, os doze clubes analisados geraram R\$ 509,4 milhões em receitas totais. Em 2008, esse valor subiu para R\$ 1,16 bilhão. Apesar disso, a arrecadação dos clubes brasileiros tem muito ainda a crescer, principalmente no que tange ao licenciamento de suas marcas, venda de ingressos, refeições e serviços nos estádios (SILVA, 2010). Os três maiores investidores em folha de pagamento de jogadores do Brasil em 2008 foram o Internacional, com € 13.2 milhões, Palmeiras, com € 11.6 milhões, e São Paulo, com € 9.5 milhões. Para Silva (2010), esses números,

---

<sup>21</sup> Dados obtidos através do site <http://crowehorwathbrasil.com.br/>. Acessado em 18/04/2016.

apesar de vultosos, ainda são baixos se confrontados com os de alguns clubes europeus. O FC do Porto gastou com a sua folha no mesmo período € 36.2 milhões; o Olympique de Lyon, € 60.6 milhões; e o Arsenal FC ficou na faixa acima dos € 90 milhões. Com tal diferença de valores, fica difícil manter os melhores profissionais no país, situação que empobrece a qualidade do esporte de alto rendimento e diminui a arrecadação.

Nos últimos oito anos, a soma dos patrocínios no futebol brasileiro cresceu 274%. Nos clubes, isso fez com que a receita obtida com os patrocinadores saltasse de 9% para 17% no orçamento das agremiações. A análise da Crowe Horwarth RCS identifica ainda a diferença criada entre os clubes mais ricos e os mais pobres no país. Em 2010, os dez times com as maiores somas arrecadadas com patrocínio concentravam 74% do valor entre os clubes. Em 2009, essa porcentagem era de apenas 65%. Tal diferença se deu graças ao aumento significativo ocorrido em alguns times, como é o caso do Palmeiras com a Fiat e o Atlético Mineiro com a BMG. Existem outros fatores que precisam ser explorados de forma mais eficiente pelos clubes brasileiros, dentre eles a consolidação da marca para fornecimento de material esportivo. Enquanto na Europa clubes como o Real Madrid negociam com cifras que passam dos R\$ 40 milhões de euros por temporada com suas empresas parceiras, no Brasil, a maioria dos clubes de Série A recebem em média R\$ 5 milhões em patrocínio.

A ruína financeira dos clubes brasileiros contrasta também com a fortuna acumulada pela FIFA no final da Copa do Mundo de 2014. A pior crise moral da história da entidade coincidia com seu momento de maior expansão financeira. A FIFA declarou no Congresso uma receita recorde de US\$ 5,7 bilhões, graças ao sucesso comercial da Copa no Brasil. No mesmo período, o FBI, unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, juntamente com a polícia suíça, desmontou um esquema de corrupção suspeito de ter desviado pelo menos US\$ 150 milhões em 24 anos. Dentre os primeiros afetados pelo escândalo estavam os patrocinadores da FIFA, que consideraram se afastar dos dirigentes para que suas marcas não fossem afetadas. Essas empresas são símbolos do capitalismo e do *american way of life*, como Coca-Cola e Visa. Os cinco grandes parceiros mundiais da FIFA incluem a coreana Hyundai, a empresa russa de energia Gazprom e a alemã Adidas, além dos dois americanos (CHADE, 2015).

Através de um processo de privatização do futebol, a FIFA passou a ter um controle absoluto sobre a venda de direitos de imagens de suas competições, em especial a Copa do Mundo. Para exibir jogos de futebol, as emissoras de TV teriam de

pagar quantias milionárias à entidade. A mesma exigência era feita a quem quisesse ter a sua marca vinculada ao futebol e ao Mundial. Possivelmente, não haveria maiores problemas em tais negociações se funcionassem como um imposto pago para desenvolver o esporte pelo mundo, gerando novas possibilidades de desenvolvimento social. No entanto, parcelas milionárias foram desviadas para as contas de dirigentes, como comprovam as investigações do FBI.

A Copa da Itália de 1990, por exemplo, gerou uma renda de US\$ 95 milhões apenas com a venda de direitos para as emissoras. Em 2014, já superava a marca de US\$ 2,5 bilhões. Nos Estados Unidos, as redes de televisão ABC e a ESPN se uniram para pagar US\$ 100 milhões extras a fim de exibir as Copas do Mundo de 2010 e 2014, mesmo que na época nem soubessem onde os eventos iriam acontecer. Até mesmo a bola do Mundial é alvo do interesse dos patrocinadores. Quando o evento foi disputado no país-sede da Adidas, a Alemanha, a empresa foi autorizada pela FIFA a colocar seu logotipo na bola. Atualmente, para mostrar que é a fornecedora das bolas oficiais da Copa, a multinacional concordou em depositar anualmente US\$800 milhões na conta da entidade. Parceira da FIFA desde 1970, a marca renovou seu contrato até 2030 com a entidade, na expectativa de alcançar um faturamento de cerca de € 2 bilhões em vendas<sup>22</sup>.

Chade (2015) revela que a FIFA criou uma verdadeira patrulha durante os Mundiais para vistoriar as áreas próximas aos estádios e garantir que só fossem exibidas as marcas de seus patrocinadores. Durante a Copa do Mundo de 2006, as vendas das tradicionais cervejas e salsichas alemãs foram proibidas nas imediações dos estádios, já que o McDonald's tinha obtido a exclusividade de servir lanches nos arredores dos jogos (CHADE, 2015). Dessa forma, é interessante questionar até que ponto o Mundial fomenta o desenvolvimento econômico do país-sede e proporciona trocas culturais entre diferentes grupos sociais por meio da participação em um evento esportivo.

Fica claro o fato de que, se as empresas de telecomunicações aceitam pagar propina à entidade, isso significa que o retorno financeiro com os jogos da Copa do Mundo é alto o suficiente para tornar essa prática justificável. A falta de concorrência nos bastidores do futebol, monopolizado pelas mesmas multinacionais, que têm condições de pagar os valores exigidos pelos dirigentes, contrasta com o próprio caráter competitivo do esporte, que coloca dois times em campo com as mesmas condições

---

<sup>22</sup> Informações obtidas através do site <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/fifa-renova-ate-2030-com-adidas-sua-parceira-desde-1970>. Acessado em 19/04/2016.

para ganhar ou perder. A Justiça americana mostrou que o dinheiro que deveria ir para o futebol nacional estava sendo redirecionado para esses dirigentes. A crise em diversas seleções, incluindo a brasileira, é reflexo da corrupção, que se tornou sistêmica em várias áreas do país, e da privatização do esporte por um grupo cujas prioridades eram particulares. Um exemplo dessa realidade foi o acordo fechado pela CBF com a Nike, que previa um pagamento de US\$15 milhões em propina ao ex-presidente da entidade Ricardo Teixeira. O contrato avaliado em US\$ 160 milhões foi considerado o maior acordo de marketing da história do futebol em 1996<sup>23</sup>.

Até mesmo a escalação das seleções começou a ser atrelada a interesses econômicos. Os contratos dos patrocinadores deixavam claro que o jogador que substituísse um titular precisava ter o mesmo valor de marketing do atleta cortado. Chade (2015) afirma que, nesses acordos, ficava a cargo da CBF garantir que os jogadores que estivessem jogando nas competições oficiais participassem em toda e qualquer partida. Caso essa cláusula não fosse cumprida, apenas 50% do patrocínio era depositado. Obedecendo ao acordo, a CBF receberia, por jogo, US\$1,05 milhão. Os locais dos jogos e os adversários do time brasileiro também seriam determinados pela empresa patrocinadora e não de forma independente pelo treinador e sua comissão técnica, deixando visível que o futebol passava a ser uma indústria que colocou os aspectos esportivos em segundo plano. Assim, a paixão do torcedor passou a ser mercantilizada, já que a cada jogo assistido pela televisão, a cada ingresso adquirido e a cada produto comprado, o torcedor transferia parte de sua renda aos cofres dessas entidades.

A própria escolha das sedes das competições da Copa do Mundo envolve o pagamento de propina. Dentre as denúncias, consta que os dirigentes da entidade Chuck Blazer e Jack Warner receberam US\$ 10 milhões para votar na África do Sul como sede do Mundial em 2010. Os documentos também apontam que Warner aceitou vender seu voto para Mohamed Bin Hammam, antigo presidente da Confederação Asiática de Futebol – AFC, nas eleições para a presidência da FIFA em 2011, além de distribuir envelopes com US\$ 40 mil para dirigentes da América Central a fim de garantir seus votos. Acusado de suborno, o dirigente do Catar foi suspenso e deixou a disputa antes

---

<sup>23</sup> Informações obtidas através do site <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/05/contrato-cbf-nike-rendeu-us-15-milhoes-em-propina-teixeira.html>. Acessado em 18/04/2016.

da realização. Em 23 de julho de 2011, a comissão de ética da FIFA banuiu Mohamed Bin Hammam como membro executivo da FIFA e presidente da AFC<sup>24</sup>.

O Catar, eleito como país-sede da Copa de 2022, escolheu o futebol para comprar seu lugar no mundo, garantir-se politicamente e projetar-se no cenário mundial. Um país sem exército, sem tradição no futebol, com uma das maiores reservas de petróleo do planeta e em meio ao deserto planeja gastar US\$ 88 bilhões em uma única Copa. Para as autoridades, apropriar-se do futebol é uma maneira de garantir a sobrevivência do país em uma das regiões mais instáveis do mundo, com vizinhos como Arábia Saudita e Israel.

Com a eleição do Catar, Blatter ignorou a realidade geográfica e o calor do deserto no país e permitiu que o calendário do Mundial fosse alterado pela primeira vez desde 1930: as partidas serão realizadas no mês de novembro, afetando todo o calendário internacional. O emir<sup>25</sup> prometeu construir estádios com ar-condicionado para amenizar o calor desértico, o que poderia colocar em risco a saúde dos jogadores. A escolha do país também mobilizou a opinião pública por se tratar de um regime absolutista e hereditário comandado pela Casa de Thani desde meados do século XIX. Por ser um país muçulmano, muitos patrocinadores do Mundial terão dificuldades em comercializar seus produtos no Catar, como é o caso da marca de cerveja Budweiser. É possível perceber que enquanto em sociedades com sistemas democráticos mais consolidados há um processo transparente e estratégias de consulta à população antes da realização de megaeventos esportivos, países com regimes autoritários ou com sistemas democráticos recentes não economizam recursos públicos para mostrar ao mundo suas potencialidades, sem sequer se preocuparem em consultar a população e estabelecer um planejamento dos gastos públicos. Possivelmente, isso se dê em razão do ocultamento e até silenciamento das formas de opressão desses governos, transmitindo ao mundo uma imagem não condizente com a da realidade nacional.

A FIFA, uma entidade cuja principal função deveria ser a preservação do futebol, integra um esquema de venda dos próprios resultados das partidas. Gravações divulgadas pelo FBI entre Grondona, presidente da Comissão de Finanças da entidade, e árbitros revelam arranjos para garantir resultados para seus aliados. A venda de entradas para a Copa do Mundo também fazia parte de um esquema ilegal: o mercado paralelo de

---

<sup>24</sup> Informações obtidas no site <http://esporte.ig.com.br/futebol/2016-03-16/fifa-admite-pela-1-vez-que-votos-para-escolha-de-sedes-da-copa-foram-comprados.html>. Acessado em 22/04/2016.

<sup>25</sup> Nome atribuído aos chefes de Estados muçulmanos, como o Catar.

ingressos não era organizado por criminosos nas ruas, mas em escritórios luxuosos na sede da própria FIFA, em Zurique. “Ingressos para os três primeiros jogos da Alemanha na Copa, com valor de tabela de US\$190, eram vendidos por US\$570, com total conhecimento de Valcke” (CHADE, 2015, p. 173). Esse superfaturamento dos ingressos para a Copa do Mundo de 2014 tinha a anuência do então secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, o que implicou a sua demissão da entidade em janeiro de 2016. Em dezembro de 2015, os dois principais nomes da FIFA, Joseph Blatter, ex-presidente da entidade, e Michel Platini, ex-presidente da Uefa, foram banidos de todas as atividades relacionadas ao futebol por oito anos devido ao envolvimento em uma transação ilegal de R\$8 milhões.

Sobre os gastos com a Copa do Mundo de 2014, os estádios para o Mundial custaram mais de três vezes o valor que a CBF informou à FIFA quando apresentou o projeto de candidatura do país. A Copa de 2014 se transformou na mais cara da história, com um gasto de R\$ 8,9 bilhões apenas em estádios. Além disso, tais gastos foram subsidiados por diferentes governos, o que significa que quem pagou a conta foram os próprios cidadãos. Em comparação com a Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha, com exceção do programa cultural e artístico, todo o evento foi realizado sem que um único centavo dos fundos públicos fosse gasto, e a cobertura do risco financeiro coube à Confederação Alemã de Futebol - DFB. O resultado fiscal das rendas do COL foi excelente, já que obteve um lucro financeiro de 155 milhões de euros, sendo que uma quantia de aproximadamente € 60 milhões de impostos foi paga ao Estado (BECKENBAUER, 2010).

A situação dos estádios brasileiros, após a realização da Copa de 2014, é caótica: dois terços das doze arenas do Mundial completaram o primeiro ano com prejuízos, em um total de R\$120 milhões, e sem perspectivas de recuperar o dinheiro investido (CHADE, 2015). Ainda houve a suspeita de que agentes públicos foram subornados para favorecer construtoras, como a Odebrecht, a Andrade Gutierrez e a OAS. Em junho de 2015, o presidente Marcelo Odebrecht foi detido, acusado de envolvimento no pagamento de propina em diversos projetos. Além disso, muitas promessas jamais saíram do papel e, mesmo entre os planos previstos, nem todos foram entregues, embora o Brasil tenha tido mais de sete anos para se preparar para a Copa. Beckenbauer (2010) afirma que, na Alemanha, com exceção da Arena de Gelsenkirchen, cuja construção já tinha sido concluída em 2001, todos os outros empreendimentos ficaram prontos em 2004 e 2005, portanto toda a infraestrutura estava praticamente completa para a Copa do

Mundo de 2006 um ano antes do evento, o que evidencia estratégias de planejamento sólidas e o compromisso com os resultados por parte da comissão alemã.

A crise na FIFA revelou, assim, uma série de irregularidades, mostrando ao mundo como de fato o esporte estava sendo administrado: jogos, sedes e votos comprados através de esquemas de suborno que enfraqueceram a credibilidade do futebol. A realidade era que o caos que começou em maio de 2015 deixava a FIFA, cinco meses depois, sem presidente, sem vice-presidente, sem secretário-geral, com a revolta dos patrocinadores e com um sentimento mundial de que teria de passar por uma reforma profunda (CHADE, 2015).

Durante a Copa, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram obrigadas a decretar feriados em dias de jogos para garantir que os torcedores chegassem aos estádios, fazendo com que mais de sete milhões de veículos deixassem de circular. Segundo o IBGE, os dias de folga e as jornadas de trabalho reduzidas durante a Copa foram traduzidos em uma contração de 1,4% na economia. O PIB do país cresceu apenas 0,1%, taxa inferior à de países europeus e dos Estados Unidos, registrando uma estagnação da economia justamente no ano em que o megaevento esportivo havia acontecido. A “Copa das Copas” parece ter sido uma vitória somente para a FIFA, já que o retorno financeiro e social ao Brasil, o tão discutido legado do Mundial, não se concretizou. Desse modo, o país perdeu a oportunidade de passar por uma transformação diante dos olhos do mundo todo.

Um movimento de países, liderado por Suíça, Áustria, Alemanha e Suécia, pediu que o COI e a FIFA modificassem seu critério de escolha das sedes para não premiar apenas aqueles países que mais gastam, mas os que mais podem fazer a diferença com um evento socialmente responsável, sustentável e dentro de um equilíbrio orçamentário. Depois da experiência no Brasil e dos elefantes brancos espalhados pelo país, a FIFA reconheceu internamente que parte de sua imagem negativa resultava dos gastos excessivos e do desperdício. Assim, o maior legado da Copa do Mundo de 2014 foi construído pela própria sociedade com as festas espontâneas e com o acolhimento dos turistas. Foi ela também que descobriu que pode questionar políticos e dirigentes, usando o futebol como um instrumento político. O próprio discurso das empresas patrocinadoras também mudou, passando a exigir que os megaeventos esportivos tivessem um claro lado social e sustentável.

A ótica da análise econômica tende a ser omitida nas pesquisas sobre o futebol e nas reportagens veiculadas pelo telejornalismo esportivo. Possivelmente, devido a uma

subestimação dos esportes, historicamente estruturados de forma semiformal, como atividade produtiva, o futebol não é alvo de estudos econômicos sistemáticos, embasados e recorrentes. Tal omissão perpetua uma lacuna na compreensão do sistema de atividades que compõem a economia brasileira. Trata-se de uma lacuna expressiva, uma vez que o futebol desponta como um setor que movimenta grandes somas de recursos, tem impactos sobre a balança comercial dos estados e do país e gera renda e emprego para um número significativo de brasileiros. É fundamental apontar tais silenciamentos no discurso telejornalístico, uma vez que, a partir dessas representações, ele cria uma realidade homogênea para o esporte, a qual ganhará visibilidade pública e *status* de verdade.

#### **4.2 Política**

A relação do futebol com a política, embora raramente retratada nos principais meios de comunicação do país, pode ser comprovada através de diversos casos. O primeiro deles é a quantidade de esportistas e dirigentes que se candidatam para cargos políticos, aproveitando-se do reconhecimento no esporte para conquistarem votos e se elegerem, integrando a chamada “bancada da bola”<sup>26</sup> na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. É como se o bom desempenho na carreira esportiva significasse necessariamente capacidade para atuar na área política. Por outro lado, alguns esportistas, ao ingressarem na política, passam a defender os interesses do esporte, buscando mais investimento e elaborando projetos sociais como forma de tirar milhares de crianças de situações de vulnerabilidade. Os casos mais conhecidos são do ex-goleiro Danrlei, eleito deputado federal em 2015; do ex-jogador Tarciso Flecha Negra, eleito vereador de Porto Alegre em 2008; do ex-presidente do Grêmio, Paulo Odone, eleito deputado estadual em 1992; do ex-jogador Romário, eleito, em 2014, senador da República pelo Rio de Janeiro com 4,6 milhões de votos, maior votação já alcançada por um candidato para o cargo nesse estado, entre outros.

Em 14 de julho de 2015, foi instalada a CPI do Futebol no Senado Federal, presidida por Romário, para investigar a CBF e o Comitê Organizador Local da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 - COL, no prazo de 180 dias. Em entrevista concedida ao Globo Esporte, no dia 19 de novembro de 2015, Romário explicou a necessidade de

---

<sup>26</sup> No Brasil, há certas bancadas de parlamentares no Congresso Nacional conhecidas popularmente pelos interesses que defendem, como é o caso da bancada da bola, da bancada evangélica e da bancada ruralista, as quais defendem, respectivamente, interesses associados ao futebol, à igreja evangélica e aos grandes produtores rurais.

prorrogação da CPI até o dia 16 de agosto de 2016: “a prorrogação por mais seis meses dos trabalhos da comissão foi provocada pelas provas obtidas até o momento contra os presidentes que comandam a CBF por mais de dez anos e os requerimentos aprovados para quebra de sigilo dos cartolas”, o que demonstra um esforço da comissão em punir os responsáveis e livrar o esporte de uma imagem negativa associada ao crime.

Outro exemplo na política foi a elaboração do projeto PLS 515/2015<sup>27</sup> pelos senadores Romário (PSB-RJ), Fátima Bezerra (PT-RN) e Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), o qual foi sancionado pelo governo federal no dia 15 de abril de 2016, com a criação da Lei nº 13.272, a qual institui o ano de 2016 como o Ano do Empoderamento da Mulher na Política e no Esporte<sup>28</sup>. Na justificativa do projeto, os senadores se referem aos 120 anos da primeira partida de futebol feminino no mundo, em 23 de março de 1895, na Inglaterra, liderada pela ativista feminista "Miss Nettie Honeyball", a qual clamava para que os sexos se posicionassem ao lado da emancipação. O objetivo da lei é promover e mobilizar as instituições brasileiras em favor da igualdade de gênero nas políticas públicas através de parceria com instituições de relevância estadual e internacional para realizar em todas as cidades do país um real mapeamento do empoderamento da mulher, visando ao diagnóstico e ao estímulo de medidas de igualdade de gênero. Os senadores afirmam ainda que a lei será importante, sobretudo em 2016, por conta da realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, megaeventos que atrairão a atenção do mundo todo para o Brasil.

No entanto, em fevereiro de 2016, um caso envolvendo o ex-jogador do Grêmio Jardel, eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul em 2014, mostra que o sucesso no esporte não é necessariamente sinônimo de credibilidade na vida política: durante mais de dois meses, a operação batizada de “Gol Contra”, comandada pelo Ministério Público, investigou Jardel e apurou indícios de crimes como concussão, peculato, falsidade documental, lavagem de dinheiro e organização criminosa. Além disso, o ex-jogador também é investigado por um possível financiamento ao tráfico de drogas. Para isso, como aporte financeiro, há suspeita de utilização de dinheiro público desviado do parlamento.

---

<sup>27</sup> Projeto disponível no link:

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/1f2e60aaf85e31c883257258006d1cef/2d4822ca486ff56c83257e970059deda?OpenDocument>. Acessado em 18/04/2016.

<sup>28</sup> No Brasil, mais da metade dos eleitores são mulheres. No entanto, elas ocupam menos de 10% das vagas no Congresso Nacional. Dados obtidos no site <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/temas-antiores-desativados-sem-texto-da-consultoria/mulheresnoparlamento/bancada-feminina>. Acessado em 25/07/2016.

Outra medida que demonstra a relação estreita entre política e esporte é a criação da Lei nº 10.671 de 2003, popularmente conhecida como Estatuto do Torcedor, dedicada a uma normatização mais racional das atividades desportivas no Brasil, com especial foco para o futebol. Um pouco anterior, buscando tratar de praticamente os mesmos assuntos, está a Lei nº 9.615 de 1998, mais conhecida como Lei Pelé, que institui normas gerais para o desporto. Criada com o intuito de dar mais transparência e profissionalismo ao esporte nacional, a Lei Pelé extinguiu o fim do passe nos clubes de futebol do Brasil, instituiu o direito do consumidor nos esportes, disciplinou a prestação de contas por dirigentes de clubes e a criação de ligas, federações e associações de vários esportes. Também determinou a profissionalização, com a obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresas. Criou verbas para o esporte olímpico e paraolímpico, definiu os órgãos responsáveis pela fiscalização do seu cumprimento e determinou a independência dos Tribunais de Justiça Desportiva.

No Estatuto do Torcedor, temos uma espécie de prolongamento do Código de Defesa do Consumidor na área das práticas desportivas, na realização das partidas e de todo o procedimento e logística que tais eventos necessitam. Tal lei procurou atingir toda modalidade de esporte que tenha acesso garantido ao público torcedor, mas, na prática, isso significa abordar o assunto do ponto de vista da prática do futebol e de seu respectivo público. As principais questões abordadas são: a acessibilidade às informações indispensáveis para o acesso aos jogos; disponibilidade dos ingressos às partidas, não omitindo a abordagem da questão da meia-entrada; segurança necessária nos estádios; higiene a ser mantida em todas as dependências dos estádios; comercialização de gêneros alimentícios nos estádios; assistência médica para todos os presentes no evento esportivo em curso; a criação da figura do ouvidor pelo mesmo estatuto, incumbido de receber reclamações e sugestões por parte dos torcedores, dirigidas aos organizadores dos eventos; ampla informação e orientação acerca de cada ponto do estádio, além de pontos de atendimento aos torcedores para esclarecimento de qualquer informação de cunho mais trivial.

Tal lei inovou ainda por trazer amplos dispositivos tratando da segurança nos estádios, no maior fomento às divisões inferiores e de base de todos os esportes de público, tornando-os mais competitivos, de melhor qualidade e capazes também de atrair um público espectador. Notável também a iniciativa contida na lei de garantir o cumprimento do princípio da publicidade aos Tribunais de Justiça Desportivas, órgãos que, por determinações de entidades como a FIFA, acabam por ter um certo

distanciamento das demais instâncias da justiça no país, embora exerçam as funções inerentes ao poder judiciário no âmbito desportivo.

Essa autoridade da FIFA, que se sobrepõe, durante a realização de megaeventos esportivos, até mesmo a legislações nacionais, faz com que ela tenha uma série de prerrogativas, como a isenção do pagamento de impostos durante a Copa do Mundo, critérios mais flexíveis para licitações públicas, autorização de venda de bebida alcoólica nos estádios, proibição da venda de meia-entrada aos torcedores, flexibilização de emissão e concessão de vistos, entre outros. Assim, a Copa, que inicialmente seria um evento privado no Brasil, passou não apenas a usar dinheiro público, mas também aboliu e alterou leis para garantir o controle sobre os gastos do Estado. Em outras palavras, a soberania nacional é deslegitimada em nome de um poder temporário exercido por um regime ditatorial chamado FIFA. Corrobora dizer, que antes de um país sediar uma Copa do Mundo, ele precisa assinar um documento, que, no caso do Brasil, ficou conhecido como Lei Geral da Copa, aprovada em 2012 pelo Congresso Nacional.

Pelo novo regulamento<sup>29</sup>, ao Brasil caberia toda a responsabilidade sobre os funcionários da FIFA, parceiros comerciais e seleções; à FIFA caberia todo o lucro, em contratos totalmente seguros. O texto permitiu que o período de férias escolares em 2014 fosse modificado para que não houvesse aulas durante a Copa do Mundo. A lei previu que estados e municípios também poderiam declarar feriados nos dias de jogos em seus territórios. Além disso, a União assumiu a responsabilidade civil de danos resultantes em razão de incidente ou acidente de segurança relacionados ao evento, disponibilizando à FIFA segurança, serviços médicos e serviços de imigração. A Lei Geral da Copa destinou também uma premiação de R\$ 100 mil a atletas vencedores das Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970 que estivessem em difícil situação financeira. Ainda autorizou o uso de aeroportos militares para embarque e desembarque de passageiros e cargas durante o evento.

O país-sede precisa aceitar até mesmo novos crimes em sua lei penal durante a realização do Mundial. No Brasil, passou a ser crime a reprodução ou falsificação dos símbolos e de mais de 230 nomes registrados pela FIFA na divulgação de produtos relacionados à Copa. As leis criadas por ocasião da Copa só perderam a validade no país no dia 31 de dezembro de 2014, cinco meses após o término do evento. A pena

---

<sup>29</sup> Informações obtidas através do site <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/lei-geral-da-copa>. Acessado em 17/04/2016.

estabelecida foi de três meses a um ano de detenção mais o pagamento de multa à entidade. Até mesmo o governo brasileiro teve que pagar em torno de R\$ 20 milhões para ter seu nome associado ao evento que ele mesmo sediou, ou seja, recebeu o mesmo tratamento que qualquer outra empresa patrocinadora. A lei impedia inclusive atletas que não usavam os produtos oficiais de levarem nas roupas os nomes das empresas que os apoiavam. Já atletas com contratos com as mesmas empresas que patrocinavam os jogos podiam exhibir livremente suas marcas. A FIFA definiu áreas de restrição comercial em até dois quilômetros em volta dos estádios, proibindo o comércio de fazer publicidade de concorrentes de patrocinadores no entorno dos estádios. Dessa forma, é nítido o interesse da FIFA em regular o modo de vida para ter o controle sobre as práticas sociais, destituindo inclusive o governo de seu papel como promotor da cidadania cultural.

Diante de tantos pontos que provocariam a alteração da legislação brasileira, o processo de aprovação da Lei Geral da Copa não se deu de forma pacífica no Congresso Nacional<sup>30</sup>. Com a recusa da maioria dos partidos da base aliada em votar a nova lei na Câmara, o governo teve que adiar a votação marcada para março de 2012, o que levou à publicação da lei apenas no início de junho. Lideranças do PMDB, que representavam a segunda maior bancada da Câmara e faziam parte da base aliada do governo, e demais partidos de oposição, se negaram a votar a Lei Geral da Copa enquanto não fossem determinadas as datas para a votação do Código Florestal, que tramitava no Congresso desde 2011. A urgência de aprovação da nova lei contrasta ainda com o ritmo com que os projetos são avaliados no país habitualmente, demonstrando a pressão da FIFA sobre o país-sede para que as medidas fossem sancionadas, evidenciando a prevalência da entidade sobre o Estado brasileiro, em total desrespeito à soberania nacional. Leis de relevância social para o país, como o Código Florestal, deixaram de ser discutidas e tiveram que aguardar por uma nova data para serem votadas, já que o Congresso foi pressionado a atender os interesses da FIFA em primeiro lugar.

Houve manifestação contrária ainda da Frente Parlamentar Evangélica que se posicionou de forma contrária à liberação da venda de bebidas alcoólicas nos estádios, durante os jogos da Copa. A Procuradoria Geral da República, por sua vez, recorreu ao Supremo Tribunal Federal para questionar alguns pontos na legislação em votação, como os que responsabilizavam a União por prejuízos causados por terceiros e por

---

<sup>30</sup> Informações disponíveis no site: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/03/base-aliada-se-recusa-votar-e-analise-da-lei-da-copa-e-adiada.html>. Acessado em 18/04/2016.

fenômenos da natureza; que concediam premiação em dinheiro e auxílio mensal aos jogadores das seleções brasileiras campeãs das Copas de 1958, 1962 e 1970 em difícil situação financeira; e que isentavam a FIFA e suas subsidiárias do pagamento de custos e outras despesas judiciais. Por dez votos a um, o Plenário do STF julgou improcedente a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4976, de autoria da Procuradoria Geral da República.

Manifestações populares<sup>31</sup> em frente ao Congresso também marcaram a votação da nova lei, alegando submissão política e impossibilidade de o governo federal assumir acordos internacionais à revelia do Poder Legislativo e em oposição à Constituição Federal. Além disso, criticavam violações e ilegalidades que já ocorriam em função da realização dos jogos, tais como, falta de informações, remoção e despejos arbitrários de comunidades pobres, repressão sobre trabalhadores informais e população em situação de rua, exploração sexual de mulheres e crianças, endividamento público acima do autorizado pela Lei de Responsabilidade Fiscal, falta de transparência, precarização do trabalho, segregação sócio-espacial, entre outros. Como poder público, o Congresso Nacional tinha o dever de abrir um amplo debate para que a vontade do povo brasileiro prevalecesse sobre os interesses econômicos das entidades organizadoras, consultando a população sobre o destino dos recursos públicos através de um processo transparente e democrático, o que não ocorreu, adicionando ao legado práticas antidemocráticas na condução de processos públicos.

No total, o Brasil deixou de arrecadar mais de R\$ 1,1 bilhão em impostos durante a realização do Mundial. Na Copa de 2014 e na Copa das Confederações de 2013, a FIFA acumulou não apenas os contratos de televisão e de marketing, mas também somou US\$ 527 milhões de bilheteria. É preciso questionar que tipo de benefícios um evento como a Copa do Mundo, promovido com dinheiro público para gerar lucros privados a uma entidade que se diz sem fins lucrativos, traz efetivamente à sociedade. A economia brasileira, abalada após a Copa do Mundo, foi beneficiada com uma renda irrisória de 2% do total acumulado pela FIFA durante o evento, revelando uma nítida equação entre lucros privados e prejuízos públicos. A FIFA precisa passar por uma reforma moral e ética profunda a fim de conciliar o que diz serem seus objetivos e o que concretamente pratica, já que, se a entidade não tem fins lucrativos e tem como missão desenvolver o futebol ao redor do mundo, melhorando os índices de

---

<sup>31</sup> Informações obtidas através do site: <https://comitepopulario.wordpress.com/2011/12/06/lei-geral-da-copa-o-povo-brasileiro-diz-nao/>. Acessado em 18/04/2016.

educação, saúde e sustentabilidade e beneficiando a qualidade de vida das populações, suas ações precisam refletir tais finalidades. Se os dirigentes continuarem mantendo o discurso na esfera simbólica e praticando as mesmas ações que visem apenas ao enriquecimento privado, perderá sua credibilidade e sua razão de ser na sociedade.

Diversos jogadores, preocupados com o atual cenário do futebol brasileiro, decidiram tomar uma iniciativa para tornar o esporte mais transparente e ético: em 30 de setembro de 2013, fundaram o Bom Senso F.C. Com manifestações em campo, o movimento foi capaz de mobilizar a opinião pública em torno das principais bandeiras para o início de uma profunda reforma no esporte. Sua missão é promover o desenvolvimento do futebol brasileiro como indústria relevante na economia a fim de gerar oportunidades, modernizando e resgatando a autoridade do futebol-arte brasileiro internacionalmente. A primeira vitória do grupo foi a garantia de 30 dias de férias a jogadores de futebol e o período para pré-temporada. Entre as propostas defendidas, estão o *Fair Play* Financeiro, um sistema de controle das finanças, que obriga os clubes a gastarem apenas o que arrecadam, e o lançamento de uma candidatura própria para concorrer nas próximas eleições da CBF.

Outra iniciativa com vistas a aumentar a autonomia dos clubes no cenário nacional foi a criação da Primeira Liga<sup>32</sup>, união independente criada para a organização da Copa Sul-Minas-Rio. Motivada pelo descontentamento dos principais clubes do país com a autoridade excessiva da CBF e com a falta de rentabilidade dos campeonatos estaduais. A entidade é formada por cinco clubes catarinenses, três clubes mineiros, três paranaenses, dois gaúchos e dois cariocas. A competição, prevista para os dias 27 de janeiro a 31 de março de 2016, inicialmente aprovada pela confederação nacional como um torneio amistoso, poderia ter jogos disputados somente até 30 de janeiro, quando acabaria a pré-temporada. Depois desta data, a Primeira Liga seria considerada ilegal pela CBF, com seus participantes sujeitos a penas, como multas, suspensão e desfiliação. A Confederação divulgou em nota oficial, na véspera do início da competição, que apoiaria a realização do torneio somente a partir de 2017. A direção da Primeira Liga garantiu a realização das cinco rodadas da competição e a continuidade das preparações de forma independente.

---

<sup>32</sup> Informações obtidas no site

[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/27/deportes/1453854458\\_048219.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/27/deportes/1453854458_048219.html). Acessado em 25/07/2016.

Com base nos artigos 16 e 20 da Lei Pelé, a Primeira Liga mantém uma posição jurídica e desportiva de independência das federações e da CBF, visto que a lei prevê a criação de ligas e não exige a busca prévia de autorização para a realização de jogos amistosos no país. Os clubes cariocas Flamengo e Fluminense foram ameaçados de punição pela Federação Carioca, a qual deliberou que, se os dois times participassem da Primeira Liga, seriam multados com o valor da cota que receberiam pelo Campeonato Estadual. Além disso, suas equipes de base seriam proibidas de disputar competições. Assim, a CBF procura manter o controle político e financeiro sobre os campeonatos realizados no país, impossibilitando o diálogo com os clubes e a democratização do esporte.

No entanto, no dia 28 de fevereiro de 2016, diante da pressão dos clubes e da popularidade do campeonato, a CBF voltou atrás da decisão de vetar a competição e autorizou a realização da Primeira Liga em caráter amistoso durante o ano. A entidade ainda garante que não medirá esforços para contribuir para que a Primeira Liga se torne um campeonato oficial em 2017. “A CBF, em parceria com as federações e os clubes, será a responsável por adequar a tabela da competição ao calendário do futebol brasileiro e fornecerá o suporte necessário através de seus órgãos técnicos para a devida oficialização da Copa Sul-Minas-Rio em 2017”<sup>33</sup>. Apesar da anterior proibição, os clubes mantiveram o calendário e realizaram a primeira rodada do torneio, mostrando sua vontade de maior autonomia. Segundo a CBF, a decisão teve como objetivo “harmonizar o futebol brasileiro, reduzindo distâncias e promovendo a sintonia e a convergência”. Entretanto, é preciso justificar que essa reviravolta da CBF foi movida por interesses políticos e econômicos, em mais uma tentativa de manter seu controle sobre a organização do esporte no país.

O surgimento de grupos espalhados pelo país com o intuito de dar mais autonomia ao futebol revela o esforço para lutar contra os desmandos autoritários da FIFA e de suas confederações, em uma estratégia para recuperar a credibilidade e valorizar o esporte praticado dentro de campo. Diante da evidência de que o futebol se tornou um negócio, com a prevalência dos aspectos econômicos e políticos sobre os esportivos, é fundamental que movimentos alternativos de resistência se mobilizem para deixar claro que o esporte pode ser organizado pela própria população,

---

<sup>33</sup> Declarações obtidas na reportagem publicada no site do Terra Esportes. Link para acesso: <http://esportes.terra.com.br/futebol/cbf-volta-atras-e-autoriza-realizacao-da-primeira-liga-em-carater-amistoso.d0f705eb0164bfbe2dd01973134e8299jsymy0vc.html>. Acessado em 02/04/2016.

independentemente da anuência de entidades internacionais, o que poderá contribuir para melhorar a imagem do futebol no mundo, diminuindo os casos de corrupção estimulados pela centralização do poder da FIFA, beneficiando jogadores e patrocinadores, despertando o interesse de outros públicos e tornando os processos de organização de eventos esportivos mais transparentes. Essa insatisfação popular com os novos contornos apresentados pelo futebol atualmente, cada vez mais controlado pela ótica capitalista, demonstra a necessidade de pressão popular para que reformas éticas e estruturais sejam postas em prática, fazendo com que o esporte se torne novamente uma ferramenta de inclusão social e de desenvolvimento humano.

A fim de transformar o esporte, tratando-o com a devida complexidade e estimulando a criticidade do debate esportivo no país, foi criada a Universidade do Futebol - UdoF em 2012. Segundo informações divulgadas no site da entidade<sup>34</sup>, trata-se da maior comunidade de estudos e compartilhamento de informações sobre futebol. Os cursos da UdoF promovem um ambiente de aprendizagem a partir de ferramentas interativas e atividades que estimulam o debate crítico e a troca de experiências entre seus participantes. Os estudantes da universidade são compostos por treinadores, dirigentes, jogadores, jornalistas, profissionais de marketing, advogados, estudantes, torcedores e demais interessados em desenvolver o esporte. Segundo o site da UdoF, a entidade tem como meta ser o maior programa de democratização do conhecimento e formação nas diferentes áreas que compõem o futebol. Para isso, a universidade promove cursos online, presenciais e customizados, que abrangem temas como a gestão técnica no futebol, táticas e modelos de jogo, buscando uma abordagem interdisciplinar.

A universidade ainda é composta por outro setor: o Instituto de Pesquisas e Estatísticas do Futebol - IPEFut. Criado com o intuito de coletar dados e produzir pesquisas, informações e conhecimentos para a comunidade que estuda esta modalidade esportiva, o IPEFut oferece serviços e análises comprovadas cientificamente no segmento esportivo, levando soluções para a comunidade do futebol em todo o mundo. Além disso, desenvolve grupos de pesquisa com temáticas específicas e conta com o apoio de diversas organizações internacionais, como a Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância e a ICSS - Associação Internacional da Segurança no Desporto. Tais iniciativas apontam para processos emergentes no interior do fenômeno do futebol,

---

<sup>34</sup> Site da Universidade do Futebol: <http://universidadedofutebol.com.br/>. Acessado em 26/01/2016.

trazendo novas perspectivas para a compreensão do esporte como integrante da cultura vivida constantemente em mutação na sociedade.

É fundamental destacarmos também a predominância de políticas públicas, desenvolvidas com recursos do Ministério do Esporte, voltadas para atletas de alto rendimento, que já contam, na maioria das vezes, com o apoio de patrocinadores. Assim, esportes historicamente marginalizados no país, como o judô, a natação e o atletismo, recebem apoio financeiro do governo quando destinados a atletas de alto rendimento, já medalhistas, deixando milhares de atletas iniciantes excluídos dos programas governamentais. Os critérios estipulados refletem o privilégio dado pela lei aos atletas de ponta, já consagrados, o que vai de encontro com a cultura vivida do esporte no país, já que a maioria dos atletas que precisam dessas bolsas são justamente os excluídos desse benefício, revelando uma falha na lei ao não levar em conta a realidade do esporte no país, ao contribuir para marginalizar ainda mais certas modalidades esportivas e ao não cumprir com a sua função enquanto uma política pública, que é justamente a de criar ações que minimizem as diferenças sociais e promovam a inclusão de grupos que de outra forma não seriam reconhecidos.

Como exemplo, podemos citar os critérios utilizados para a distribuição dos recursos do programa Bolsa Atleta, criado pelo governo federal, que distribui bolsas no valor de 5 a 15 mil reais<sup>35</sup>. Os valores mais altos são destinados a atletas medalhistas em Jogos Olímpicos e em campeonatos mundiais e a atletas classificados em 1º, 2º ou 3º lugar no ranking mundial. Assim, conforme a lei, um atleta classificado como Atleta de Base concorre a uma bolsa de R\$370; um Atleta Olímpico pode receber o valor de R\$3.100 por mês e já um Atleta Pódio recebe o valor máximo estipulado pela lei, de R\$15.000. Após cumprir os critérios e ter sido indicado por sua confederação esportiva, em conjunto com o Comitê Olímpico do Brasil - COB ou o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB, o atleta precisa enviar um plano esportivo para análise dos membros do comitê específico, da confederação e do Ministério do Esporte, revelando a necessidade de se passar por um processo burocrático, que exige tempo e conhecimento para ser efetivado. Depois de aprovado em todas as frentes, o atleta contemplado tem seu nome publicado no Diário Oficial e passa a ter direito ao benefício por um período de doze meses. No entanto, o processo de recebimento do auxílio nem sempre é fácil, o

---

<sup>35</sup> Os critérios estão especificados na página do Ministério do Esporte através do link <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/brasilMedalhas/criteriosValoresBolsaPodio2015.pdf>. Acessado em 22/04/2016.

que dificulta o sustento de muitos atletas e prejudica seu rendimento nos treinamentos. Além disso, mais da metade das bolsas foram destinadas a esportistas dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mostrando uma clara concentração dos recursos na região sudeste do país<sup>36</sup>. Quanto à divulgação de dados do programa bolsa-atleta, falta transparência a um programa que usa recursos públicos, pois a página do Ministério da Saúde é a única fonte de informações às pessoas interessadas, resumindo-se a informações escassas e desatualizadas.

O Ministério do Esporte, concebido como ministério próprio apenas em janeiro de 2003, apesar de ter, entre seus objetivos, construir uma Política Nacional de Esporte, desenvolver o esporte de alto rendimento, trabalhar ações de inclusão social por meio do esporte, garantindo à população brasileira o acesso gratuito à prática esportiva, qualidade de vida e desenvolvimento humano, não cumpre com o seu papel de apoiar outras modalidades de esporte e torná-las acessíveis à população, dando ênfase para o futebol. Esse aspecto fica evidente com a nomeação do ex-jogador Pelé para o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte, criado por Fernando Henrique Cardoso, em 1995. O conceito de esporte para esta pasta parece ser sinônimo de futebol masculino, contribuindo para a manutenção desta modalidade enquanto cultura dominante e das demais modalidades enquanto subculturas marginalizadas. Promover a democratização do esporte através do incentivo ao acesso a diversas modalidades esportivas possibilita a subjetivação, a inclusão e a construção da criticidade do sujeito, fazendo-o consciente de seu papel social e de sua importância como agente político.

Outro aspecto que merece atenção são as políticas públicas voltadas para o futebol televisionado. O debate sobre a estatização dos direitos de transmissão do futebol no Brasil, visando combater o monopólio da informação exercido pelos grandes conglomerados do país, está fora da pauta do Congresso brasileiro. A Rede Globo detém os direitos de transmissão dos principais campeonatos estaduais, principalmente os da região sul e sudeste, e nacionais, incluindo os megaeventos esportivos, como a Olimpíada, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. Os horários dos jogos, geralmente concentrados nos sábados e domingos à tarde, são programados de acordo com a grade da emissora, gerando um controle sobre a própria organização do esporte.

---

<sup>36</sup> Informação obtida no site <http://www.contasabertas.com.br/website/arquivos/2342>. Acessado em 22/07/2016.

Em julho de 2014, a Receita Federal concluiu a investigação<sup>37</sup> que levou à acusação da Rede Globo por uso de onze empresas em paraísos fiscais para sonegar impostos pela compra de direitos de transmissão da Copa do Mundo de 2002. Mesmo diante do episódio, a Rede Globo segue como detentora de concessão pública de radiodifusão no país, colocando-se como um oligopólio privado, que respeita apenas os interesses de certos grupos, desempenhando funções de poder público, inclusive tomando parte no afastamento da presidenta Dilma do poder e não anunciando evidências de sua inocência apurada em Comissão do Senado Federal. Assim, os processos de concessão e de renovação têm conseguido, ao longo das últimas décadas, uma tramitação silenciosa e aparentemente tranquila, com possíveis acertos apenas nos bastidores do Congresso Nacional. A Rede Globo tornou-se hoje um instrumento político a serviço dos interesses das corporações capitalistas, processo intensificado pela monopolização do setor de comunicação.

Certas partidas como o Grenal no Rio Grande do Sul, disputado pelos times Grêmio e Internacional, nem sempre são transmitidas para a região de Porto Alegre, sob a justificativa de garantir a venda de todos os ingressos para a partida, que ocorre na capital do estado. Dessa forma, o aspecto econômico se sobressai às tentativas de democratização do esporte, exigindo que os torcedores adquiram ingressos, muitas vezes, com valores acima de suas possibilidades, excluindo uma fatia da população de ter acesso ao evento esportivo. Além disso, retira-se o direito das pessoas de escolher se querem ir ao estádio ou se preferem assistir ao jogo pela televisão, seja por motivos de segurança, econômicos, de saúde, entre outros. Tratando-se de uma concessão pública, as emissoras têm o dever de oferecer tal possibilidade aos cidadãos, atendendo seu direito à informação, à cultura e ao lazer, mas no Brasil isto não acontece.

Desde 2013, a TV Brasil, gerida pela Empresa Brasileira de Comunicação - EBC, integrante do sistema público de comunicação no país, transmite os jogos da série C, já que não pode pagar os valores exigidos para a transmissão das séries A e B. Tal campeonato conta com dois grupos regionalizados de dez clubes, o que garante maior variedade na grade de programação com a participação de times importantes para diferentes estados do país. A TV Brasil transmite dois jogos por rodada, um no sábado e outro no domingo, a partir das 19h, criando um novo horário para o futebol na TV aberta no final de semana. Com uma média de 19,4 pontos de audiência, a TV Brasil

---

<sup>37</sup> Informações obtidas no site <http://antigo.brasildefato.com.br/node/29353>. Acessado em 25/07/2016.

chegou a concorrer com os jogos da Série A transmitidos pela Rede Globo, que atingiu média de 8,5 pontos (SANTOS, 2015).

Para 2015, a emissora trouxe como lema “o ano do esporte na TV Brasil”, pois virou sublicenciada de eventos esportivos da FIFA, os Mundiais sub-20, Feminino, sub-17 e o de Futebol de Areia, pelos quais teria pago US\$ 250 mil à Rede Globo, que pretendia transmiti-los apenas em seu canal de TV fechada. Ainda que não seja o foco da TV Brasil, investir na transmissão de jogos de futebol torna-se importante por sua capacidade de atrair público. Para uma emissora nova, com oito anos de existência, o esporte é fundamental para se fazer conhecer e atrair espectadores para seus outros programas. A questão do monopólio do direito de transmissão dos jogos de futebol fica ainda mais problemática no caso dos torneios internacionais. A Rede Globo transmitiu as Copas do Mundo de 2002 e 2006 com exclusividade na TV aberta, por meio de processos licitatórios nem sempre transparentes e idôneos, situação exposta pela investigação do FBI sobre dirigentes especialmente das Américas em 2015 e já comentada neste trabalho.

Com o processo de digitalização da transmissão da TV de acesso gratuito em fase final, ainda há emissoras não comerciais cujo sinal mal consegue abranger toda a capital de seu respectivo estado, o que exige mudanças e grandes investimentos. Uma série de emissoras estaduais convive nos três últimos anos com greves e paralisações dos funcionários por aumento salarial e melhores condições de trabalho, além da necessidade de realização de contratações via processo público seletivo. Assim, em meio aos sérios problemas estruturais que persistem em muitas afiliadas regionais e a própria greve dos servidores públicos da EBC em 2014, há muito para se investir a fim de que a TV pública possa conquistar seu espaço. É necessário considerar que adquirir os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro com exclusividade torna-se inviável para uma emissora que tem como receita anual R\$ 500 milhões. Esse valor total não daria para cobrir a oferta da Rede TV! na licitação frustrada de 2011, que era de R\$ 514 milhões. De acordo com Santos (2015), para se manter como detentora dos direitos do torneio, a Rede Globo deve estar desembolsando quase o triplo desse valor por ano.

Além disso, interligando com o problema do ponto de vista político, há ainda o risco de o governo federal utilizar as partidas de futebol como instrumento de propaganda político-partidária. Bucci (2013, p.127) explica que a EBC é uma empresa estatal controlada pelo Poder Executivo:

De acordo com o artigo 19 da Lei n.º 11.6523, de 7 de abril de 2008 (que efetivou a medida provisória de 2007, editada para instituir a fusão), cabe à Presidência da República nomear o diretor-presidente e o diretor-geral da empresa. Nas emissoras públicas – que, por serem públicas (não governamentais), não devem ser controladas pelo governo, mas por instâncias que representem a sociedade civil –, o executivo-chefe é escolhido por um conselho de representantes da sociedade. Já nas emissoras estatais, quem escolhe o dirigente é o representante do poder ao qual a emissora está vinculada (Executivo, Legislativo ou Judiciário). Por esse critério, portanto, a EBC é uma empresa estatal controlada pelo governo (Poder Executivo), embora suas emissoras de TV e de rádio, como a TV Brasil, veiculem programas típicos de emissoras públicas. Seus canais, ou alguns deles, demonstram clara vocação de serem públicos – mas a empresa estatal que os controla não o é.

Bucci (2013) considera a importância da existência do Conselho Curador na EBC, órgão auxiliar, não deliberativo, responsável pela formação da política editorial dos veículos e com maioria de representantes da sociedade civil. Entretanto, por estar vinculada à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República - Secom, responsável por publicizar as ações do governo, e não a um órgão autônomo, a EBC “estaria mais vulnerável às vontades do Planalto” (BUCCI, p. 128). Segundo o autor, o presidente do Conselho de Administração, órgão superior de direção, é indicado pela Secom. Assim, a legislação que regulamenta as ações da EBC dá “à Presidência da República os meios para constrangê-la, pressioná-la e enquadrá-la” (BUCCI, 2013, p.128). Diante desse cenário, é visível a urgência de se colocar em debate na sociedade a criação de políticas públicas para a transmissão do futebol no país e a elaboração de leis que garantam a autonomia e a qualidade das emissoras públicas, a fim de democratizar o acesso ao esporte e conferir mais variedade na grade de programação.

Em junho de 2016<sup>38</sup>, ao assumir interinamente a presidência da República, Michel Temer enviou ao Congresso um projeto de lei que prevê a redução da atuação e dos custos da EBC, bem como o fechamento da TV Brasil. A mudança na lei permitiria o fim do Conselho Curador e a destituição do presidente da empresa a qualquer momento. Atualmente, uma decisão deste tipo precisa do aval do Conselho Curador, justamente para barrar supostas ingerências político-partidárias na emissora. O projeto foi motivo de protestos populares e de repúdio dos jornalistas da EBC, que defendem que a rede pública não pode se transformar em uma plataforma política, já que se trata

---

<sup>38</sup> Informações obtidas no site <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1782574-temer-pretende-reduzir-atuacao-da-ebc-e-fechar-a-tv-brasil.shtml>. Acessado em 25/07/2016.

de uma empresa pública criada para desenvolver atividades de comunicação pública e, portanto, de caráter não-mercadológico ou governamental.

### **4.3 Sociedade**

DaMatta (1982), ao afirmar que o futebol no Brasil reflete a própria sociedade, esclarece que é possível perceber, por meio desse esporte, como o brasileiro se expressa, apresenta-se e revela-se em um dos seus momentos de suposta liberdade social. A partir do futebol, podemos evidenciar preconceitos, estereótipos e valores arraigados na sociedade, constituindo-se na cultura vivida de um povo. A predominância de coberturas jornalísticas da modalidade masculina do esporte colabora para colocar na marginalidade os times de futebol feminino no país, dificultando a captação de recursos e a permanência das atletas no esporte diante de salários e investimentos insuficientes. Quando retratadas, tais atletas acabam aparecendo, na maioria das vezes, por meio da estética do corpo, explorando sua rotina de beleza a fim de desvincular a imagem masculinizada associada a essas atletas. Em outros momentos, a masculinização das jogadoras é reforçada como estratégia para conferir credibilidade à modalidade, como se apenas a partir dessa associação as mulheres se tornariam capazes de ter um bom desempenho no esporte. Ainda cabe ressaltar que, quando nos referimos à Seleção Brasileira, seja em conversas informais ou no discurso telejornalístico, estamos nos referindo invariavelmente à Seleção Brasileira de futebol masculino, excluindo a existência da Seleção Brasileira de futebol feminino e a de todas as outras modalidades esportivas existentes no país.

Além disso, são poucas as jornalistas mulheres que conseguem se consolidar na editoria de esportes no Brasil. Recentemente, tivemos um avanço nessa área, com a entrada da jornalista Alice Bastos Neves na apresentação do Globo Esporte no Rio Grande do Sul, da jornalista Fernanda Gentil na cobertura da Copa do Mundo de 2014 pela Rede Globo, da jornalista Renata Fan na apresentação do programa Jogo Aberto da Rede Record, entre outras. Essa presença de jornalistas mulheres em programas esportivos pode estar associada à tentativa de atrair esse público diante dos baixos níveis de audiência de alguns programas nos últimos anos. Segundo estimativa do site Bom Senso F.C., a audiência na TV com o futebol tem caído 4% em média ao ano nos últimos 10 anos. Além disso, essa inserção feminina também é reflexo das mudanças introduzidas pelo Globo Esporte em São Paulo, com a entrada do jornalista Tiago Leifert, passando-se a fazer experimentações a fim de inovar o formato e atrair novos

públicos, passando a contar com apresentadoras e repórteres mulheres no telejornalismo esportivo.

Essa dificuldade em atrair a audiência feminina para os programas esportivos também está associada à publicidade, que veicula representações estereotipadas da mulher em comerciais de marcas de cerveja, as quais, em sua maioria, são patrocinadoras de times ou anunciantes de campeonatos de futebol. Tais construções publicitárias representam a mulher como objeto de desejo sexual, explorando seu corpo, sua capacidade de servir e sua beleza, sendo destinados claramente à audiência masculina, afastando o interesse das mulheres pelo esporte. Assim, a mulher até aparece no bar nos comerciais de cerveja, mas para ser apreciada e para servir os homens, não para torcer e emitir uma opinião sobre a partida. Elas ainda aparecem estereotipadas no próprio telejornalismo esportivo quando a sua presença é reduzida à beleza física, como no concurso das musas dos times brasileiros, em que as torcidas votam pela Internet para eleger a musa de todos os times do país. Nestes concursos, as meninas divulgam fotos de biquíni para mostrar seu corpo a fim de atrair os votos masculinos, o que contribui ainda mais para reforçar o machismo no futebol.

Apesar desses fatores, é possível comprovar o aumento da presença de mulheres nos estádios do país devido ao o aumento do policiamento durante os jogos e ao estímulo à torcida mista, caso vivenciado pelas torcidas dos times gaúchos Internacional e Grêmio desde o início de 2015. Segundo pesquisa do Ibope, 50% da torcida corinthiana era representada por mulheres em 2015. Vários clubes possuem facções femininas dentro das torcidas organizadas, entre elas: Torcida Feminina da Savóia (Palmeiras/SP), Jovem Fla Pelotão Feminino (Flamengo/RJ), Dragões da Real (São Paulo/SP), Galoucura Feminina (Atlético Mineiro/MG). Há outras torcidas que são compostas exclusivamente por mulheres, tais como: Camisa 12 (Vasco/RJ), Mulheração (Volta Redonda/RJ) e Gatas do Sul (Paysandu/PA).

O caso de Marta, jogadora da Seleção Brasileira feminina de futebol, retrata de forma clara o preconceito em relação à modalidade no país. A jogadora está em atividade atualmente no clube sueco FC Rosengård diante da invisibilidade dos clubes femininos brasileiros e da falta de profissionalização do esporte no país. Marta já foi escolhida como a melhor futebolista do mundo por cinco vezes consecutivas, um recorde entre mulheres e homens. Em 2015, ela se tornou a Maior Artilheira da História das Copas do Mundo de Futebol Feminino, com 15 gols e também se tornou a Maior

Artilheira da História da Seleção Brasileira com 100 gols. No entanto, não encontra espaço no seu próprio país para poder atuar como jogadora profissional.

Existe no imaginário popular a ideia de que futebol é uma atividade exclusiva para os homens, fazendo com que muitas mulheres não se sintam à vontade nem para assistir aos jogos, muitos menos comentá-los, diante do preconceito de que não entendem do esporte. Da mesma forma, é raro vermos uma menina afirmar que seu sonho é se tornar uma jogadora de futebol diante da falta de exemplos a serem seguidos e da falta de estímulo na escola e na família, espaços em que, muitas vezes, estão claramente delimitadas atividades para meninos, dentre elas o futebol, e atividades para meninas. Já na educação básica, as aulas de Educação Física precisam provocar a reflexão dos alunos, levando não somente à prática esportiva, mas também à problematização social do esporte. Como explica Williams (2003), a transformação e a derrota dos valores vigentes na sociedade capitalista, incluindo a visão do esporte apenas como esporte de alto rendimento, excluindo seu potencial educativo e participativo, só pode se efetivar através de um trabalho intelectual e educacional contínuo, fomentado nas escolas, disseminado pelos meios de comunicação e aprofundado pelos pesquisadores.

O objetivo da lei que institui o ano de 2016 como o Ano do Empoderamento da Mulher na Política e no Esporte, de fortalecer o protagonismo feminismo em espaços marcadamente machistas, como a política<sup>39</sup> e o esporte, é válido no sentido de que busca a representação de grupos marginalizados, tornando-os visíveis na sociedade a partir do seu fortalecimento. Mesmo com as diversas conquistas alcançadas pelas mulheres nos últimos anos, tal projeto ainda precisa ter força de lei no país, pois frequentemente acontecem casos envolvendo preconceito de gênero, o que justifica a importância da existência de leis que garantam a igualdade entre os gêneros, estimulando o empoderamento da mulher em espaços predominantemente masculinos. No entanto, é necessário ressaltar que a instituição de uma data comemorativa e o mapeamento da real situação do empoderamento da mulher em tais áreas não bastam para lutarmos a favor da igualdade de gênero, é preciso de propostas que visem ações concretas, que sejam sentidas e vivenciadas pelos sujeitos, já que uma lei precisa repercutir na sociedade, trazer consequências sociais reais, visando o benefício de todos os cidadãos. Assim, não

---

<sup>39</sup> Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil está em 117º lugar na participação de mulheres no Parlamento em 2015, dentre 138 países, ocupando a última colocação no ranking da América do Sul.

negamos a relevância de tal lei, mas reivindicamos a necessidade de dar prosseguimento a tal proposta a fim de que estratégias concretas possam ser traçadas visando à transformação efetiva da realidade.

Outro exemplo que demonstra a marginalização do futebol feminino, neste caso em função da necessidade de pagar o salário de um só jogador, foi vivenciado pelo Santos em 2011. Para manter Neymar no time, o clube foi obrigado a cortar diversos gastos - incluindo todo seu time feminino sob a alegação de que faltavam patrocinadores. Segundo levantou a revista *The Atlantic*, o time feminino do Santos operava com um orçamento de R\$ 1,5 milhão por ano, enquanto que só o salário de Neymar era de R\$ 1 milhão por mês naquela época. Em comparação, Marta, considerada a jogadora mais bem paga do mundo, recebe cerca de R\$ 100 mil por mês. Mesmo com a ida do jogador para o clube espanhol Barcelona, a modalidade feminina não foi retomada na Vila Belmiro. Segundo levantamento realizado pela revista, há no Brasil cerca de 400 mil mulheres jogando futebol - número muito abaixo quando comparado aos EUA: 1,3 milhão de americanas. No país, há apenas cerca de 10 clubes de elite femininos em 17 estados. As competições nessa modalidade não são frequentes e, além disso, são fruto de um interesse recente, como é o caso da realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino, organizada pela FIFA somente a partir de 1991, a qual sequer é transmitida na rede aberta de televisão aberta, não sendo alvo de disputa entre patrocinadores e anunciantes.

Outro caso expressivo de preconceito em relação ao gênero no futebol é a homossexualidade, vista como tabu pela maioria dos jogadores. São raros os casos em que atletas se sentem à vontade para tornar pública a sua identidade de gênero com medo de represálias de colegas e da violência nas ruas. A heteronormatividade é o padrão esperado e aceito dentro do esporte, criando um estereótipo machista relacionado com a força e a virilidade do homem. Assemelhando-se às práticas higienistas defendidas pelos governos fascistas, que não permitiam a participação do negro no futebol, atualmente o esporte continua a estabelecer fronteiras visando ao controle de quem pode ser incluído e quem pode ser excluído dentro de campo. Tais demarcações parecem ter o objetivo de purificar o futebol, reservando apenas aos heterossexuais a chance de praticar tal esporte, já que a constatação de que existem homossexuais em campo parece constituir uma marca negativa, o que escancara o ambiente machista e misógino que ainda hoje atravessa o futebol. Essa ideia é reforçada pelo imaginário de

que todos os jogadores fazem sucesso com as mulheres, relacionando-se com várias ao mesmo tempo, imagem constantemente reforçada pelos meios de comunicação.

Costa (1995) já refletia sobre o cenário das torcidas organizadas, como a Gaviões da Fiel do Corinthians, que não permitia participantes homossexuais e relegava às mulheres papéis menos importantes dentro da estrutura hierárquica. Nos dias atuais, já encontramos a presença de facções femininas dentro das torcidas organizadas, fato mencionado anteriormente nessa pesquisa, e de torcidas formadas exclusivamente por homossexuais, como é o caso da Gaivotas Fiéis do Corinthians<sup>40</sup>. Criada em 2013, com o objetivo de fortalecer a presença de homossexuais nos estádios e garantir a sua participação na torcida, o grupo tem parceria com a Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros – GLBT de São Paulo e reverte sua renda para projetos sociais, nos quais crianças recebem abrigo e alfabetização. Mesmo com a criação desses espaços, percebemos que as torcidas permanecem separadas, já que não há abertura para a integração dos homossexuais nas torcidas organizadas já existentes dos clubes brasileiros, sendo necessária a criação de torcidas exclusivas para assegurar o direito de tais grupos de se engajarem ativamente no esporte.

Apesar de tais iniciativas, a homofobia persiste na manifestação de alguns torcedores de futebol. O jogador do Corinthians, Emerson Sheik, vivenciou uma situação de homofobia ao postar, em agosto de 2013, uma foto beijando a boca de um amigo em uma rede social<sup>41</sup>. Sheik foi alvo de uma série de comentários homofóbicos na Internet e foi hostilizado durante um jogo na capital paulista por torcedores da Camisa 12, do Corinthians, que exibiram faixas com frases agressivas e machistas, que incitavam o ódio e a violência, fazendo apologia direta ao crime. A Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania de São Paulo condenou a torcida Camisa 12 e seu presidente a pagarem multa de R\$ 20 mil por atos homofóbicos, a qual foi revertida para um fundo assistencial. Apesar de o jogador ter se declarado heterossexual na ocasião, a torcida argumentou que o futebol era um lugar apenas para “machos” e que tal atitude era inadmissível. Ao recorrer à justiça, Sheik garantiu o direito de qualquer pessoa de ser respeitada por sua identidade de gênero, contribuindo para que o esporte se torne um local em que as diferenças possam ser respeitadas e reconhecidas e que atitudes

---

<sup>40</sup> Informações obtidas através do site <http://esportes.r7.com/futebol/corintiano-diz-ter-fundado-1-torcida-gay-do-mundo-16052014>. Acessado em 18/04/2016.

<sup>41</sup> Notícia completa sobre o caso no link <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/torcida-e-condenada-r-20-mil-por-homofobia-contra-beijo-gay-de-sheik.html>. Acessado em 18/04/2016.

preconceituosas tenham a devida punição sempre que ocorrerem, mesmo que tal repreensão tenha sido muito mais simbólica do que material.

Com o objetivo de fomentar o debate sobre gênero no esporte, a Universidade do Futebol<sup>42</sup> criou, em agosto de 2012, o Observatório do Futebol Feminino - OFF, idealizado por Osmar Moreira de Souza Júnior. O intuito do grupo é congrega trabalhos de pesquisadores que discutem e produzem conhecimento sobre os diversos ângulos assumidos pela prática do futebol entre as mulheres. Entre os dezesseis pesquisadores do grupo, nove são mulheres, como Claudia Kessler, Luciane Castro, Rita Bove e Paula Rodrigues Natal. Este espaço apresenta-se como uma plataforma pioneira para divulgação de novas pesquisas focadas não apenas na realidade brasileira da prática de futebol feminino, mas também mundial. Reunindo colaboradores de diversas regiões do Brasil, o Observatório do Futebol Feminino pretende ser uma vasta rede de reflexões, abrangendo a pluralidade de questões relacionadas a esta prática esportiva, tais como: gênero, desempenho, narrativas, valor de mercado, historiografia, entre outros. Entre os artigos publicados<sup>43</sup> pelo observatório, estão temas relacionados à infraestrutura do futebol feminino no Brasil e à organização desta modalidade nos Estados Unidos, o que revela contrastes entre as duas realidades: só entre as ligas universitárias dos Estados Unidos, há 1.667 times de futebol feminino; no Brasil, somente cerca de 600 atletas participaram da primeira edição da Copa Brasil Universitária de Futebol Feminino (CBUFF) em 2014.

No futebol, há espaço, assim, para iniciativas que tenham o objetivo de ampliar o debate social e reduzir as desigualdades. Uma campanha recente promovida pelo Sport Club Recife<sup>44</sup> vem colaborando para transformar o comportamento de quem decide adotar uma criança no país. A campanha do clube foi criada em agosto de 2015 e visa estimular a adoção tardia, com foco nos adolescentes, os quais acabam preteridos na maioria dos casos, já que os casais preferem adotar bebês ou crianças pequenas. O problema é que existem mais de sete mil crianças para adoção no Brasil, sendo que oito em cada dez já têm mais de sete anos. A campanha teve impacto real no cenário de adoção em Pernambuco: segundo o juiz da Infância e da Juventude Elio Braz, cinco

---

<sup>42</sup> Informações obtidas através do link <http://universidadedofutebol.com.br/conteudo-udof/grupos-de-estudos/off/>. Acessado em 18/04/2016.

<sup>43</sup> Os artigos do Observatório do Futebol Feminino podem ser acessados através do site <http://universidadedofutebol.com.br/a-organizacao-do-futebol-feminino-nos-estados-unidos/>. Acessado em 25/07/2016.

<sup>44</sup> Informações obtidas na notícia publicada no site <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/05/sport-club-do-recife-faz-campanha-e-incentiva-adocao-de-adolescentes.html>. Acessado em 18/05/2016.

famílias adotaram crianças acima de sete anos em 2015, enquanto que esse número subiu para 13 em 2016, após o início da campanha. Essa iniciativa demonstra o poder do esporte em transformar a realidade de muitas pessoas, promovendo a solidariedade e ensinando exemplos de amor ao próximo. O futebol tem, portanto, um papel social fundamental enquanto uma plataforma de inclusão: estimula o convívio em grupo, ajuda na socialização dos indivíduos, ensina valores, promove o respeito e a união e gera oportunidades de desenvolvimento para aqueles que, de outra forma, estariam excluídos da sociedade.

Em relação à classe, o futebol tem no elitismo sua característica desde os tempos iniciais, em que os jogadores eram empresários e aristocratas. Até mesmo nas torcidas, as camadas mais baixas eram marginalizadas. Só há a popularização do esporte quando aumenta a competitividade entre os times, sendo reconhecido o talento de pobres e negros com a bola nos pés. Além disso, para as classes menos favorecidas, o futebol parece oferecer a possibilidade de ascensão social através do talento e da força de vontade, sem a necessidade de estudo. Esse caminho aparentemente fácil faz com que muitos jovens sonhem em se tornar jogadores de futebol, estimulados pelos altos salários e pela chance de mudarem de vida.

As histórias de superação de jogadores narradas pelos meios de comunicação estimulam a ideia de conformismo social, uma vez que, independentemente do contexto, é a perseverança diante dos obstáculos que parece fazer desses jogadores verdadeiros heróis. Essa ilusão da realidade torna invisíveis as milhares de crianças que não conseguem conquistar seu sonho devido a suas condições socioeconômicas e à falta de oportunidades, já que são apenas as histórias de sucesso que aparecem na tela da televisão e nas páginas dos jornais. O que está por trás dessas histórias de sucesso – renúncia, sofrimento, saudade, dificuldade de adaptação, exploração – fica obscurecido pelo final feliz, representado pela consagração na carreira. Essa construção reforça a ideia capitalista de que os conflitos de classe são resolvidos através do sucesso individual dos indivíduos, ou seja, o conceito da meritocracia, que desconsidera que os pontos de partida são distintos, dando vantagem àqueles que desfrutam de melhores condições ao narrar apenas as histórias de sucesso e ao desconsiderar os aspectos socioculturais e econômicos, que colocam as pessoas em condições iniciais desiguais.

Segundo dados divulgados pela Revista Placar na edição de março de 2015, existem vinte mil jogadores profissionais no país. Destes, 15% estão desempregados, 3% recebem mais de dois salários mínimos e 82% ganham menos de dois salários

mínimos. A média salarial dessa última fatia de jogadores é de R\$ 1082, um contraste claro com os altos salários pagos pelos jogadores dos grandes clubes. A revista levantou ainda um dado interessante referente a inquéritos e ações judiciais movidos por jogadores contra clubes de futebol desde 2002: um total de 917 processos, revelando que as relações são permeadas por atraso de salários, exploração, calote, violação de direitos de imagem, condições precárias de trabalho, entre outros.

Em torno de 90% dos jogadores de futebol vêm de classes baixas, estimulados pelo fato de a carreira ser promissora, apesar de a probabilidade de consagração ser muito pequena. Assim, crianças de classes sociais mais altas sabem que, caso não se tornem profissionais da bola, vão ter outras oportunidades na vida, de frequentarem uma universidade, de se tornarem médicos, advogados, engenheiros, etc. Já as crianças de classes baixas se agarram à oportunidade de se tornarem jogadores de futebol como a única possibilidade de ascenderem socialmente sem precisar de instrução escolar formal, tendo em vista a inexistência de nossas políticas públicas sociais e educacionais, que deixam os sujeitos à mercê de planos de governos, que investirão ou não na esfera social, dependendo de tua tônica populista ou neoliberal-economicista.

A valorização do estudo também não é reconhecida pela maioria dos jogadores brasileiros. Como exemplo, podemos citar o caso de Victor, atual goleiro do clube Atlético Mineiro, único jogador brasileiro convocado para a Copa do Mundo de 2014 com diploma de curso superior. O goleiro foi aluno da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, no interior de São Paulo, no período de 2001 a 2006. Enquanto treinava durante o dia, ele estudava à noite e fez o trabalho de conclusão do curso em meio às concentrações para os jogos. O jogador Neymar, por exemplo, não concluiu nem o ensino médio. Para muitas famílias, o estudo pode esperar ou nem acontecer, já que o futebol depende da força física e da juventude desses atletas, que não pode ser desperdiçada diante do curto tempo da carreira de jogador.

As questões de raça, entendida aqui na sua concepção política, estão presentes nos debates sobre o futebol desde suas origens. Jogadores negros sofriam preconceito para jogar em times de futebol, uma vez que as ideias de higienização racial e de melhoramento genético do homem eram evidenciadas pelas ideias de purificação e branqueamento da população defendidas por teorias científicas colonialistas e usurpadoras, que pregavam a marginalização do negro na sociedade. Casos já mencionados neste trabalho, como o do jogador Carlos Alberto do Fluminense, conhecido como Pó-de-Arroz, e o de Arthur Friedenreich, que alisava os cabelos antes

dos jogos para esconder suas origens, expressam a dificuldade de negros em se inserirem no esporte. Só quando o futebol passa a ser visto como um amenizador social, os negros passam a ser autorizados a praticar tal atividade como forma de “canalizar sua violência”, que reflete muito mais uma resistência, uma forma de dizer não à opressão e à marginalização sofrida. Quando os clubes passam a reconhecer o talento dos negros em campo, eles começam a representar as camadas mais pobres do país em campo, embora ainda estejamos falando de jogadores negros que passam a oferecer o espetáculo para os torcedores, em sua maioria branca.

Atualmente, mesmo reconhecidos, alguns jogadores negros ainda enfrentam preconceito dentro dos estádios. O caso mais atual de repercussão na mídia foi vivenciado pelo goleiro Aranha do Santos em uma partida contra o Grêmio no estádio Arena, em Porto Alegre. No dia 28 de agosto de 2014, Aranha, que defendia o clube na vitória por 2 a 0 contra o Grêmio, pelas oitavas de final da Copa do Brasil, foi insultado no final da partida por torcedores gremistas. Câmeras do canal ESPN Brasil flagraram uma torcedora chamando Aranha de macaco e o resto do grupo fazendo sons que lembravam o animal. A repercussão do fato nos meios de comunicação e a revolta popular mostram que, apesar de o preconceito racial persistir até hoje nos estádios, ele passa a ser visto como algo inaceitável dentro do esporte. Por outro lado, ainda é raro vermos a presença de negros ocupando cargos de autoridade, como técnicos, árbitros e dirigentes de clubes, embora a parcela de negros no país seja de 54%, segundo dados divulgados pelo IBGE em abril de 2015.

A exaltação do sucesso de jogadores negros no futebol passa, assim, a falsa ideia de que vivemos em uma democracia racial<sup>45</sup> no país, já que os negros continuam excluídos de determinados espaços da sociedade, concentrando-se, na área esportiva, nas modalidades às quais têm acesso, como o futebol. Em outros esportes, como esgrima, equitação e natação, a presença de atletas negros ainda é rara, como comprova o fato de a primeira medalha de ouro olímpica de um negro na natação ter sido conquistada apenas em 1988 pelo surinamês Anthony Nesty<sup>46</sup>, sendo que em seu país havia apenas uma piscina de competição para realizar seus treinamentos. Portanto, a presença de negros no futebol parece ser estimulada pela facilidade de encontrarmos

---

<sup>45</sup> Apesar de reconhecermos a importância do aspecto étnico-racial na história do futebol, o foco deste trabalho recai sobre as tipificações televisivas em torno dos jogadores de futebol. Portanto, torna-se pertinente abordar este viés, sem, contudo, enfatizá-lo diante da complexidade de aspectos que giram em torno do esporte.

<sup>46</sup> Dado obtido em reportagem da revista Superinteressante através do site: <http://super.abril.com.br/ciencia/futebol-queremos-raca>. Acessado em 30/04/2016.

campos de várzea espalhados pelo país em comparação com a quantidade de piscinas acessíveis em bairros carentes.

Tratando-se de questões presentes no imaginário social, os jogadores de futebol são geralmente associados a exemplos de moral e ética. São representados como pais, filhos e maridos exemplares, modelos a serem seguidos pelo resto da sociedade. Aparecem ainda como cidadãos ativos, que desenvolvem projetos sociais e auxiliam entidades assistenciais. A associação com a religião também é frequente, como é o caso do jogador Kaká, que frequentava a igreja evangélica Renascer em Cristo, dando frequentes exemplos de solidariedade e fidelidade. Esses jogadores aparecem, assim, como heróis, mitos produzidos pelos meios de comunicação, seres superiores que estão acima dos demais mortais, associados à perfeição.

Quando aparecem casos que desconstroem essa lógica, a relação vai de um extremo a outro: da idolatria à demonização. Alguns exemplos são a condenação do ex-goleiro do Flamengo Bruno, que cumpre pena em regime fechado pelo assassinato e ocultação de cadáver da ex-amante, Eliza Samúdio, e também pelo sequestro e cárcere privado do filho; a determinação da Justiça em bloquear R\$ 188 milhões das contas do jogador Neymar, acusado pela Procuradoria da Fazenda Nacional de sonegar impostos de 2011 a 2013; a denúncia do jogador Adriano pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, em 2014, por tráfico de drogas; a denúncia dos dois filhos de Romário por atraso no pagamento de pensão em 2009; casos de *doping* com os jogadores Nilton e Wellington do Internacional em 2015. Embora enfraqueçam os traços de heroísmo desses jogadores, tais episódios constroem uma imagem mais realista e humana desses atletas, mostrando-os como seres realmente humanos, passíveis de cometerem erros e de serem penalizados, assim como o telespectador.

#### **4.4 Telejornalismo esportivo**

Além da quantidade de inserções diárias em telejornais e da presença maciça de programas específicos na grade televisiva, cenário já apresentado neste trabalho, a relação do esporte com o telejornalismo pode ser evidenciada ainda pelo número de ex-atletas que se tornaram apresentadores de programas esportivos. Glenda Kozlowski, apresentadora do Esporte Espetacular, programa dominical da Rede Globo, começou a vida no esporte surfando na modalidade *bodyboarding*, conquistando cinco campeonatos nacionais e quatro campeonatos mundiais. Apesar de não ser formada em Jornalismo, Glenda recebeu o convite para ocupar um espaço importante no

telejornalismo esportivo brasileiro fruto, em grande parte, de seu desempenho como atleta e de seu conhecimento sobre esportes. Paulo Brito, narrador e apresentador do Globo Esporte no Rio Grande do Sul, foi jogador profissional do Esporte Clube Avenida, em Santa Cruz do Sul (RS), antes de iniciar sua carreira na TV e no rádio. Tal fato pode contribuir para agravar a visão compartilhada por muitos jornalistas de que a editoria de esportes não se trata de jornalismo, mas de entretenimento, visto que muitos que lá trabalham não tiveram formação acadêmica na área. Por outro lado, é preciso refletir que a necessidade de contratar ex-atletas para comandar programas esportivos na televisão se deve também pelo desinteresse e pelo preconceito dos próprios estudantes de comunicação social, que não veem no jornalismo esportivo uma oportunidade de trabalho, não se especializando para ocupar tais postos.

As emissoras de televisão recorrem também a ex-atletas para se tornarem comentaristas de eventos esportivos, como é o caso do ex-judoca Flávio Canto e do ex-jogador de futebol Carlos Casagrande. Tais atletas aparecem como um espaço de opinião especializada dentro de um ambiente controverso, que movimenta a paixão de milhares de pessoas. Dessa forma, a Rede Globo lança mão de uma estratégia para separar a objetividade jornalística da opinião esportiva, questão delicada no meio esportivo, visto que até mesmo os jornalistas preferem não revelar seu time com medo de perder a credibilidade. O comentarista atua, assim, como um torcedor crítico da partida, pensa e discute como tal, mostra indignação, avalia e torce junto. Em outras emissoras, já há uma abertura maior nesta questão, como é o caso do programa Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, apresentado pela jornalista Renata Fan, a qual é conhecida pelo público e por colegas como o “furacão colorado” por ter se declarado abertamente na televisão como torcedora do Internacional.

Algumas séries especiais já foram produzidas no telejornalismo esportivo, especialmente sobre o futebol. Tais séries buscam trazer aspectos desconhecidos da vida de jogadores, os bastidores do mundo da bola, curiosidades que atraiam a atenção do público e despertem identificação. Na Rede Globo, foco do nosso estudo nesse trabalho, podemos citar a série de reportagens “Brasileirinhos”, exibida pelo Globo Esporte, sobre a trajetória de jovens craques do futebol nacional, principais apostas para a Copa do Mundo de 2014. A série foi apresentada por Thiago Asmar, repórter do programa, e contou as histórias dos jogadores Paulo Henrique Ganso, Lucas, Dedé, Neymar, Leandro Damiano e Oscar. Esse quadro do programa apresentou as adversidades vividas pelos jogadores até chegarem ao futebol profissional e ao reconhecimento no esporte. A

duração da reportagem sobre a vida de Neymar tem 33 minutos, ou seja, 13 minutos a mais do que a média das outras histórias, evidenciando o destaque do programa ao jogador.

As reportagens foram transmitidas em 2012, um ano antes da Copa das Confederações no Brasil. Segundo Galarreta (2015), ao colocar essas histórias antes da Copa, o programa acaba gerando no futuro o que Gastaldo (2003, p. 96) chama de “demanda social pré-existente”, utilizando-se do interesse social despertado pelo esporte. A série apresenta seis jogadores de futebol com potencial de serem convocados para a Copa do Mundo de 2014, o que acabou se concretizando apenas com Neymar e Oscar. As narrativas apresentadas sobre os jogadores se assemelham, visto que apresentam os obstáculos, os dramas e as conquistas da vida pessoal e profissional de cada um. Em todas as matérias, aparecem pessoas próximas para contar suas histórias, como a família, os amigos de infância e antigos treinadores. As histórias foram construídas por meio de fotos, filmes caseiros, relatos dos personagens, reconstrução de cenas e charges.

Na edição de seis de setembro de 2011 do programa Profissão Repórter, da Rede Globo, denominada “Tudo pelo Futebol”, histórias de sucesso, fracasso e garra no mundo da bola foram exibidas, contrastando os caminhos diferentes que meninos com o mesmo sonho podem tomar. Em um caso raro no telejornalismo brasileiro, vemos a representação de uma faceta pouco explorada do futebol: o mundo sem glamour, sem fama e sem carros de luxo. São histórias de crianças de regiões pobres do país, que enfrentam as grandes cidades em busca de uma chance como atletas profissionais. No entanto, deparam-se com a saudade de casa, a dificuldade de adaptação, a exploração, a fome, a falta de documentação, entre outros. É preciso pontuar que essa abordagem realizada pelo Profissão Repórter já é uma característica do próprio programa, que se propõe a problematizar questões da sociedade contemporânea através de um viés mais crítico e alternativo.

Outro exemplo que traz à tona o lado amador do futebol, realidade da maioria dos jogadores de futebol do Brasil, é a série de reportagens exibida pelo programa Caldeirão do Huck, da Rede Globo. Apesar de se tratar de um programa de entretenimento, essa série tem a proposta de evidenciar as diferenças entre o futebol amador e o profissional por meio das histórias de vida de jogadores, que compartilham a mesma origem humilde, mas se diferenciam pelo padrão de vida atual conquistado por meio do futebol. Como exemplo, citamos a reportagem exibida no dia 5 de março de

2016, que comparou as histórias de dois jogadores: Elias, atacante do Corinthians, e seu xará, volante do Criciúma de Cruz das Armas, da Paraíba. Luciano Huck, apresentador do programa, pontua as semelhanças entre as duas histórias de vida: a origem humilde, o sonho de ser jogador de futebol, a paixão pelo esporte, o amor pela família, a concorrência nas peneiras durante a infância, os fracassos.

Por outro lado, Huck mostra que o talento nos pés não é o suficiente na maioria das vezes. Elias, da Paraíba, não conseguiu mais lutar pelo seu sonho, pois precisava trabalhar para sustentar a família, já que não recebia salário nos times de base onde atuou. Por isso, não conseguia se dedicar integralmente ao esporte e era vencido pelo cansaço diversas vezes, o que o impedia de seguir treinando. O Elias, do Corinthians, apesar dos fracassos, das demissões, da vontade de desistir, contava com o apoio da família, que, apesar de humilde, conseguia sustentá-lo e acompanhá-lo em alguns treinos. Teve ainda a sorte de ter tido um bom desempenho no Náutico, o que o levou a times maiores, como Ponte Preta, Flamengo e o atual Corinthians.

Tal reportagem mostra que a realidade do futebol é bem distante da mansão, dos carros de luxo e das roupas de marca do jogador corintiano: a maioria dos atletas amadores joga em times de várzea, não têm assistência médica, recebem salários extremamente baixos ou jogam apenas por gosto ao esporte, enfrentam uma dupla jornada de trabalho e lutam para não deixar faltar o mínimo necessário dentro de casa. O programa deixa claro o quanto uma oportunidade, a sorte de estar no lugar certo, a perseverança e o apoio da família foram fundamentais para a consagração de Elias no Corinthians e para o destino árduo de seu xará na Paraíba.

No entanto, a série enfatiza que, apesar das diferenças, os dois jogadores são felizes, apaixonados pelo futebol, pais de família e homens batalhadores, deixando implícita a mensagem de que, tendo uma bola nos pés, o brasileiro encontra uma maneira de ser feliz e seguir em frente. No final da reportagem, quando Elias é convidado para jogar com os atletas profissionais do Flamengo, seu sonho de infância, os jogadores profissionais se emocionam ao admitir que não sabem qual teria sido seu destino se não tivessem sido descobertos por um olheiro e reconhecem o quanto precisam valorizar a posição que conquistaram devido à concorrência e às dificuldades do início da carreira. Eles admitem que são pessoas privilegiadas por possuírem um padrão de vida elevado em um país tão desigual quanto o Brasil e que representam uma exceção dentro do esporte. A mídia, ao dar visibilidade para essa minoria privilegiada e

silenciar a maioria que vive marginalizada nos campos de várzea, cria uma ilusão em torno do futebol, alimentando o sonho de milhões de crianças espalhadas pelo país.

Os bastidores do futebol raramente aparecem no telejornalismo esportivo: mesmo com a série de denúncias de corrupção na FIFA, a cobertura jornalística foi, na maioria das vezes, tímida. Parece haver um medo, por parte dos meios de comunicação, de que ocorra um enfraquecimento da paixão pelo futebol e, com isso, a queda de audiência devido a um possível desinteresse do público ao saber dos bastidores do esporte. Por outro lado, esses mesmos casos de corrupção, se não divulgados e investigados, também podem ameaçar a confiança do torcedor no esporte. Cabe à mídia não só mostrar resultados de partidas e transferências de jogadores, mas todos os aspectos econômicos, políticos e sociais que envolvem o futebol, dando mais transparência e credibilidade a tais acordos e defendendo os torcedores de serem enganados através da exploração de suas emoções.

Diante do espaço privilegiado do telejornalismo esportivo para construir, atualizar e reforçar determinadas tipificações, é fundamental perceber quais elementos são reiterados na produção dessas séries para constituir a ideia de brasilidade, fazendo com que os telespectadores se reconheçam nas imagens produzidas. Além disso, é preciso identificar os elementos silenciados na maioria dessas narrativas e as motivações para que certas facetas do esporte não apareçam na mídia, criando uma representação ilusória, que é repetida de geração para geração, reproduzindo uma ideia hegemônica que reforça os interesses de uma classe dominante. Tais representações se materializam como parte da cultura vivida do povo brasileiro, disseminando valores, normas, estereótipos e preconceitos vivenciados de forma concreta pelos sujeitos.

As inúmeras lesões a que os jogadores estão suscetíveis ao longo da rotina intensa de jogos, que podem chegar a três partidas por semana dependendo da época do ano e da classificação dos times nos campeonatos, refletem, além do cansaço e exigência extremas, um comportamento agressivo dentro de campo, uma luta sem critérios pela disputa da bola. Casos recentes de violência, como a lesão do jogador Neymar na Copa do Mundo de 2014, impedindo-o de disputar a semifinal, e da lesão do jogador Bolaños do Grêmio, que passou por uma cirurgia no maxilar depois de levar uma cotovelada do lateral William do Internacional, durante a disputa do Grenal 409, podem influenciar o comportamento das torcidas do lado de fora das quatro linhas. A rivalidade entre torcidas organizadas pode gerar episódios graves, como a morte de jovens torcedores, depois de brigas na saída dos estádios e nas estações de metrô, como

aconteceu em abril de 2016 entre corintianos e palmeirenses. Os confrontos aconteceram em três regiões de São Paulo, uma pessoa morreu e vinte e cinco foram presas. Tais fatos parecem ser deixados em segundo plano pelo telejornalismo esportivo, que não abre espaço para discussões sobre o assunto nem para a manifestação de torcedores vítimas de agressões.

No ranking<sup>47</sup> das torcidas mais violentas do Brasil, figuram Corinthians, Goiás, Fortaleza, Palmeiras, São Paulo e Vasco. Como os jogadores são vistos como exemplos, heróis para uma legião de torcedores, a agressão e a falta de controle emocional dentro de campo podem influenciar o comportamento das torcidas, que se espelham em seus ídolos. O jogador<sup>48</sup> que foi mais perseguido na Copa do Mundo de 2014, ou seja, que sofreu mais faltas, foi o camisa 10 Neymar. Já Luiz Gustavo foi quem mais cometeu faltas na Seleção Brasileira: com um total de 15, o jogador finalizou com o posto de quarto colocado no ranking de faltas cometidas em toda a competição. Thiago Silva, capitão da Seleção Brasileira, levou o cartão amarelo mais rápido da Copa do Mundo de 2014, aos 2 minutos de jogo, na partida contra a Holanda. O Brasil foi a Seleção com mais cartões amarelos no Mundial, com um total de 14. Thiago foi expulso após receber seu segundo cartão amarelo no jogo contra a Colômbia, o que o tirou da semifinal. Essa agressividade no esporte não aparece nos programas esportivos, já que a intenção é reforçar as ações positivas dos jogadores fora e dentro de campo, construindo uma imagem deturpada da realidade do esporte, pois parecem menosprezar os atos de violência que transbordam os próprios estádios e invadem as ruas. Parece não haver o interesse de desvincular a relação entre esporte e saúde, esporte e felicidade, já que esses elementos parecem ligar a paixão do brasileiro ao futebol.

Dessa forma, é possível perceber que as representações telejornalísticas sobre futebol se concentram, na maioria das vezes, no que acontece ou reflete dentro de campo: o placar dos jogos, o calendário dos campeonatos, a substituição dos técnicos, a contratação de jogadores, os gols marcados, o esquema tático, a preparação física, entre outros. O que acontece fora de campo, extrapolando as quatro linhas que o demarcam, é silenciado ou raramente divulgado. Assim, ficam menosprezados os casos de corrupção, a falta de políticas públicas, os contratos milionários de transmissão dos jogos, o preço dos ingressos, o preconceito racial e de gênero, a falta de oportunidades, a exploração

---

<sup>47</sup> Dados obtidos no site <http://blogtorcidashow.blogspot.com.br/2012/04/ranking-das-torcidas-mais-violentas.html>. Acessado em 25/07/2016.

<sup>48</sup> Dados disponíveis em: <http://esportes.terra.com.br/messi/melhor-da-copa-messi-chutou-menos-que-ronaldo-veja-ns.20804cf922037410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acessado em 23/03/2016.

dos atletas, entre outros. O telejornalismo esportivo brasileiro associa, assim, três elementos principais para narrar os acontecimentos: emoção, linguagem bélica e rivalidade. Conforme explica Branco (2006), essa linguagem bélica pode ser entendida como um substituto para o conflito armado, estimulando a rivalidade por meio da emoção. Essa presença do caráter belicoso e viril nas narrativas esportivas reverbera nas construções das tipificações dos jogadores de futebol, na busca de associação com a imagem do herói. Os jogadores brasileiros são, assim, representados “como soldados, que precisam de garra, raça e amor à pátria para cumprir seu dever com o país” (BRANCO, 2006, p. 200).

A cultura vivida, representada pelo contexto político, econômico e social, parece ameaçar os interesses defendidos pelo telejornalismo esportivo ao mostrar um lado negativo do esporte, já que ela é ocultada a fim de garantir a audiência e preservar a imagem do esporte como algo positivo, que oferece um momento de prazer depois de enfrentarmos as batalhas diárias e nos informarmos sobre as notícias do dia. Parece que o telejornal, após divulgar as notícias sobre economia, política, criminalidade, deixa para o último bloco o esporte, como se ele existisse por si mesmo, apartado da realidade social. Além de aspectos mercadológicos, também estão envolvidos fatores ideológicos, que visam à manutenção do *status quo* através da propagação da ideologia neoliberal, do reforço dos ideais de uma sociedade branca e machista, do falso empoderamento das classes sociais mais baixas e do estímulo à meritocracia em contraposição ao cotidiano de oportunidades desiguais.

Assim, o telejornalismo esportivo não cumpre seu compromisso com o interesse público, já que é seu dever tornar transparentes os processos que envolvem o futebol, sejam eles negativos ou positivos, para que os telespectadores possam construir seu próprio critério de julgamento, refletindo criticamente a partir de dados concretos da realidade, que não o alienem através de uma representação ilusória, mas que o auxiliem a expandir sua visão sobre o futebol. Dessa construção do esporte como fonte de prazer, isolado das demais esferas sociais, pode imergir a crítica direcionada ao telejornalismo esportivo de que esse gênero não seria jornalismo, mas puro entretenimento.

É preciso deixar claro que as inovações propostas pelo gênero esportivo ao deixar o texto mais leve e informal, ao permitir que os apresentadores fiquem mais à vontade no estúdio e ao possibilitar mais interação com o telespectador, são fatores que inspiram os demais gêneros jornalísticos a também se reformularem, reconstruindo sua

linguagem e seu contato com o telespectador. A maioria das inovações que chegam aos telejornais mais tradicionais acontece primeiramente nos programas esportivos, que funcionam como um espaço de experimentação. Somente após de testadas e aprovadas pelo público, passam a integrar a rotina das redações consideradas mais clássicas.

Podemos dizer que o telejornalismo esportivo inovou em termos de formato nos últimos anos, mas, em relação ao conteúdo, continua explorando as mesmas pautas e construindo as mesmas representações. O que se critica no telejornalismo esportivo, portanto, não é sua abertura para a criatividade nem seu contato com o entretenimento, mas a sua falha ao tornar o esporte uma fonte de alienação social, em vez de garantir o direito à informação a todos os cidadãos e de construir uma sociedade mais justa e igual, avançando na distribuição de recursos e na criação de políticas públicas mais diversificadas. O cumprimento de sua responsabilidade social pode inclusive contribuir para atrair mais jornalistas a essa editoria ao perceberem que o esporte vai muito além das quatro linhas que demarcam um campo, e que é preciso se especializar para poder ocupar tais postos, inspirando futuros estudantes a enxergarem nesses exemplos a possibilidade de realização de pautas realmente transformadoras, que permitam relacionar e tensionar a cultura vivida com as representações construídas pelo telejornalismo esportivo, as quais, não raras vezes, contrastam com os fatos da realidade social. É fundamental repensarmos o currículo dos cursos de jornalismo, para que possamos compreender o telejornalismo esportivo enquanto fenômeno social, modalidade que atualmente é excluída da grade curricular ou é oferecida apenas como disciplina eletiva.

#### **4.5 Análise textual da série especial**

Nesta subseção, analisaremos as reportagens relacionadas às histórias de vida dos jogadores Maxwell, Victor e Daniel Alves, veiculadas na série especial do Jornal Nacional, a partir de duas categorias propostas pela metodologia de análise textual: a) sujeitos e interações e b) história. Na categoria de sujeitos e interações, analisaremos a densidade dos sujeitos no tempo e no espaço, seu estilo de comportamento, bem como sua função no programa e seus respectivos papéis narrativos. Na categoria analítica da história, verificaremos a presença de uma ou de várias histórias, caracterizadas por uma situação de ordem inicial, a sucessiva instauração da desordem e a solução; a estrutura temporal de cada história e a existência de fios narrativos e suas interações recíprocas (CASETTI; CHIO, 1999).

A partir de uma análise preliminar da série de reportagens, escolhemos, para análise, um exemplo aleatório que representa a história de vida padrão da maioria dos jogadores retratada na série, caso do jogador Daniel Alves; o único exemplo de jogador com diploma de curso superior, o goleiro Victor, e o único exemplo de jogador que vem de uma família com condições financeiras favoráveis, o lateral Maxwell. Através das categorias analíticas mencionadas, verificaremos os elementos em comum e as diferenças existentes nestas histórias de vida, chegando aos tipos construídos pela série e seus modos de representação. Além disso, problematizaremos os possíveis impactos sociais gerados a partir de tais tipificações telejornalísticas.

#### 4.5.1 Sujeitos e interações

Para a categoria de sujeitos e interações, dividimos os personagens da série em duas categorias: sujeitos fixos e sujeitos variáveis. Existem sujeitos que aparecem em todas as reportagens da série, recebendo um lugar de destaque na construção dessas histórias. São eles: o repórter Tino Marcos, o jogador cuja história de vida está sendo retratada e a família deste jogador, que pode ser representada pela mãe, pelo pai, pela esposa, pelos filhos, pelo irmão, por um primo, entre outros. Há outros personagens que não aparecem em todas as reportagens da série, variando conforme as escolhas do repórter para construir a narrativa. Dentre eles, estão: no caso de Maxwell, o técnico de natação; no caso de Victor, a professora e a coordenadora do projeto social e, no caso de Daniel Alves, os vizinhos.

Tais sujeitos desempenham papéis diferentes e não são representados da mesma forma nas reportagens. No caso de Maxwell, a família ganha um destaque maior do que nas outras duas reportagens analisadas, dando lugar às falas da mãe, do pai, do irmão, da esposa e das filhas. Na reportagem de Victor, há espaço apenas para a mãe e a esposa. Já no caso de Daniel Alves, aparecem o pai, o irmão e o primo. Maxwell é o caso em que a família recebe maior destaque na série, descrevendo a personalidade do jogador e sua trajetória no esporte: das piscinas para o futsal e, por fim, para o futebol. A mãe e o pai aparecem para descrever a trajetória do jogador no esporte, a resistência da família aos convites para jogar em clubes de futebol, evidenciando uma clara preferência pela natação, até que o jogador vai jogar em um time holandês aos 18 anos e se consagra no futebol. Para a família de Maxwell, ser jogador de futebol nunca foi um sonho, uma oportunidade de ascensão, já que a família tinha boas condições financeiras. Muitos foram os convites recusados, as incertezas em relação à carreira. Apenas com a

persistência do jogador, a família viu que não tinha mais como impedi-lo de jogar futebol e acabou cedendo. Essa construção é feita de forma atenuada na série, a fim de não ameaçar a imagem padrão de jogador de futebol, a qual faz alusão àquele que carrega o sonho de ser jogador de futebol e a missão de salvar a família da miséria.

Além do fato de Maxwell vir de uma família com todo o conforto material, ele é o jogador menos conhecido do público, segundo a própria fala dos apresentadores, tendo em vista que saiu do Brasil muito cedo e nunca mais voltou. O repórter apela, assim, para a família para criar um laço afetivo com o público, mostrando sua esposa e suas filhas torcendo pelo desempenho do pai na competição. A mãe de Maxwell aparece também para descrever a tragédia vivida pela família com a perda do irmão do jogador em um acidente de carro, o que aproxima o jogador do público ao mostrar os obstáculos e os sofrimentos que enfrentou ao longo do caminho. O jogador também é construído como bom-moço ao ter sido a força da família na ocasião da perda do irmão, levando os pais para morarem com ele na Holanda e oferecendo uma oportunidade de recomeço para a família. A mãe também aparece como exemplo na vida do jogador por ser maratonista. Dá a ideia de que, por causa dela, o jogador entrou no esporte, seguindo os passos da mãe. O jogador, por sua vez, promete na série que correrá uma maratona com a mãe um dia, mostrando gratidão por toda sua dedicação e apoio. O irmão aparece nesta parte apenas para reforçar o incentivo dado pela mãe para a prática de exercícios, mostrando o papel relevante na educação dos filhos.

No caso de Maxwell, é mencionada ainda sua relação de amizade com o jogador sueco Zlatan Ibrahimovic, que jogou com ele em diversos clubes europeus. Aqui fica evidente o reforço da imagem do jogador como alguém solidário, amigo e altruísta, pois ajudou Zlatan financeiramente quando este gastou todo o seu primeiro salário com a compra de um carro. O técnico de natação, Laurindo Dobra, aparece para mostrar o lado competitivo de Maxwell, que nunca se contentou com um lugar no pódio que não fosse o primeiro e, certamente, fica a mensagem implícita que não se contentará em ser vice no Mundial, satisfazendo-se apenas com o hexa. Laurindo explica que não teve como conter a escolha de Maxwell pelo futebol, apesar de seu bom desempenho na natação, dando a impressão que o destino do menino era esse, não havia como escapar.

O lado religioso, de predestinação, aparece com força maior no caso do jogador Victor. O goleiro é descrito, desde o início da reportagem, através de seu apelido “São Victor”, adquirido após defender três pênaltis na reta final da inédita conquista da Taça Libertadores para o Atlético Mineiro. Apesar da negação da mãe de Victor em vê-lo

como santo, a qual é construída como uma religiosa devota, os vizinhos do jogador aparecem para santificá-lo, colocá-lo acima dos demais, capaz de operar um milagre e trazer o hexa para o Brasil. A mãe também aparece para mostrar o quanto foi difícil a saída do filho de casa aos 14 anos, mostrando que a família não podia demonstrar seu sofrimento para não prejudicar o sonho do filho. O jogador, por ser o único a ter um diploma de curso superior entre todos os convocados, é construído como um ótimo aluno, mostrando que sempre foi dedicado aos estudos e só está colhendo o que plantou. É feita, assim, uma concessão para “uma raridade dentro do esporte”, como o próprio repórter fala, mostrando Victor como um bom aluno, que só tirava nota dez, que superava as expectativas das professoras. A professora Rose aparece na reportagem não só para ratificar o bom desempenho de Victor na escola, mas também para elogiar seu comportamento, descrito como dócil, obediente, mostrando que o jogador sempre foi disciplinado, o que pode ser um ponto positivo para a Seleção Brasileira.

Já a esposa Gisele coloca o jogador em um verdadeiro pedestal, referindo-se a ele como um ser humano fantástico, aonde ela ainda quer chegar, colocando-o, portanto, acima de todas as outras pessoas, uma referência que deve ser seguida. O repórter inclusive ironiza perguntando à esposa se Victor não tem nenhum defeito, ao que ela responde que ele se irrita com o trânsito, um defeito totalmente irrelevante, que não agride a imagem de “ser humano fantástico” construído por ela. O jogador, apesar de não ser pai, aparece também brincando com suas cachorras de estimação no pátio de casa, reforçando seu lado dócil, brincalhão, “família”. A coordenadora do projeto social, liderado por Victor e amigos da igreja, Gisselma Anastácio, idealiza o jogador, rogando para que o mundo tenha mais pessoas como ele. Ela mostra a relevância de Victor para a vida das crianças, reforçando seu lado solidário e sua responsabilidade social. As crianças do projeto fazem cartazes agradecendo Victor, mostrando sua gratidão pelo empenho do jogador no projeto. O repórter mostra, assim, que tem uma torcida grande e muitas expectativas a superar: afinal, como ele vai desapontar as crianças do projeto social, que o tem como um ídolo? Toda essa pressão é colocada sobre o jogador, que deve corresponder o gesto das crianças com seu desempenho em campo.

No caso de Daniel Alves, os vizinhos aparecem para mostrar a simplicidade do lugar onde o jogador nasceu. Eles, sentados em uma rede, em uma casa muito simples de barro, no sertão nordestino, respondem felizes ao repórter que possuem várias árvores frutíferas, o que, para Tino Marcos, mostra um lugar “onde ainda se valoriza o que se tem”. O primo Alex aparece na lavoura de melão, que agora pertence ao pai de

Daniel, mostrando como era a rotina do menino, que acompanhava o trabalho do pai na roça. Alex fala da personalidade de Daniel, sempre brincalhão, carregando um ar de nostalgia dos velhos tempos. O primo continua exercendo a mesma função na lavoura, cuidando da roça, colhendo os melões, sob um sol forte, de mais de 30 graus. O pai de Daniel, Seu Domingos, é construído como uma referência para o jogador, o qual sempre o acompanhava na lavoura, acordando às 5h da manhã para trabalhar com o pai. Seu Domingos é construído como um homem simples da roça, com um sorriso no rosto, com o prazer de fazer o que sempre gostou, mesmo com a possibilidade de sair do sertão com a ascensão econômica do filho.

Já o irmão Ney mostra as dificuldades enfrentadas no início da carreira: o pai foi taxado como louco pelos vizinhos por ter mandado os filhos para a cidade grande, colocando-os em contato com as drogas e em risco de passar fome. O irmão se emociona, evidenciando os obstáculos no início da carreira, a superação característica do jogador. Ney lembra que o sonho dos irmãos era ser jogador de futebol ou músico, como, se, por ironia do destino, como predestinação, os dois tenham seguido o que planejaram: Daniel no futebol e Ney na música. Ficam claras as duas únicas possibilidades aos meninos do sertão nordestino: vencer pelo esporte ou pela música, duas funções que não exigem instrução formal, mas talento, sorte, predestinação e esforço. A história de Daniel é representada de forma destacada na série, representando uma forma padronizada e idealizada da vida de jogador de futebol: ter origem humilde, superar obstáculos, persistir no seu sonho e conquistar a ascensão econômica.

O repórter Tino Marcos, por sua vez, coloca-se como condutor da narrativa, aparecendo apenas durante a passagem da matéria em algum lugar significativo para o jogador: para Maxwell, ele aparece no Clube Libanês do Espírito Santo, onde o menino praticava natação, um clube de classe média alta, reforçando as condições econômicas da família e a estrutura que ele tinha a seu dispor; para Victor, ele aparece no pórtico de entrada de sua cidade natal, Santo Anastácio, justamente para reforçar a ideia de santificação do jogador; para Daniel Alves, ele aparece na plantação de melão onde o menino trabalhava com o pai, reforçando a associação com o verde e amarelo da lavoura e do melão e as cores da Seleção Brasileira, como se fosse um sinal do destino do menino. O repórter vai, assim, enfatizando os pontos que ele julga merecerem destaque, construindo os jogadores de futebol, apesar de algumas diferenças, como seres superiores, que servem de referência aos demais, e, talvez, por isso mereçam a confiança do povo brasileiro.

#### 4.5.2 História

As três histórias analisadas na série partem de uma situação de ordem inicial, representada por condições determinadas de vida, vivenciadas pelos sujeitos diariamente. No caso de Daniel Alves, temos a reconstrução do cenário de sua infância: uma paisagem árida do sertão nordestino, com vegetação típica de regiões secas, com algumas casas de barro espalhadas pela roça. Os vizinhos dão o tom daquela ordem das coisas: apesar do pouco que tem e da vida sofrida que levam, cultivam o sorriso no rosto, valorizando a variedade de árvores frutíferas que possuem no quintal. De certo modo, uma representação que induz o telespectador a pensar que, apesar de todo o sofrimento e a penúria, se você sorrir e valorizar o pouco que tem, poderá ser feliz. A plantação de melão também representa o cotidiano da família, que dependia da lavoura para seu sustento: uma rotina cansativa, debaixo de sol forte, uma luta constante contra a seca na região. Assim, existe uma ordem inicial representada pela pobreza e pela aridez, mas acompanhada pela simplicidade e pela alegria de viver, que, supostamente, amenizam a pobreza e a vida difícil, já que as políticas públicas não chegam naquela região. No caso do jogador Maxwell, existe uma ordem inicial das coisas, representada pela família unida, com todo o conforto material, as tardes de treino no Clube Libanês do Espírito Santo, as competições. Essa situação marca uma relativa tranquilidade, garantida pelas boas condições financeiras da família e pelo sucesso de Maxwell nas piscinas. O goleiro Victor tem a sua infância representada, principalmente, no seu desempenho escolar: ótimo aluno, só tirava notas boas, tinha um comportamento impecável, muito disciplinado. Além disso, a família de Victor é representada como uma família simples, mas unida, que não mediu esforços para apoiar o sonho do filho, mesmo tendo que esconder todo o sofrimento de vê-lo longe de casa.

Essa ordem inicial é abalada quando o jogador inicia seu percurso na carreira de jogador de futebol. Daniel Alves vai com o irmão para Juazeiro jogar no clube da cidade, seu pai ouve comentários da vizinhança criticando sua decisão em deixar os filhos saírem da roça – afinal, eram muitos os perigos de uma cidade grande. Os primeiros centros de treinamento onde o jogador morava tinham condições precárias de higiene e de estrutura. Além disso, Daniel enfrentava essa situação longe da família, sem dinheiro para poder ir com frequência para casa, com apenas duas peças de roupa, correndo o risco ainda de ter suas roupas roubadas por outros colegas. Maxwell abala a ordem inicial das coisas quando, mesmo contra a vontade dos pais, decide apostar no futebol e abandonar as piscinas. Os pais, vendo que já não podem ir contra a decisão do

filho, decidem apoiá-lo. Maxwell vai jogar na Holanda com 18 anos de idade, deixando os pais com saudade, apreensivos pela escolha do filho, mas sempre do lado dele. A situação de desordem é ainda agravada quando morre o irmão do jogador, exigindo de Maxwell muita força para apoiar os pais e seguir lutando pelo seu espaço no futebol. Para Victor, a desordem inicia quando decide tentar a carreira de jogador de futebol, abandonando temporariamente a sala de aula, a rotina de estudos, morando longe da família, enfrentando a saudade e o sofrimento.

Por fim, existe em todas as histórias a instauração de uma solução, de uma nova ordem final para as coisas. Daniel Alves se consagra como lateral direito de um dos maiores clubes de futebol do mundo, o Barcelona. Vira capa de diversas revistas de moda pelo seu estilo irreverente, dirige um carro de luxo pelas ruas da cidade espanhola, compra a lavoura de melão para o pai seguir trabalhando com condições melhores na roça, conquista uma legião de fãs nas ruas, é convocado para a Seleção Brasileira. Essa convocação representa, para todos os jogadores, a recompensa final, o motivo de ter passado por tantas dificuldades, o prêmio por ter persistido, que justifica o sofrimento e as decisões tomadas, silenciando as mazelas do passado de pobreza. Daniel insiste ainda que, apesar dessa nova condição de vida, carrega o Brasil no peito, pois continua com a alegria de ser brasileiro, ouvindo samba e sentindo saudades do país natal. Maxwell atinge uma nova ordem para as coisas quando se consagra em diversos clubes europeus, conquista a amizade de jogadores importantes no cenário do futebol, forma uma família aparentemente feliz e orgulhosa. Já Victor é reverenciado como santidade nessa nova ordem final, após grandes atuações no Atlético Mineiro. Além disso, tem o amor e a admiração da esposa que o tem como “um ser humano fantástico”, apoia um projeto social para crianças carentes, que o tem como referência. Victor retoma consegue terminar a faculdade de Educação Física, resgatando seu lado estudioso e disciplinado, além de se manter dócil como era na infância, brincando com suas cachorras de estimação e mantendo um comportamento calmo, enfatizado por sua esposa.

Todas as reportagens analisadas abordam as mesmas estruturas temporais, não necessariamente na mesma sequência: a infância, a adolescência, a vida adulta e as perspectivas para o futuro. A infância, – sofrida para Daniel Alves, nas piscinas do clube Libanês para Maxwell e em cima dos livros para Victor, é um momento de formação do caráter, da personalidade, dando as bases para o jogador enfrentar as provações que virão. A adolescência é a fase em que todos precisam lutar pelo seu espaço dentro do futebol, ficando longe da família, enfrentando uma concorrência

acirrada com outros jovens, persistindo pelo seu sonho. A vida adulta é marcada por algumas perdas e sofrimentos, mas é representada pela consagração no esporte, pela legião de fãs, pelo reconhecimento mundial, pela convocação para a Seleção Brasileira. As perspectivas para o futuro são todas positivas, dando como certa a conquista do hexacampeonato para o Brasil, o que faria desses jogadores pessoas inesquecíveis na memória do torcedor brasileiro. Quanto à estrutura espacial, varia consideravelmente conforme a história de vida analisada: na reportagem de Daniel Alves, há um cenário de aridez e pobreza na infância, da lavoura de melão do pai, da casa de barro. Há também o cenário dos primeiros clubes onde o jogador atuou, ainda com condições medianas de estrutura. Por fim, aparece Daniel pelas ruas de Barcelona, cercado por fãs, dirigindo seu carro de luxo, vestindo roupas de marcas famosas.

Na história de Maxwell, há o cenário de uma casa com boas condições materiais, onde a mãe dá as entrevistas, as piscinas do Clube Libanês do Espírito Santo, um clube de classe média alta, e os principais estádios europeus onde o jogador já atuou. Victor aparece nos primeiros clubes onde atuou, na sua casa de luxo com a esposa e as cachorras e a frente do Atlético Mineiro. Ainda há o cenário religioso da casa da mãe de Victor, que marca a devoção da família, reforçando os sentidos da santidade, a escola onde Victor estudou na infância e a faculdade onde se formou já adulto, a sede do projeto social em que participa. Todas as reportagens são finalizadas no mesmo espaço: os jogadores em campo, vestindo a camisa amarela da Seleção Brasileira, sendo ovacionados pela torcida, vibrando com os colegas de equipe, demonstrando que o estágio final da história, o local do final feliz é no estádio, trazendo o suposto hexacampeonato para o Brasil.

#### 4.5.3 Tipificações dos jogadores na série especial

Através da metodologia de análise textual, observamos detalhadamente o texto televisual a partir de duas categorias propostas pela análise textual: a) sujeitos e interações e b) história. A partir daqui, elencaremos os resultados obtidos através da análise das três reportagens da série especial relacionadas às histórias de vida de Maxwell, Victor e Daniel Alves. Existe uma tipificação hegemônica enfatizada pela série, representativa da maioria dos jogadores, a qual denominaremos como tipo pobre. Daniel Alves, o qual se classifica nessa tipificação, é descrito através de uma

personalidade carismática, alegre e batalhadora. São destacados os obstáculos que esse jogador teve que ultrapassar para conquistar o sucesso na profissão, como suas

origens humildes no sertão nordestino, a saudade da família e dos amigos, as condições precárias dos primeiros centros de treinamento. Todas essas adversidades precisaram ser necessariamente vencidas, com muita força de vontade, a fim de se tornar um jogador consagrado na profissão, o que é percebido, na série, através da ascensão econômica do atleta e, conseqüentemente, de sua família.

O tipo pobre também é associado à figura de um mentor, ou seja, de uma pessoa que é referência na vida do jogador, que o incentivou desde o início, para quem ele pede conselhos, em quem ele se inspira, a quem recorre em momentos de angústia. Esse mentor geralmente aparece representado na figura de algum familiar, como é o caso do pai de Daniel Alves. A esse exemplo o jogador se refere com gratidão, como alguém que reconheceu seu potencial, incentivando-o a persistir na carreira e apoiando suas escolhas. O tipo pobre aparece ainda fortemente associado à figura de bom-moço: são pais exemplares, filhos maravilhosos, maridos atenciosos e cidadãos-modelo. Devem ser tomados como referência de moral e persistência, como pessoas que valorizam a família em primeiro lugar. Além disso, sabe de onde veio e, por isso, jamais é tomado pela soberba: a humildade e a simplicidade são características fundamentais da composição deste jogador. Outra característica identificada é a da superação, a qual perpassa todos os demais significados construídos em torno do tipo pobre. A ideia de superação envolve uma característica comum entre tais jogadores: a perseverança, ou seja, a persistência diante das dificuldades, a força de vontade para correr atrás de seu sonho e para enfrentar um mundo novo muito cedo e o esforço pessoal para aproveitar todas as oportunidades que a vida oferece.

Diante de uma tragédia familiar ou de um contexto socioeconômico desfavorável, esses jogadores não se abalam, seguem em frente em busca de uma vida melhor para si e para sua família. A ideia de superação significa também um recomeço, quando o jogador passa por um momento difícil na carreira: uma lesão, um caso de indisciplina, um desentendimento com o treinador, a saudade da família. Apesar de alguns jogadores cogitarem a possibilidade de desistir da carreira, eles superam as dificuldades em nome da paixão pelo esporte. É como se fossem predestinados para serem ovacionados pela torcida e para serem reconhecidos mundialmente, não podendo fugir do seu destino.

Dessa forma, podemos perceber que a superação é um elemento comum entre as histórias de vida do tipo pobre e a característica mais explorada pelo repórter durante as reportagens. Assim, a superação está evidenciada na personalidade do jogador ao

mostrá-lo como alguém forte e persistente; está também nos obstáculos, pois o jogador precisa superá-los para conquistar o sucesso na carreira; está ainda representada na figura do mentor, pois é ele quem apoiou e inspirou o jogador a se superar e se tornar um dos melhores do país; por fim, está presente na ideia de heroísmo, pois o herói precisa ser corajoso o suficiente para superar as adversidades ao longo do percurso, dar o exemplo, seguindo o caminho do bem, para só então conquistar a consagração final, representada, neste caso, pela convocação para a Copa do Mundo de 2014. A superação parece, assim, cimentar o conceito da meritocracia na série.

A consagração desses jogadores é representada através da sua ascensão econômica; a miserabilidade não deixa de ser narrada, mas é apenas representada para marcar o ponto inicial, a partir do qual todos deveriam necessariamente querer sair. O tipo pobre relembra as suas origens humildes e demonstra gratidão às pessoas que o ajudaram, deixando claro que é preciso ir em busca de uma vida melhor e incentivar os jovens a irem atrás de seus objetivos, como se bastasse querer ser jogador para obter sucesso. Assim, parece que a situação econômica é responsabilidade exclusiva de cada um, o que demonstra, em uma equação simplista, que, se o indivíduo não conquistou seu espaço no esporte, é porque não lutou o suficiente pelo seu sonho.

Nesse sentido, constrói-se a ilusão na série de ordem meritocrática de que as oportunidades existem para todos, cabendo ao sujeito aproveitá-las. Os pobres que superaram a condição de miséria e saíram vitoriosos são tidos como heróis na série, enquanto que aqueles que enfrentam uma jornada dupla como jogadores amadores, lutando para sustentar a família com um salário miserável no final do mês, treinando em campos improvisados sem nenhum acompanhamento médico, são simplesmente tidos como fracassados. Essa estratégia visa à identificação da audiência com os jogadores de sucesso, deixando à margem os jogadores amadores, os quais só aparecem na série através de comparações visando ao fortalecimento da imagem do jogador de sucesso.

Os jogadores tidos como decadentes, que vencem a condição inicial de miséria, chegam à consagração econômica e retornam, por inúmeros motivos, ao ponto inicial, são simplesmente ocultados na série, uma vez que não confirmam a construção do tipo hegemônico ao apresentarem outras possibilidades de vida e escolhas. Devido à tipificação do jogador de futebol no país pelos meios de comunicação, em especial pela televisão, muitos atletas amadores deixam de ter sua identidade reconhecida e deixam de ser integrados em políticas públicas.

Os raros casos de jogadores que vêm de famílias com uma situação financeira mais confortável, como é o caso de Maxwell, são mencionados de forma atenuada na série a fim de que a informação passe despercebida do público e de que a ficção construída em torno das histórias de vida dos jogadores se mantenha de acordo com o padrão estabelecido. Parece que o fato de existirem jogadores com situação econômica mais favorável no esporte ameaça a ideia padronizada de que todos os jogadores de futebol saíram da sua situação inicial de miséria e conquistaram a ascensão econômica, o que abalaria a tentativa da série de reforçar a associação entre ser jogador de futebol e conquistar um status mais favorável na sociedade, fator que alimenta o sonho de milhares de crianças no país e estimula a estratificação social, reforçando a divisão e o preconceito entre as classes. O tipo rico apresenta um potencial de se constituir como uma força contra-hegemônica, resistindo à construção padronizada do tipo pobre. O fato de uma pessoa, com todo o conforto material, optar por ser jogador de futebol, parece ser uma contradição, já que o futebol é representado como um instrumento de ascensão social apenas para os mais pobres, uma rara oportunidade para que conquistem um lugar na sociedade. O futebol representa para a maioria dos garotos o sonho de ter uma profissão que renda fama e, principalmente, altas cifras. Há jogadores, no entanto, que sempre tiveram uma boa condição financeira da família e escolheram a bola mais por realização pessoal do que pela possibilidade de ganhar muito dinheiro. Tais casos são representados pelos raros exemplos dos jogadores Kaká, Raí, Rogério Ceni e Elano.

A questão da escolaridade também atua na construção do tipo graduado, representada pelo caso único do goleiro Victor na série. O goleiro se superou ao conseguir se formar em um curso de ensino superior, estudando durante as concentrações e se dividindo entre a sala de aula e o campo de futebol. Victor é um caso raro no futebol, o que demonstra o seu esforço para concluir a faculdade e para buscar mais conhecimento e sua consciência ao pensar em um plano secundário diante de uma profissão tão instável quanto a de jogador. Outros casos de jogadores que concluíram o ensino superior são Sócrates (década de 1980) e Tostão (final da década de 1960), graduados em Medicina, e César Sampaio (final da década de 1990), graduado em Administração.

Os casos raros de formação superior dentro do futebol mostram o quanto não há a preocupação por parte dos jogadores de terem um segundo plano oferecido por meio da instrução formal, que traria mais segurança, tendo em vista que a carreira neste esporte é pouco duradoura e instável. No imaginário popular, o futebol é visto como

uma forma de ascensão social fácil e rápida, principalmente pelas camadas mais baixas da população, já que o nível de escolaridade não é pré-requisito para o sucesso na carreira. Assim, o conhecimento adquirido através da instrução formal parece totalmente dispensável para a maioria dos jogadores, que já ganham salários elevados e têm reconhecimento mundial. Faz parte desse imaginário em torno da profissão o fator do destino, como se a pessoa fosse predestinada a ser jogador de futebol ao ter sido abençoada com o “talento nos pés”. Isso faz com que talento e força de vontade pareçam suficientes para conquistar o sucesso, à revelia das condições e oportunidades díspares dadas às crianças brasileiras, seja pela precarização das políticas públicas, do lucro como finalidade suprema na iniciativa privada ou da omissão da sociedade civil, que muitas vezes silencia diante da opressão, tudo isso faz com que grande parcela delas não tenha seu sonho realizado ou, pior ainda, sua cidadania reconhecida.

A partir de uma representação sutil dessas exceções no esporte, a série reforça os lugares reservados a cada classe na sociedade, cabendo aos mais favorecidos economicamente conquistar o diploma de ensino superior em profissões liberais prestigiadas, e deixando para as classes menos abastadas a obrigação de se conformar com sua situação econômica, exercendo funções que não exijam instrução formal, como as de empregada doméstica, ou com baixo retorno financeiro, ou ainda a opção de se tornarem jogadores de futebol, cantores, atores ou modelos, se tiverem talento, sorte e força de vontade. Essa realidade opressora reflete as desigualdades sociais existentes no país, que impedem a transformação social e funcionam como estratégias para a cristalização de preconceitos e estereótipos, muitas vezes, com o auxílio do telejornalismo. Assim, o futebol é retratado como um exemplo de uma realidade ilusória, em que há oportunidades iguais para todos, cabendo ao sujeito a responsabilidade por sua condição atual de vida e reforçando princípios meritocráticos que premiam esforços individuais em detrimento da coletividade; no entanto, apoiam-se na meritocracia para criar distinções e enaltecer diferenças que inferiorizam.

A característica do bom-mocismo, reforçada na forma como o tipo pobre é representado na série, contrasta com a ideia de malandragem através da qual os brasileiros são comumente reconhecidos mundialmente. O jeitinho brasileiro parece ficar dentro de campo, restrito ao gingado, ao drible e aos passes; fora de campo, esse tipo de jogador é exemplo de pai, marido, filho e cidadão, referência que deve ser seguida pelos telespectadores. Quando há a evidência de certos defeitos e erros

cometidos ao longo da carreira, eles logo são superados em nome da moral e do bem-estar da família, para que a ideia de heroísmo seja retomada no final da jornada.

É fundamental ressaltar que o fato da série de reportagens colocar os jogadores de futebol como protagonistas, a partir de suas histórias de vida, não significa que eles estão ganhando um espaço de fala. Suas histórias de vida são contadas através dos critérios editoriais da emissora, das estratégias narrativas adotadas pelo repórter, dos trechos das falas selecionados como merecedores de atenção, dos enquadramentos da câmera, dos destaques das trilhas sonoras, da interpretação de alguns fatos de sua vida tidos como relevantes pelo telejornal. Nesse sentido, os jogadores são apenas personagens passivos, conduzidos pelos interesses do telejornal, usados para propagar a ideologia dominante defendida pela emissora. Apesar de os jogadores convocados não serem sempre os mesmos, a maioria das histórias de vida são representadas sempre da mesma forma, o que faz com que a série, apesar de diferente, seja sempre igual.

Ao buscar evidenciar o protagonismo dos jogadores de futebol, colocando-os como personagens principais da série, a emissora e o telejornal cumprem apenas com uma tarefa mercadológica, na tentativa de ganhar audiência e gerar identificação através de uma representação ilusória e homogênea desses atletas. Por outro lado, esse falso protagonismo encobre inúmeras situações problemáticas, transmitindo a ideia de que se valoriza e representa todos os jogadores de futebol, sem levar em conta a diversidade e pluralidade de suas histórias de vida. Assim, a série não coloca em discussão novas representações, que poderiam levar a construções diferentes sobre a identidade do jogador de futebol no Brasil. Por parte da Rede Globo, como emissora que domina o espaço midiático e que atua na construção da brasilidade, dar voz à diversidade seria fazer jus a sua responsabilidade social como veículo de comunicação, informando e representando de modo plural a coletividade e a diversidade cultural do país – algo distante do jornalismo por ela praticado, desmerecendo sua condição de concessão pública em um Estado que, por sua vez, não fiscaliza e prorroga seu contrato com base no clientelismo.

Na tabela a seguir, evidenciamos os tipos hegemônico e contra-hegemônico construídos na série a partir da análise das histórias de vida de Maxwell, Victor e Daniel Alves. Além disso, demonstramos seus diferentes modos de representação, regidos pelos valores culturais vivenciados no presente, como forma de sintetizar o que foi exposto.

Tabela 2 – Tipos de Jogadores de Futebol Representados na Série

<b>TIPIFICAÇÃO</b>	<b>MODO DE REPRESENTAÇÃO</b>	<b>EXEMPLO ANALISADO</b>
Hegemônica: POBRE	Destaque	Daniel Alves
Contra-hegemônica: RICO	Atenuação	Maxwell
Contra-hegemônica: GRADUADO	Concessão	Victor

## PRORROGAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar as relações e tensões entre as tipificações construídas pelo telejornalismo esportivo, a partir da série especial com os jogadores da Seleção no Jornal Nacional, e a cultura vivida, a partir do contexto político, econômico e social. As tipificações veiculadas pelo telejornalismo, muitas vezes, reificam o esporte, naturalizam construções históricas e coisificam os sujeitos. É preciso trazer à tona as tensões políticas, econômicas e sociais que atravessam o futebol no Brasil, incentivando a construção de narrativas alternativas, que mostrem outras perspectivas e provoquem uma expansão crítica sobre esse esporte fundamental para a formação da própria ideia de brasilidade.

A contribuição deste estudo se deu no sentido de buscar inserir o telejornalismo esportivo dentro de um contexto para além das quatro linhas do campo, problematizando seus pontos de contato com a política, com a economia e com as relações sociais, esferas permeadas pela cultura. A partir da complexificação de um tema tratado normalmente de forma demasiadamente empírica e, por isso, marginalizado, procuramos chamar a atenção para a força do telejornalismo esportivo na construção de sentidos, no reforço de estereótipos, no achatamento crítico da audiência e na propagação da ideia de brasilidade a partir do futebol. As tipificações dos jogadores de futebol não podem simplesmente ser analisadas apartadas da realidade social em que se encontram, como se fossem um componente independente. Afinal, o futebol pode fazer parte da nossa história, de quem somos, de como nos enxergamos e de como somos reconhecidos e precisa ser analisado dessa forma para entendermos sua dinâmica no meio social.

É possível perceber que o futebol está associado a um falso espaço de democracia racial e social no Brasil, apologia que leva milhares de jovens a sonharem com a possibilidade de vestir a camisa de um grande clube e com a chance de ascenderem economicamente por meio do esporte. O futebol é, para esses sujeitos, um ambiente possível e democrático para se exercer o papel de agente social. Não se deve perder de vista que essa representação do futebol brasileiro está inserida em um contexto de uma sociedade de consumo que transforma o esporte em produto. O telejornalismo esportivo, por sua vez, se apoia em narrativas padronizadas para construir as histórias de vida dos jogadores de futebol, reiteradamente centradas no tipo pobre, que assume destaque na mídia, cristalizando uma imagem ilusoriamente

homogeneizante, que não dá conta da pluralidade e da complexidade dessas histórias, dificultando o desenvolvimento da consciência crítica da audiência. Esse tipo hegemônico atua no sentido de manter o *status quo*, a favor da ideologia dominante e da permanência da divisão de classes. Quando aparecem outras tipificações midiáticas dos jogadores de futebol, como o tipo rico e o tipo graduado encontrados na série analisada nesta pesquisa, elas são representadas por meio de estratégias de atenuação e concessão, por exemplo, a fim de que não desempenhem com eficiência seu papel como forças contra-hegemônicas, uma vez que ameaçam a construção padronizada desses sujeitos e podem inclusive levar a mudança de perspectivas sobre tal realidade, o que iria de encontro aos interesses da classe dominante.

Por meio dessa construção ilusória, a mídia representa o futebol como objeto de consumo, silenciando a realidade do esporte escondida pelos holofotes dos grandes clubes e ofuscando os projetos sociais nas periferias que buscam a transformação social através do esporte. Afinal, o futebol é um agente capaz de ensinar regras, de promover o respeito ao próximo, de enfatizar o competir em vez do ganhar e perder, de motivar a lutar até o fim, de reconhecer as limitações e buscar a superação, de mostrar que a coletividade pode fazer a diferença se os sujeitos souberem se posicionar, dentro e fora de campo. O esporte pode sim ser um meio para a educação crítica emancipatória, tornando os sujeitos mais seguros de si, enfatizando a participação, a liberdade corporal, a autonomia e a coletividade.

Através da análise textual, chegamos a três tipificações de jogadores representadas na série: o tipo pobre, caracterizado como hegemônico e representativo da maioria desses atletas, o qual é destacado na série; o tipo graduado, representado na série unicamente pelo caso do jogador Victor, ao qual é feita uma concessão na série, e, por fim, o tipo rico, representado pelo exemplo único do jogador Maxwell na série, o qual é representado de forma atenuada. O tipo graduado e rico, por se tratarem de casos raros no esporte, são tidos como representações contra-hegemônicas por desafiarem o padrão narrativo de tais histórias de vida. Tais construções reforçadas pelo discurso telejornalístico se referem a uma construção intencional que reflete uma tentativa de representar milhares de jogadores brasileiros, unificados imaginariamente pela mesma representação. Isso não significa que todos os atletas se reconheçam através dessas características. Significa que é por meio desses aspectos que o telejornalismo esportivo constrói representações dominantes sobre os jogadores de futebol, em um esforço para que a audiência se identifique por meio de imagens estereotipadas e homogeneizadoras,

que representam, a partir do mesmo ângulo, toda a diversidade que gira em torno desse grupo social. Atuando a partir do reforço das mesmas narrativas, o telejornalismo esportivo deixa de construir novos discursos e de atualizar novas possibilidades de ser jogador de futebol no Brasil.

É preciso contestar as tipificações que estão em circulação, construindo definições alternativas, já que, por mais completa que seja uma representação, ela sempre deixará algo à margem e, portanto, sem reconhecimento. Precisamos nos questionar como o telejornalismo esportivo pode contribuir para dar visibilidade às outras formas de ser jogador de futebol no país, como é possível dar conta da complexidade de representar tais identidades. Como jornalistas, devemos buscar novas estratégias narrativas, pautas diferenciadas, sujeitos marginalizados para contar essas histórias de forma diferente, para mostrar o outro lado, para dar voz a quem nunca é ouvido. Precisamos buscar outros ângulos não só para as histórias de sucesso em torno do futebol, mas principalmente para as histórias de fracasso, que são a maioria dentro do esporte, pois essas também integram o complexo quadro real do esporte.

Quando representarmos a pluralidade que envolve o esporte, possivelmente poderemos contribuir para formar uma consciência mais crítica dos telespectadores, mostrando que o futebol não é necessariamente sinônimo de sucesso, mas também envolve fracasso, decisões políticas, estratégias econômicas, políticas públicas de desenvolvimento do esporte nas periferias, possibilidades de transformação social. Estamos falando de uma presença no discurso telejornalístico que reflete uma ausência: a reiteração das histórias de sucesso oculta as plurais identidades brasileiras, as várias formas de brasilidade, os diferentes sotaques, as variadas histórias de vida dos jogadores, impedindo o esclarecimento político e social dos sujeitos, fundamental em um processo democrático.

É preciso ultrapassar o discurso repetitivo e estereotipado, desconstruir preconceitos, avançar para debates mais complexos e dar abertura para reflexões políticas, sociais e econômicas em torno do esporte a fim de podermos cumprir o papel social do jornalismo com o interesse público e mostrar o potencial do esporte como catalisador social, promotor da cidadania e construtor da criticidade. Quando todos tiverem o mesmo ponto de partida e as mesmas possibilidades, poderemos individualizar o sucesso de algumas histórias de vida e relacioná-las ao esforço pessoal e ao talento de cada um. No entanto, enquanto ainda tivermos que conviver com a desigualdade social, com a falta de oportunidades, com a miséria econômica e política,

não poderemos falar em sucesso individual de alguns, mas em fracasso coletivo de todos nós, enquanto sociedade.

Tal proposta de análise cultural-midiática do telejornalismo esportivo não pretende esgotar todos os elementos presentes na cultura vivida, pois sabemos que a realidade é complexa e mutante, tornando-se impossível enquadrá-la em um quadro fixo e pré-determinado. Entretanto, sabemos que é somente a partir do resgate dos elementos presentes na cultura vivida que podemos compreender como as tipificações dos jogadores de futebol construídas pelo telejornalismo esportivo reforçam, atualizam e silenciam sentidos sobre o real, estratégias que implicam efeitos simbólicos e consequências concretas na vida dos sujeitos, evidenciando que toda prática ideológica é material. A vigilância epistemológica contribui para a análise crítica dos elementos preponderantes presentes na sociedade, bem como para o estudo da sua intersecção com as tipificações midiáticas.

Embora não seja possível compreender as representações ideológicas presentes no discurso telejornalístico de forma independente dos elementos da cultura vivida, entendidos como processos sociais materiais, é preciso pontuar a autonomia do telejornalismo esportivo em construir representações que não só reforçam a ideologia dominante, mas também silenciam e atualizam fatos da realidade social. Essa constatação demonstra que o contexto não determina, mas exerce pressões e fixa limites, os quais são frutos de condições sociais e históricas específicas. Assim, para fins de análise, as esferas do diagrama estão separadas para facilitar sua descrição, entretanto, na prática, elas são indissolúveis, inseridas em um processo material, dinâmico e contraditório, ou seja, integrantes de uma experiência histórica ativa e consciente.

Retratando a diversidade e a complexidade da cultura vivida, percebemos que o telejornalismo esportivo insiste em reiterar permanentemente os mesmos valores e imagens em torno dos jogadores de futebol na intenção de perpetuar a ideologia dominante, manter a ordem política e econômica, reproduzir preconceitos e estereótipos e marginalizar representações alternativas, o que demonstra que toda classe dominante se dedica significativamente à produção material de uma ordem social e política. No entanto, essas tipificações hegemônicas podem ser ameaçadas e modificadas no curso da história por formações contra-hegemônicas, que resistem aos padrões narrativos de tais representações, construindo alternativas e potencializando mudanças sociais.

É possível perceber a necessidade de novas pesquisas que discutam outras possibilidades de representação dos jogadores de futebol no telejornalismo, valorizando o estudo de produções independentes, veiculadas em canais abertos, por assinatura ou em redes sociais, que deem voz àqueles que não têm oportunidade de contar sua história, de discutir suas principais dificuldades e de buscar soluções para as desigualdades sociais. Ao privilegiar tais produções como objetos de estudo, estaremos contribuindo, como pesquisadores, para dar representatividade a novas narrativas, mais plurais e democráticas, que respeitem a individualidade dos sujeitos e que deem conta do contexto social em que estão inseridos. Assim, poderemos tornar essas produções reconhecidas e valorizadas pelo público, instigando à construção de outros projetos, atraindo apoiadores, auxiliando na formação crítica da audiência. Como pesquisadores da comunicação, também somos narradores, e temos o dever de representar quem é esquecido, intencionalmente, pelos meios de comunicação, contribuindo para a mudança cultural e para a justiça social.

## REFERÊNCIAS

AIDAR, Antônio Carlos Kfourri. O torcedor como cliente: uma solução para aumentar a receita dos clubes brasileiros. **Cadernos FGV Projetos: Futebol e Desenvolvimento Econômico-social** – junho 2010 – ano 5 – nº 13. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6920/794.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 18 abril de 2016.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. **Cultura e educação**: uma reflexão com base em Raymond Williams. Disponível em <http://27reuniao.anped.org.br/gt03/t0315.pdf>. Acessado em 10 de abril de 2016.

ARFUCH, Leonor. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BECKENBAUER, Franz. Entrevista publicada em **Cadernos FGV Projetos: Futebol e Desenvolvimento Econômico-social** – junho 2010 – ano 5 – nº 13. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6920/794.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 18 de abril de 2016.

BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. **Memória social dos esportes: futebol e política – a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Sobre a independência das emissoras públicas no Brasil. **Revista Eptic Online**, Aracaju, v. 15, n. 2, p. 121-136, maio-agosto de 2013.

CASSETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. **Análisis de la televisión**: instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Paidós: Barcelona, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHADE, Jamil. **Política, propina e futebol**: como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. **A análise cultural**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 24º Encontro da Compós, em Brasília, de 9

a 17 de junho de 2015. Disponível em [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-4df33669-bb03-4c83-92ab-62f8e023bb30\\_2825.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-4df33669-bb03-4c83-92ab-62f8e023bb30_2825.pdf). Acessado em 06 de abril de 2016.

COSTA, André Lucirton. Cultura brasileira e organização cordial: ensaio sobre a torcida Gaviões da Fiel. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, USP, v. 35, n.6, nov./dez., 1995.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. **Antônio Gramsci e o conceito de hegemonia**. Disponível em <https://dariodasilva.wordpress.com/2012/11/30/antonio-gramsci-e-o-conceito-de-hegemonia1/>. Acessado em 31 de maio de 2016.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DaMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA (Org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Du GAY, P. et al. **Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. IN: HOHLFELD, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V.F. (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, ESPM, v.4, n. 11, p. 115-135, novembro 2007.

\_\_\_\_\_. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 135-166.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISKE, John. **Television culture**. Londres: Methuen, 1987.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, PUCRS, n. 28, p. 18-29, dezembro 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GALARRETA, Jorge Francisco Puente Arnão. **Brasileirinhos: representação midiática de jogadores de futebol**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. São Paulo: LP&M, 1980.

GASTALDO, E. L. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 1, n.10, 2003.

GROSSBERG, Lawrence. Does cultural studies have futures? Should it? (Or what's the matter with New York?) Cultural studies, contexts and conjunctures. **Revista Cultural Studies**, vol. 20, nº.1, jan.2006. Routledge: New York, 2006. p. 1-32.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, 22 (2), jul./dez. Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Orgs.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003, p.387-404.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. **Motus Corporis (UGF)**, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v.5, n.2, 1998.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 9-38.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; MACHADO, Alisson. **Comunicação e cultura**: reflexões sobre a análise cultural como método de pesquisa. Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; COIRO-MORAES, Ana Luiza. Estudos Culturais aplicados a pesquisas em mídias audiovisuais: o circuito da cultura como instrumental analítico. **Revista Significação (USP)**, Universidade de São Paulo, v. 41, n. 42, 2014.

LOURENÇO, Rafael de Oliveira. **Esporte, entretenimento e espetáculo**: as narrativas do futebol na cobertura da Copa do Mundo de 2010. Tese, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-79.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

MENESES, Paulo. A cultura no plural. **Revista Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v.20, n. 63, 1993.

MORALES, Andrés. **Fútbol, identidad y poder**. Montevideo: Fin de Siglo, 2013.

MOTA, Célia Ladeira. Imagens do Brasil: televisão e memória social. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. Prefácio do **Cadernos FGV Projetos: Futebol e Desenvolvimento Econômico-social** – junho 2010 – ano 5 – nº 13. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6920/794.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 18 de abril de 2016.

PECENIN, Marcelo Fila. **Discursos do e sobre o futebol brasileiro: o poder midiático na regulação das identidades**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

PROCHNIK, Luísa. **Práticas profissionais e estratégias narrativas no jornalismo esportivo: uma análise de notícias sobre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010 em sites jornalísticos**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA, Simone Maria. A análise cultural da televisão. IN: GOMES, I. M. M.; JANOTTI JUNIOR, J. (Orgs.) **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 177-194.

ROCHA, Ronaldo Inácio. **Storytelling no jornalismo esportivo de televisão do Programa Globo Esporte em Florianópolis**. Monografia, Pós-Graduação do MBA em Jornalismo, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

SANTOS, Boaventura Souza. **Direitos humanos: o desafio da interculturalidade**. Disponível em [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Direitos%20Humanos\\_Revista%20Direitos%20Humanos2009.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Direitos%20Humanos_Revista%20Direitos%20Humanos2009.pdf). Acessado em 21 de janeiro de 2016.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. **A possível estatização da transmissão de futebol no Brasil: ponderações a partir da comparação com Argentina e México**. Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Fernanda Mauricio. **Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SILVA, Orlando. Futebol, um negócio que move paixões. **Cadernos FGV Projetos: Futebol e Desenvolvimento Econômico-social** – junho 2010 – ano 5 – nº 13. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6920/794.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 18 de abril de 2016.

SILVEIRA, Bianca Alvin de Andrade. **A materialização midiática da brasilidade: a cobertura do Jornal Nacional sobre a seleção de futebol e a narrativa da identidade brasileira**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SOARES, Rosana de Lima. **Estigmas sociais em narrativas audiovisuais**: entre consolidação e transgressão. Disponível em: [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt5\\_rosana\\_de\\_lima\\_soares.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt5_rosana_de_lima_soares.pdf). Acessado em 04 de abril de 2016.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.13-69.

SOUZA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura esportiva na televisão**: jornalismo ou entretenimento?. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma para compreender o mundo hoje**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

## Apêndice

Neste apêndice, traremos a transcrição das três reportagens da série especial do Jornal Nacional analisadas neste trabalho relacionadas às histórias de vida de Maxwell, Victor e Daniel Alves. As iniciais dos nomes dos personagens estão postas entre parênteses antes da fala de cada um. No início de cada transcrição, há a explicação de cada abreviação. Na transcrição, além das falas dos personagens e as do repórter, consta, em itálico, uma breve descrição das imagens associadas ao texto. A duração de cada reportagem está ao lado do nome de cada jogador.

### Maxwell – 6'12''

(TM): Tino Marcos - repórter  
 (LD): Laurindo Dubra – técnico de natação  
 (M): Maxwell  
 (MP): Maria Paulina – mãe  
 (JA): José de Andrade – pai  
 (FeE): Filhas e Esposa  
 (GA): George Andrade – irmão

*Inicia com cenas de alguém treinando na piscina e o treinador marcando o tempo.*

(TM): Não é uma palavra. É só uma pontuação. Uma marcação para os atletas.

*Mostra um nadador treinando em um clube de classe média alta e o treinador acompanhando.*

(TM): O professor Laurindo Dubra já revelou nadadores olímpicos, mas poucos foram tão marcantes quanto aquele menino parrudinho, que arrancava medalhas de bronze e de prata do peito assim que as recebia. Só as de ouro serviam.

*Imagens de Maxwell competindo na infância.*

(LD): Era um garoto competitivo.

(M): Eu era e sou ainda competitivo demais.

(TM): Lá embaixo, ladrilhos, mas, em cima, a linha d'água. E, no horizonte, parede do Clube Libanês do Espírito Santo. Oito anos aqui, indo e vindo. Dos quatro aos doze, quase a infância inteira. E o garoto tinha talento. Maxwell, um dos melhores velocistas do Espírito Santo na faixa dos onze anos de idade.

*Tino Marcos está no clube. A câmera acompanha debaixo d'água um nadador para demonstrar a fala do repórter.*

*Cenas de Maxwell competindo na infância e ganhando competições de natação.*

(TM): Mas o menino também era o ala driblador do futsal. Era famoso na cidade. E algumas competições de natação e futsal caíam na mesma hora.

*Cenas de Maxwell jogando futsal na infância.*

(LD): Nós, da natação, sempre queríamos que ele ficasse aqui, né?

(M): Em algum momento, você tem que se decidir se vai se dedicar mais de um lado ou mais pelo outro.

(MP): É piscina, bola...

*Eco da fala da mãe de Maxwell. Cenas intercaladas do jogador nadando e jogando futsal.*

(TM): É piscina ou bola? Bola!

*Cena de uma bola emergindo da piscina.*

(TM): É, professor Dubra...

(LD): Essa eu perdi.

(TM): Maxwell vivia numa família com todo o conforto material. E os pais diziam não aos convites para que o garoto ferinha do futsal saísse de Vila Velha, no Espírito Santo.

*Cenas de Maxwell na infância com amigos, em festas juninas, em formaturas da escola, em jogos de futebol, andando a cavalo.*

(JA): Até que com 14 anos e meio, quase 15, ele foi fazer um teste no Cruzeiro. Aí não tinha como segurar mais.

(M): Eu acho que eles sentiram, assim, essa culpa dos outros convites, e falaram: “vai, que ele não vai ficar, ele não vai voltar”. E já não voltei mais.

(TM): Aprovado no infantil do Cruzeiro. Passou a morar em Belo Horizonte e a concorrência no clube era grande.

*Cenas de Maxwell adolescente jogando no Cruzeiro.*

(M): Tinha jogadores de muita qualidade, do país inteiro. E, todo ano, era aquela incerteza. Será que eu vou continuar?

(TM): Em tempos de incerteza, o time júnior do Cruzeiro partiu para um torneio na Holanda e Maxwell foi o destaque.

*Cenas do jogador viajando com os colegas de time.*

(M): Tudo o que eu fazia dava certo, né. A gente acabou chegando na final, ganhamos o campeonato.

(TM): Tudo se encaixava.

(M): Foi um ano que o Ajax precisava de um lateral esquerdo jovem pra equipe principal.

(TM): Comprado por três milhões de reais. De repente, um certo lateral do Cruzeiro virava titular do Ajax da Holanda.

*Cenas de Maxwell jogando no Ajax, comemorando gols com os colegas de clube.*

(TM): E seis meses depois...

*Fotos do irmão de Maxwell. Close no rosto do irmão. Trilha de impacto.*

(MP): Aí veio a perda do Gugu, infelizmente, né.

(JA): Ele perdeu o irmão depois de seis meses que ele estava lá. Foi um choque muito forte.

*Close no olhar triste de Maxwell.*

(M): A cicatriz fica, acho que pra mim e pra toda a família, mas a vida segue. Eu procurei ter força e... Desculpa.

*Cena de Maxwell chorando enquanto fala.*

(TM): Aos 23 anos, Gustavo morreu em um acidente de carro.

*Cena da foto do irmão de Maxwell em realce.*

(MP): O Maxwell nos abraçou e nos levou pra Holanda.

*Close no olhar da mãe de Maxwell.*

(TM): Os pais foram viver lá.

(MP): Fomos nos envolvendo com a vida dele e deu pra gente respirar.

(TM): Maxwell não desanimou. A carreira decolou. Do Ajax para o Inter de Milão. Depois, Barcelona. E, por último, Paris Saint-Germain da França. Em todos esses clubes, teve a companhia de Zlatan Ibrahimović. O sueco, um dos principais atacantes do mundo.

*Close no olhar e no sorriso de Maxwell. Fotos de Maxwell jogando no Ajax, no Inter de Milão, no Barcelona e no Paris Saint-Germain. Fotos de Maxwell jogando com o amigo Zlatan Ibrahimović.*

*Cenas da entrevista com Zlatan Ibrahimović. Tino Marcos traduz.*

(TM): Diz que Maxwell é o melhor amigo dele dentro e fora do campo. Eles tinham dezoito anos. Chegaram no mesmo dia para viver em Amsterdã. Ibrahimović torrou o primeiro salário num carrão. Precisou ser socorrido pelo novo amigo.

*Fotos de Maxwell e Zlatan treinando, jogando e fazendo festa juntos. Close na cara feliz e brincalhona de Zlatan.*

(M): Ele falou: “Olha, Max, eu não tenho o que comer. Deixa eu ficar na tua casa”. Eu falei: “Pô, vem pra cá”.

Cenas de Zlatan aplaudindo uma jogada em campo.

(TM): Juntos conquistaram 20 títulos ao longo da carreira. Hoje, aos 32, Ibrahimović será uma ausência importante no Mundial do Brasil. A Suécia não se classificou. Vai torcer pelo Brasil de Maxwell.

*Cenas de Zlatan jogando com a camisa da Suécia e de Maxwell com a da Seleção Brasileira.*

(TM): O menino que saiu cedo de casa hoje tem mulher e três filhos.

(FeE): Boa sorte, papai!

(TM): Vai jogar a Copa por elas e pelo irmão que perdeu e pelo que ficou. Vai jogar pelo pai e pela mãe, que sempre exigiu a prática de esporte. Deu e dá exemplo.

*Cenas que mostram as filhas, a esposa, o irmão que faleceu, o outro irmão, o pai e a mãe.*

(GA): A gente brinca que ela é psicopata do esporte, né.

(TM): Dona Maria é maratonista.

(M): Quando eu parar de jogar bola, ainda vou correr uma maratona com ela por aí. Acho que acompanhando ela por tanta coisa que ela já fez por mim, eu vou fazer o sacrifício de correr uma maratona com ela.

(TM): O ex-nadador vai virar maratonista, mas antes o jogador de futebol tem o compromisso mais importante da carreira: a Copa no país que ele deixou aos 18 anos. E não é de hoje que, pra ele, só o alto do pódio é o que interessa.

*Cenas de Maxwell jogando com a camisa da Seleção. Finaliza com uma foto de Maxwell na infância, ocupando o primeiro lugar no pódio. Som da torcida ovacionando.*

### **Victor – 5’55’’**

(TM): Tino Marcos – repórter

(NB): Neusa Bagy - mãe

(V): Victor

(R): Rose - professora

(G): Gisele – esposa

(GA): Gisselma Anastácio – coordenadora do projeto social

(TM): O nome é grande, comprido, como o cidadão ilustre da cidade. Santo Anastácio, interior de São Paulo. Aqui começa uma história de muitas realizações.

*Tino Marcos está no portal com o nome da cidade onde Victor nasceu.*

(NB): Até me perguntaram: “A senhora que é mãe do santo?”. Eu falei: “Não, eu sou mãe do Victor, né. Santo ele não é, não”.

*Mãe do Victor dá entrevista a Tino Marcos. Mostra-se orgulhosa e alegre com o filho.*

(TM): Olha, Dona Neusa, no mundo do futebol, há controvérsias.

*Cenas de Victor jogando, defendendo pênaltis, sendo ovacionado pela torcida e abraçado pelos colegas de time. O narrador de um jogo grita o nome de Victor depois de ele ter defendido um pênalti.*

(NB): Foi herói mesmo, foi considerado santo.

(V): Olha lá São Victor, olha lá São Victor.

*Outras pessoas relacionadas ao jogador repetem a expressão “São Victor”.*

(TM): Sempre que ele chega em Santo Anastácio, a terra natal...

(V): E aí, ô milagroso? E aí, São Victor?

(TM): Três pênaltis defendidos na reta final da inédita conquista da Taça Libertadores para o Atlético Mineiro. Assim surgiu o apelido “São Victor”. Era o auge da carreira no ano passado.

*Cenas de Victor em campo, defendendo gols, sendo aplaudido pela torcida e pelos colegas de time.*

(TM): Em frente ao altarzinho que a Dona Neusa tem no quarto, a oração é todo dia. Desde que o caçula de três irmãos saiu de casa aos 14 anos para jogar pelo Paulista, clube de Jundiaí, quase 600 km de casa.

*Cena de uma vela sendo acesa. Música calma.*

(NB): Só Deus sabe o quanto eu sofri, o quanto o pai dele sofreu, os irmãos... Sofremos demais, demais da conta. Mas não podia demonstrar, né?

(V): Isso foi também muito importante no sentido de gerar responsabilidade. Você não tem mais seus pais pra responder por você.

(TM): Venceu sozinho, tornou-se profissional no Paulista, ganhou a Copa do Brasil de 2005. E algo raríssimo no futebol: terminou uma faculdade. Professor de Educação Física, caso o goleiro profissional não desse certo.

(V): As duas coisas aconteceram. Consegui me formar e consegui ter a minha carreira no futebol.

*Cenas de Victor com a toga no dia da formatura, pegando o diploma.*

(TM): Sucesso acadêmico não era novidade para ele.

*Cenas de Victor na infância em festas da escola, na sala de aula, com colegas.*

(V): Sempre fui bom no colégio. Tirava boas notas no colégio.

(TM): Tertuliano de Area Leão. É esse aí, onde Rose e Matilde se perfilam. Professoras aposentadas, vieram aqui pra falar do aluno.

*Fotos envelhecidas de Victor na infância, tirando fotos pra escola. Mostra a frente da escola. Logo depois, aparecem as duas professoras, sorrindo, dando entrevista.*

(R): Coisinha mais linda do mundo. Rosadinho, um aluno inteligente, aplicado, educado. “Victor, amanhã a tabuada do 6!”. Ele já vinha com a do 6 e a do 7.

(NB): Chegava lá era só 10. Sempre foi assim.

(TM): O melhor da turma. Como se não bastasse, o temperamento.

*Cenas da escola onde Victor estudou: muito simples.*

(R): Dócil, dócil.

(TM): O tempo passou, o menino virou um goleiro famoso. Foi jogar no Grêmio, o melhor do Brasileirão em 2008. No ano seguinte, Seleção. Hoje, Atlético. O tempo mudou muita coisa, mas o temperamento...

(G): O Victor ser humano é 20 vezes mais fantástico do que o Victor goleiro.

(TM): Gisele, esposa.

(G): Ele é o ser humano onde eu quero chegar, assim.

(TM): Gisele, esposa encantada.

(G): Quando a gente tiver um filho, ele tem que te puxar assim do cabelo aos pés. É uma pessoa fantástica.

(TM): Ele não tem defeito não, é?

(G): Talvez ele se irrite um pouco no trânsito. Acho que é a única forma de tirá-lo do sério.

(TM): Segundo Dona Neusa, santo não. Um grande exemplo, isso sim.

(NB): Ele tem um coração, nossa, imenso. O coração dele é grande demais.

(TM): A prova disso, segundo Dona Neusa, está diante dela. Sessenta crianças de famílias pobres digitam, brincam, fazem arte. De certa forma, é como o ofício do goleiro: é no chão, é com as mãos e, no caso deles, é com gratidão. Palavra que, por aqui, começa com V. Obrigado, obrigado, a importância dele em cada cartaz. O projeto é bancado por Victor e amigos da igreja.

*Cenas das crianças do projeto rezando com a mãe de Victor. Cenas das crianças desenhando deitadas no chão. Cartazes feitos pelas crianças com o nome de Victor e “muito obrigado”.*

(GA): A referência deles aqui somos nós, educadores, como voluntários, e também a presença do Victor.

(V): As crianças têm entrado lá e evoluído de forma muito positiva.

(GA): Quisera o mundo tiver tantos outros “Victors” assim... O mundo seria melhor.

(TM): Não foi por bom coração que Victor se fez goleiro convocado pra Copa. O currículo na Seleção está à altura do aluno de outrora. Seis jogos, apenas um gol sofrido para Lionel Messi. Victor e Gisele não têm filhos. Tem é Alícia, Muli, Luma.

*Cenas de Victor brincando com os cachorros no quintal de casa.*

(G): O Victor tem, às vezes, três períodos, né? Dois períodos no clube e um com a Luma.

*Cenas de Victor jogando bola com Luma, uma labradora, em casa.*

(TM): A goleira Luma. O dono da casa vai brincar de goleiro de Copa do Mundo nos próximos dias. Dona Neusa, religiosa, jamais vai falar em São Victor.

(NB): Mas, se vocês acham que ele é santo, vamos rezar pra São Victor, né?

(V): Quero fazer história e quero sair na foto de campeão aí. Ser eternizado na memória do torcedor brasileiro.

(TM): E com toda a energia que vem lá de Santo Anastácio.

*Cenas dos rostos das crianças do projeto sorrindo. Foco no olhar.*

(V): A gente conta com a ajuda destes pequenos pra ajudar o Brasil a ser hexa.

*Cenas de Victor defendendo gols, sendo ovacionado pela torcida e abraçado pelos colegas de time.*

**Daniel Alves – 5’56’’**

(TM): Tino Marcos – repórter

(DA): Daniel Alves

(V): Vizinho

(AA): Alex Alves – primo

(D): Domingos – pai

(NA): Ney Alves – irmão

*Cenas da cidade onde Daniel nasceu. No sertão da Bahia: um cenário árido, com uma igreja abandonada. Giro de 360 graus com a câmera. Poucas casas, bem simples.*

(TM): Não importa pra onde a cabeça gire. A cena é a mesma: muita aridez. Poucas casas ao redor. Comunidade de Umbuzeiro, distrito de Salitre, município de Juazeiro.

(DA): Eu sou muito orgulhoso da minha história de vida.

(TM): Aqui nasceu Daniel, no sertão da Bahia, onde ainda se valoriza o que se tem.

(V): Tenho pé de limão, tenho pé de romã, tenho.

*Cena de dois vizinhos sentados numa rede, em uma casa bem simples.*

(DA): Eu sei o quanto foi difícil, o quanto eu tive que ralar, o quanto eu tive que acordar às cinco horas da manhã, eu sei o que é a vida.

*Cena de uma mulher trabalhando, com um pano na cabeça, para se proteger do calor.*

(TM): Cabeça, olhos, pele. É preciso se proteger sob um sol de trinta e muitos graus para que a colheita seja segura e eficiente e que termine com essa sugestiva combinação de cores: o verde e o amarelo. A lavoura de melão é ainda o ganha-pão de Alex, primo de primeiro grau de Daniel.

*Cenas da lavoura de melão. Aparece um homem trabalhando com diversos aparatos para se proteger do sol. Aparecem cactos em meio à plantação. Melões bem amarelos na grama verde.*

(AA): Era um molequinho atirado, brincalhão, pescador...

(TM): O menino ajudava o pai na roça. Melão, no dicionário de Daniel Alves, é nostalgia.

*Trilha de superação.*

(DA): O melão é um parceiro que convivia comigo continuamente, que eu cuidava direitinho, que eu regava direitinho, que eu colocava o adubo direitinho pra ele crescer bem, pra ele ficar super verdinho, lindo e maravilhoso.

*Cena de alguém cuidando do melão no momento da colheita.*

(TM): Aprendia tudo com aquele senhor de chapéu. Claro, de chapéu.

(D): Já viu um homem na roça sem chapéu? Não é da roça.

(TM): Seu Domingos.

(D): Às quatro horas da manhã, você já vê os galos cantar, já dá vontade de levantar.

(DA): Ele acordava às cinco da manhã, eu acordava às cinco da manhã. Ele ia fazer aquilo, eu queria fazer com ele. Ele é meu herói. Acho que ele é meu herói, sem dúvida.

(TM): Seu Domingos segue na roça, agora como dono do sítio.

(D): Nós planta melão, cebola, couve, manga e os pés no chão.

*Cena da entrevista do pai de Daniel, sorridente ao falar sobre a vida na roça.*

(TM): E sem chance para a seca.

(D): O Velho Chico que não seca.

(TM): Às margens do rio São Francisco, a água sempre jorra.

*Cena de um sistema moderno de irrigação implantado no sítio do pai de Daniel.*

(D): É o paraíso com certeza.

(TM): A sete mil quilômetros do paraíso de Domingos, Daniel é um cidadão de poucas possibilidades em termos de privacidade na rua. Há seis anos, é dono de um dos terrenos mais valorizados do futebol: a lateral direita do Barcelona. O menino de Salitre. Um predestinado?

*Cena de Daniel Alves jogando no Barcelona. Cena de uma criança correndo na terra árida da cidade natal do jogador.*

(DA): Ah, eu penso que sim.

(TM): Tinha treze anos quando seu Domingos deixou o garoto ir morar com o irmão em Juazeiro pra jogar no time da cidade há 30 km da roça onde morava. E as fofocas pipocavam no povoado...

*Fotos de Daniel com amigos e irmãos. Foto de Daniel bebendo com amigos.*

(NA): É um maluco. Vai levar os moleques pra cidade, pra se drogar, pra passar fome.

*Irmão de Daniel Alves se emociona ao falar.*

(TM): Seria o início de um conto de fadas. Do Juazeiro para o tradicional Bahia. A concentração onde vivia ainda não era exatamente um luxo.

*Cenas de Daniel jogando com a camisa do Barcelona, sendo ovaciona pela torcida e abraçado pelos colegas.*

(DA): Família normal, né, o filho vai dormir e conta carneirinhos. A gente contava barata, contava essas coisas, né.

(TM): E o que levava na mala quando chegou? Espaço.

*Imagem de uma mala velha e vazia.*

(DA): Tinha duas peças de roupa, né. Então, era uma usava e a outra lavava. Só que eu não sabia se colocasse pra estender na tua beliche, ela podia desaparecer. Quando eu voltei, ela não tava mais.

(TM): Hoje o armário ficou mais variado. Desde a infância na roça, se imagina assim, famoso.

*Imagens de Daniel Alves vestindo roupas modernas, de grife. Imagem do jogador dando autógrafo para uma fã com deficiência física.*

(DA): Eu ensaiava autógrafo, porque eu tinha o sonho de conseguir ser alguém em algo. Não era precisamente no futebol.

(TM): O irmão, Ney, lembra da ficha na escola que ele e Daniel receberam.

(NA): “Quem você quer ser quando crescer?” Aí, no dele e no meu tinha assim: músico ou jogador de futebol.

*Cenas do irmão tocando instrumentos e cantando forró em um estúdio.*

(TM): Ney Alves, ex-zagueiro do Juazeiro e hoje forrozeiro. Músico ou jogador de futebol? Para os dois irmãos, eram esses os caminhos. Os filhos de Domingos.

*Imagens intercaladas de Daniel jogando futebol com a camisa da Seleção e do irmão Ney cantando.*

(DA): Se não tem Brasil, a gente traz. Tem samba todo dia. Parei num sinal e comecei a batucar e cantar, sabe? Tinha um casal, assim, morrendo de rir, tipo, não entendendo nada.

*Imagem de Daniel Alves dirigindo um carro de luxo pelas ruas de Barcelona. Daniel está muito bem vestido e sempre de óculos escuro. Trilha sonora composta por músicas do samba. Cenas de Daniel Alves jogando com a camisa da Seleção Brasileira.*

(TM): O casal certamente não sabia de quem se tratava. Era o menino de Juazeiro, o filho de Seu Domingos.

*Daniel Alves canta um trecho da música Trem das Onze, de Adoniran Barbosa, enquanto dirige seu carro.*

(DA): “Moro em Juazeiro... Se eu perder esse trem, eu te confesso e agora não vou conhecer o mundo inteiro”.

*Daniel Alves dá uma risada de deboche da adaptação que fez da música e continua dirigindo.*